BELLEZAS

DE

COIMBRA.

POR

ANTONIO MONIZ BARRETO CORTE-REAL,

Estudante da Universidade.

PARTE PRIMEIRA.

COIMBRA,

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1831.

Com Licença da Real Commissão de Censura.

Siqua meis fuerint, ut erunt, vitiosa libellis,
Excusata suo tempore, lector, habe:
Exul eram, requiesque mihi, non fama petita est;
Mens intenta suis ne foret usque malis.

Ovid. Trist. L. 4. El. 1.

CARTA A JULIA,

SERVINDO DE INTRODUCÇÃO.

ENte mimoso, que tens o imperio desta alma, consente, que o teu doce nome se esconda debaixo do nome de Julia; deste nome harmonioso e ternissimo, com que costumão os amantes imaginarios baptizar o objecto de suas vagas paixões.

Julia, ó Julia, tu não és para mim um sonho, com que engane o pensamento, és uma pura realidade, és mais do que eu, és o Universo inteiro. Embora illudão os outros só com teu nome o seu coração, e com suas palavras ambiguas queirão deixar-nos em duvida se és ou não habitante do paiz das chimeras; que tu não és para mim uma illusão, és minha propria existencia.

Julia, ó minha Julia, que estarás tu fa-

zendo a esta hora, em que o Astro dos amantes, rompendo as vastas solidões do Ceo, entorna sobre estes campos uma mysteriosa saudade? Talvez, ah! talvez, que teus lindos olhos, pregados nesta rainha das noites, alli se encontrem com os meus! Talvez que o teu pensamento agora mesmo se occupe com as minhas lembranças! Talvez que estejas marcando os gráos de infinita distancia, que me separão de ti! Talvez que estejas pintando na idêa as vastas planicies do Atlantico, as montanhas altissimas, que se mettem entre nós, ah! e que estejas contando estes annos, estes compridos annos, que mais parecem seculos, que tem marcado seis vezes com ponteiro de ferro a eternidade da nossa ausencia.

Julia, ah! Julia, tu vives tão longe de mim, e nem ao menos conheces a terra, que possue o teu amante, nem ao menos formas a mais leve idêa dos objectos, com que elle se entretem, e com que suaviza a saudade, que dilacera sua alma. Mas... não... tu

não os ignorarás por muito tempo. A pezar de não poderes saír desse imperceptivel torrão, que lá jaz semi-engulido pelas ondas do Atlantico; Julia, ó minha Julia, tu vas gozar comigo as delicias deste Ceo, que se estende sobre os campos de Coimbra; vas visitar comigo a Cidade de Affonso Henriques: has de contemplar as raridades, de que a natureza e a arte enriquecêrão a Terra das Luzes: hei de levar-te á nossa Academia, a este jardim das Sciencias, onde a Mocidade Portugueza vem colher as flores da sabedoria. Aqui verás passeando pelos majestosos Geraes o Theologo, o Jurisconsulto, o Philosopho, o Mathematico e o Medico.

Aqui ouvirás as lições dessas Verdades sublimes, que forão reveladas ao mundo pelo proprio Deos.

Aqui ouvirás a analyse dessas leis eternas, que nascem com o homem, e de que o Auctor da Natureza formou o Codigo Sagrado, que existe em nosso coração: aqui verás meditando em silencio um pequeno

numero de sabios sobre estas leis, que firmão a paz e terminão a guerra, em quanto a ambição dos homens perversos busca baptizal-as em rios de sangue.

Aqui ouvirás explicar as leis desse Povo, que foi Conquistador e Legislador, as quaes ainda respirão a grandeza e sabedoria, que formárão o character dos Senhores do Mundo.

Aqui admirarás as leis dictadas por esse Legislador Sagrado, as quaes sendo prudentemente combinadas com o governo temporal, promovem a paz e a ventura dos Povos, mas que tem em todos os seculos excitado tempestades violentas, quando mãos ardilosas buscão alargar seus justos limites.

Aqui verás explicada a sciencia, que foi creada pelos Euclides e Archimedes, e aperfeiçoada pelos Newtons e Laplaces. A sciencia de Hippocrates e Galeno, tambem chamará a tua attenção.

Em fim acharás, que Deos, a Natureza e o Homem são os objectos, em que se

emprega uma porção escolhida de sabios, que dando um adeos á fortuna, cultiva a arte difficillima de esclarecer os homens. N'uma palavra, aqui acharás explicado o Mundo Physico e o Moral.

Hei de levar-te á Bibliotheca, e correr comtigo este universo literario, onde estão por sua ordem os grandes Genios do mundo dizendo á Posteridade na mudez e no silencio quaes forão suas idêas, quaes seus pensamentos. Aqui saudarás os Homeros, os Euclides, os Tullios, os Newtons, os Descartes, os Galileos, os Copernicos, e todos esses homens illustres, que luzírão como astros de sabedoria entre as Nações da terra.

Hei de levar-te ao Jardim Botanico, a esta vasta Republica de Vegetaes, disposta e ordenada segundo as leis, que lhe deo o sabio Legislador das Aves. Aqui saudarás a Palmeira da India, a Roseira do Japão, a Magnolia da America, e muitas outras plantas, que a natureza lá fez nascer entre os gelos do Norte, ou nos tostados desertos da

Africa. Em fim hei de mostrar-te todas as Maquinas e Instrumentos scientificos, que enriquecem a Universidade.

Dêmos pois começo á tarefa. Eu nada descreverei, que não eleve a alma, encante o espirito, e nos encha o coração de ternas sensações.

Nota. A Primeira Parte desta obra consta da Historia da Cidade de Coimbra, e a Segunda da Historia da sua Universidade.

CAP. I.

Fundação de Coimbra.

Carpite nunc, tauri, de septem collibus herbas,
Dum licet. Hic magnae jam locus urbis erit.

Tibullo.

Coimbra está fundada no coração da Monarquia, servindo de remate á côroa da Europa, que é o nosso Portugal (*a*). Ella esteve antigamente no sitio, onde hoje se encontrão as ruinas de Condeixa a Velha. Esteve sujeita por largo tempo ao Imperio Romano. Mas um diluvio de Barbaros inunda a Hespanha em 409, e o Mondego reconhece o senhorio dos Suevos (*b*). A ambição de ganhar territorio domina Ataces, rei dos Alanos, e o sceptro de Coimbra foge das mãos a Hermenerico. Ataces senhor de Coimbra a despovôa e arraza, temendo a segurança das suas for-

(*a*) *Flores de España.*

(*b*) *Monarq. Lus.* Liv. 6. c. 2. No anno 409 invadirão os Alanos, Suevos e Vandalos a Hespanha. Os Alanos sob o commando de Resplandiano occupárão a Lusitania, e a Provincia de Carthagena. Os Vandalos e Suevos, guiados por ElRei Hermenerico, fizerão assento na Galliza, cuja metropole era Braga. Pela morte de Resplandiano succedeo no reino Ataces.

talezas. Encantado porém da formosura do Mondego, e da amenidade dos seus campos, vai lançar junto delle os alicerces de uma nova cidade, a que dá o nome de *Col-imbria*, *oiteiro de chuvas* (*a*).

Ataces, convertido ao Christianismo, mas Ariano de seita, persegue os Catholicos com incrivel ferocidade (*b*). Os prisioneiros ou são degolados diante dos muros da nova cidade, servindo-lhe os seus corpos de alicerces, ou empregados como azemolas na sua edificação. Os mesmos Ministros do Eterno não escapão á tyrannia de Ataces: elle manda trabalhar todos na construcção das muralhas. Elipando, o santo Bispo de Coimbra, tambem alli andava acarretando a pedra e o barro para as

---

(*a*) « Nos antigos auctores, diz Bluteau no *Vocab.*, é chamada por muitos nomes, a saber: *Conimbrica* de *Conus*, que em latim é *pinha*; porque o sitio, ondo ella está com casas apinhadas, o parece: *Collimbrica* de *collis*, *oiteiro*; porque parte consideravel da cidade é assentada em oiteiros; de *collis-imbrium*, que significa *oiteiro de chuvas*, por causa da sua frescura em sitio eminente; ou porque foi fundada pelos povos *Colimbricos*, que vierão em companhia de outras nações muitos annos antes da vinda de J. C.: *Colimbriga* ou *Lancobriga* de *Brigo*, antigo rei de Hespanha. » Vid. o Padre Luiz Cardoso *Dicc. Geogr.*

(*b*) A maior parte dos habitantes de Coimbra erão Catholicos, assim como Hermenerico.

obras da cidade. « Passando pela nova Coimbra (diz Arisberto, Bispo do Porto, escrevendo a Samerico, Arcebispo de Braga), alli vi trabalhando na construcção dos seus muros muitos Ministros de Deos; entre elles andava tambem por ordem de Ataces o Bispo Elipando: chorei com elles a sua desgraça, e a perda desta fertil provincia do Imperio Romano (*a*). » Devemos pois aos Catholicos os muros de Coimbra, que forão amassados com o suor de uns, e baptizados com o sangue de outros.

Hermenerico não perde as esperanças de resgatar as terras, que lhe tomára Ataces. Atravessa o Douro, e apparece com o seu exercito diante dos novos muros de Coimbra. Mas Ataces triunfa, e segue Hermenerico até ás margens do Douro, onde este rival lhe compra a troco da filha a paz e alliança.

Ataces, coroado com os louros da victoria, continúa com grande fervor a edifica-

(*a*) « Transeuntes Conimbriam novam, vidimus ibi multos Dei Ministros laborantes, jussu Atacis, in constructione murorum novae arcis, quam ipse supra Mundam facit (devastata jam prima populatione): ibi erat servus Dei Elipandus Episcopus, et Essenus presbyter, et multi alii servientes in operibus: flevi cum illis comparem afflictionem, et ablatum in Lusitania jus imperatorum. » D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, p. 43.

ção da cidade. Recreava-se vendo crescer os muros da nova capital do seu imperio. Hermenerico o vem buscar a Coimbra, trazendo-lhe a Princeza Cindasunda, que florecia na idade e na belleza. Ataces, para mostrar a sua gratidão, mandou pintar nas bandeiras o retrato da sua esposa, mettida n'um vaso, com uma serpente de um lado, e do outro um leão avançando para ella. Erão estas as insignias de Ataces e Hermenerico. Cindasunda tem os olhos no Geo, e as mãos levantadas, como dando graças ao Eterno de ter sido medianeira entre o pai e o esposo, e de ter unido com vinculos de paz e amizade a serpente e o leão, até alli inimigos.

Como se andavão edificando os muros e as torres da cidade, os obreiros esculpião nas pedras esta insignia tão agradavel ao Rei, que até hoje tem sido as Armas de Coimbra (*a*). Cindasunda, professando o Catholicismo, firmou os vinculos de paz entre os dous reis, e melhorou a sorte dos habitantes de Coimbra, mitigando o animo feroz de Ataces contra os Catholicos.

Os Romanos reedificárão a antiga Coimbra

(*a*) No Arco de Almedina se achão estas Armas, assim como no chafariz da Fonte-Nova, e em outros lugares.

bra, e nella se defendêrão por algum tempo contra as armas victoriosas de Remismundo, Rei dos Suevos, até que cedêrão ao vencedor, que a sepultou em ruinas.—*Colimbricam pace deceptam deripuit et exhausit.* Chron. Ostrog. (*a*).

Ataces buscando alargar os seus dominios pelas terras sujeitas aos Romanos, é morto no campo da batalha. Os Alanos juntão-se a Hermenerico, o qual tracta os Lusitanos com summa benignidade, dando aos Bispos, que gemião em duro captiveiro, a liberdade de voltarem para suas Dioceses, e reedificar os templos destruidos pelos barbaros.

Os Suevos retirão-se para Galliza, onde tinhão os seus, deixando a Lusitania aos Alanos; e fundão um reino, que dura 177 annos desde Hermenerico até o tyranno Andeca, a quem Leovigildo, rei dos Wisigodos

(*a*) *Monarq. Lus.* L. 6. c. 9. Ainda que Ataces despovoasse a antiga Coimbra, e fundasse uma nova, depois que os Romanos novamente a edificárão, ambas erão povoadas, e ambas tinhão o seu Bispo; porque no oitavo Concilio de Toledo, celebrado em 652, se falla de dous Bispos, Celidonio *(Episcopus Colimbriensis)* e Siseberto (*Episcopus Conimbricensis*). Resende conjectura ser o primeiro Bispo de Condeixa a Velha, e o segundo da nova Coimbra. Vid. *Geograf. Hist.* de Luiz Caetano de Lima, cap. 11.

na Hespanha, arranca o sceptro, que elle usurpára, e sujeita os Suevos á Hespanha. Dura este imperio até 712, em que uma alluvião de Mouros, commandados por Tarif e Musa, atravessão o Mediterraneo, inundão a Hespanha, e pondo tudo a ferro e fogo, extinguem o imperio Gothico, que contava 300 annos de idade. Coimbra seguio a sorte da Peninsula (*a*).

D. Paio, unico ramo, que restava do tronco Real dos Godos, desbarata na batalha de Ausena 20$\frac{3}{4}$ inimigos, e é acclamado Rei das Asturias, á cujas montanhas se tinhão acolhido os nossos, fugindo á furia dos Mouros no anno de 717. Hespanha com esta victoria começa a respirar algum tanto, e a cobrar algum alento: e daqui tiverão principio as diversas Monarquias, que pouco e pouco se forão levantando em Hespanha a pezar da opposição dos Mouros.

(*a*) Vid. Jeronym. Soares Barb. *Epitome Lusitanae Historiae.* Dizem, que o Conde Julião, estimulado da affronta, que o novo Rei D. Rodrigo lhe fizera, defforando por força a sua filha Cava, foi o que induzio os Mouros a virem acommetter D. Rodrigo, que foi vencido em Xerez; e fugindo até o interior de Portugal, pouco depois morreo nos arrabaldes de Viseu; pois na Igreja de S. Miguel se lê um letreiro, que declara, que naquelle lugar jaz D. Rodrigo, ultimo Rei dos Godos: *Hic jacet Rodericus, Gothorum Rex ultimus.*

O undecimo successor de D. Paio livra Coimbra do jugo de Mafoma (an. 862); mas Mahomah-Almançor a tira a Ramiro III, em 982.

Coimbra chorava no silencio da oppressão a perda da sua liberdade, quando lhe luzio dos Ceos um raio de esperança. D. Fernando Magno, que foi o primeiro que se intitulou Rei de Castella, descançava victorioso em Carrião das fadigas da guerra. Dous Monges de Lorvão buscão o vencedor, e lhe aconselhão a conquista de Coimbra. A Cidade de Ataces é logo sitiada, e sobre a torre de Hercules tremulão as bandeiras Castelhanas em 28 de Julho de 1064. Os vencedores entrão pela Porta da Traição. E aqui temos resgatados pelos Monges de S. Bento aquelles muros, que tinhão sido amassados com o suor dos Catholicos. Uma porção não pequena de gloria coube nesta conquista ao célebre D. Rodrigo de Bivar.

Ainda hoje se conservão monumentos desta grande victoria. *Arco de Almedina*, é uma voz, que passando pelo meio dos seculos, nos testifica o destroço dos adoradores de Mafoma. Esta palavra na lingua mourisca significa *porta de sangue*. A Igreja de S. João *de Almedina* é um nuncio daquelles tempos, que está contando á posteridade os

rios de sangue musulmano, que alli derramárão os Christãos (*a*).

D. Fernando retirando-se para Castella, deixou o governo da Cidade ao Conde D. Sisnando, que alargou a sua jurisdicção, fazendo tributario o Rei de Leiria (*b*).

Erão tres os filhos d'ElRei D. Fernando; e elle como pai estimando igualmente a todos, fórma tres Monarchias do seu Reino. A D. Garcia coube o Sceptro de Galliza e Portugal. D. Sancho annulla as partilhas, e marcha contra D. Garcia, que tinha sua Côrte em Coimbra. Este vendo-se sem General prudente, que o dirija na guerra, manda chamar D. Rodrigo de Froias, que se tinha retirado a Navarra por ter morto um valido do

---

(*a*) Vid. *Historia Breve de Coimbra*, pelo Licenciado Bernardo de Brito Botelho, o qual dá áquelles termos esta etymologia, de que duvído muito á vista da interpretação, que lhe assigna Fr. Joaõ de Sousa nos seus *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, artt. *Medina* e *Almedina*.

(*b*) La Clede L. 4. Duarte Nunes do Leaõ na *Chronica do Conde D. Henrique* transcreve uma Escriptura de doação, que D. Fernando M. fez aos Frades de Lorvão, que mostra, que a Cidade de Coimbra se tomou por cerco de 7 mezes, e não de 7 annos, como os Chronistas Castelhanos affirmão. Refere a Escriptura o dialogo, que houve entre ElRei e os Monges de Lorvão.

Rei, que opprimia Portugal com sua tyrannia. Volta Camillo de Ardea, e vem salvar a Patria da invasão do inimigo. Appresenta-se D. Rodrigo á testa dos Portuguezes em Agua de Maias *(a)*, e colhe os louros da victoria, deixando estendidos no campo 540 Hespanhoes.

D. Sancho retira-se, e vai accender o facho da guerra nos campos de Santarem. D. Rodrigo alli vôa, e segunda vez lhe arranca a palma da victoria, ficando mortalmente ferido. D. Garcia recebendo esta infausta noticia, corre á tenda do vencedor, que entre os loiros do triunfo e os cyprestes da morte, lhe grita: *Senhor, deveis esta victoria ao zelo dos Grandes da vossa Corte; segui os seus conselhos, que elles prezão mais a verdade que a vida.* E beijando-lhe a mão, deita a cabeça sobre o escudo, e sua alma, como chamma, que não tem alimento na terra, vôa para o Ceo, de que era tão digna.

Lançada por terra a columna, não podia ficar em pé por muito tempo o edificio. A morte de D. Rodrigo deo a victoria a D. San-

---

(a) Neste sitio ha uma Ermida de N. Senhora do Loreto, onde concorre em romaria a gente de Coimbra a 8 de Setembro á festa, que alli se faz este dia. É tradição, que fôra erigida em memoria desta batalha.

cho, que fez prisioneiro a D. Garcia, reunindo assim as Corôas de Portugal e Castella.

Das mãos de D. Sancho recebeo seu filho D. Affonso VI. o Sceptro das Hespanhas. D. Affonso, querendo remunerar os serviços relevantes, que recebêra de D. Henrique, Conde de Borgonha, offereceo-lhe a mão de sua filha a Rainha D. Thereza, dando-lhe em dote o Condado de Portugal. O Conde, como outro Filippe de Macedonia, morreo no meio das conquistas, deixando por successor seu filho D. Affonso, que foi outro Alexandre, e que no Campo de Ourique lançou as bases á Monarchia eterna dos Portuguezes, de que foi primeiro Rei.

Coimbra até o Reinado de D. João I. foi a Côrte dos Monarchas, e a patria commum dos Portuguezes. Os acanhados progressos da Navegação e Commercio fazião olhar com indifferença para as Cidades collocadas sobre as praias do mar. Nestes tempos a melhor Capital era aquella, que estava no centro do Estado. O Castello, o Rio, a doçura dos ceos e a fertilidade do sólo davão a Coimbra a primasia sobre as outras Cidades. Coimbra, plantada no centro de Portugal, era o coração da Monarchia, donde partião os raios de providencia para todos os membros do Estado. Mas já no tempo do Mestre de Aviz Lisboa

começava a dar nos olhos dos Portuguezes, e a pretender as honras de Capital. As Côrtes de Coimbra pedirão ao novo Rei, que assentasse a sua Côrte em Lisboa, e que não desprezasse os tributos do Tejo, que já se via coberto de navios commerciantes. Coimbra cedeo então a Lisboa a Corôa de Portugal, reservando para si a gloria de ser a séde das Luzes.

Em Coimbra forão jurados em Côrtes como Successores do Reino D. Sancho I. em 1180; D. Affonso II. em 1213; D. Affonso III. em 1261; D. João I. em 1385; e D. Affonso V. em 1432 *(a)*.

Coimbra foi duas vezes Ducado: a primeira a favor do Infante D. Pedro, creado por D. João I. em 1415; e a segunda a favor de D. Jorge, filho de D. João II.

O seu Foral se attribue ao Conde D. Henrique; governou-se até então pelo que lhe havia dado ElRei D. Affonso VI. de Leão, do qual ha memorias no archivo da Sé desta Cidade.

O Cardeal D. Henrique estabeleceo aqui o Tribunal do Santo Officio em 1541, que foi extincto em 1821.

(a) Chorograf. Port. tom. 2.

CAP. II.

Vista de Coimbra.

Do fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada;
Pelo cume soberbo de alto monte,
E pelas fraldas, que o Poente avistão,
Vai-se ao longe estendendo, até que chega
A beber do Mondego as mansas aguas.
De fronte outra montanha senhorêa
A liquida corrente, dividida
De longa Ponte pelos grossos arcos.
Aprazíveis campinas, ferteis valles,
Do crystallino Rio retalhados,
Em torno a cercão, aos habitantes dando
Os mais bellos passeios do universo.
Da fronteira montanha, que dominão
Dous famosos Conventos, se desfructa
A linda perspectiva da Cidade.
Aqui de muito tempo está fundada
A nobre Academia Lusitana.

A Estrada real de Lisboa para Coimbra é uma vasta solidão, sómente interrompida por pequenas aldêas, que ficão em grande distancia umas das outras (a). Em que mise-

(a) Exceptuamos a Cidade de Leiria. A Rainha D. Maria I. mandou abrir esta estrada, porque a antiga pelas inundações do Campo da Golegãa se fazia muitas vezes impracticavel.

ria extrema não vive o desgraçado habitante destes campos! Quando atravésso estas pequenas povoações, corta-se-me o coração de dôr, vendo a summa indigencia dos seus moradores. Não vejo no decurso da jornada senão charnecas incultas, pobres casaes dispersos, grandes edificios, uns arruinados, outros inteiramente por terra, que servem de guarida aos salteadores, e nos appresentão o quadro mais triste e medonho.

Quasi duas legoas antes de chegar a Coimbra, não se descobre Villa, ou lugarejo. Sarnache é a ultima povoação, em que entra quem busca a terra das Sciencias. Tudo o mais são montanhas coroadas de pinheiros e cyprestes, ou longas planicies povoadas de olivaes. Atravessamos por ellas sem descobrir vestigio algum, que annuncie a visinhança da antiga Capital da Lusitania. Não se encontrão seges, não se avistão cavalleiros, não se vêm cruzar postilhões, que costumão correr em torno das grandes Cidades: apenas se descobre lá ao longe sobre algum oiteiro uma cruz levantada, que annuncia ao caminhante o naufragio da vida; ou por entre os olivaes um pastor, que vigia o rebanho, e com o bordão encostado sobre os hombros, acorda os échos do bosque com seu canto mavioso; ou alguma camponeza, que cer-

cada dos filhinhos atravéssa as estradas fiando na sua roca, e sentindo as pisadas dos cavallos, pára como attonita admirando os caminhantes. Os pequeninos com as mãos postas, vendo-nos aproximar, sáem-nos ao encontro, e nos acompanhão pedindo esmola, e formando um monótono concerto com suas vozes innocentes. De grande em grande distancia se vem alvejar as paredes das cabanas por entre os troncos das arvores.

Quando sópra do nordeste algum vento forte, ouvem-se em grande distancia os sinos do antigo Mosteiro de S. Cruz. As suas vozes harmoniosas, trazidas por este espirito de Deos *(a)*, excitão em nossa alma uma alegria saudosa, e enchem-nos o coração de um enthusiasmo religioso. Sôão depois as horas na torre da Universidade, e nos vão marcando a longitude do dia, e a rapidez da existencia. Chega-se finalmente á extremidade da planicie, onde começa a descer-se a montanha fronteira a Coimbra; gritão os arrieiros a um tempo: *Olha a torre da Universidade.* Começão então a descobrir-se pouco e pouco os edificios de Coimbra, que está posta sobre os hom-

(a) Na Escriptura Sagrada se exprime algumas vezes o vento forte por estas palavras: Espirito de Deos: *Spiritus Domini ferebatur super aquas.* Genes.

bros de uma montanha, que nos fica defronte. Insensivelmente vai caindo a cortina, que nos encobria a Cidade, e vê-se correr a seus pés um rio de prata sobre arêas de oiro. *Salve, rainha da antiga Lusitania, salve, patria das Sciencias;* eis as vozes, que arranca do peito do viajante a vista majestosa desta Capital das Luzes.

O Palacio das Sciencias é o primeiro objecto, que nos attrahe os olhos com a torre, e com o Observatorio, que corôão aquelle monte de casas.

É edificio majestoso: a sua torre altissima, que se avista muitas legoas ao longe, parece um luminoso farol, que despede raios de sabedoria para todos os pontos da terra Portugueza; parece estar protegendo com suas azas os mais edificios da montanha; e no meio delles inculca certa majestade, que bem dá a conhecer, que é a rainha de todos elles.

Os raios do sol, que se vai escondendo por entre as oliveiras da montanha occidental, batendo nas vidraças das janellas, illuminão a Cidade com as luzes multicolores do reflexo, e fazem parecer Coimbra uma Cidade encantada. Coimbra com o rosto voltado para o occidente parece estar chorando no fim da tarde a ausencia do sol, que lhe doirava os campos.

No Rocio de S. Clara começão a encontrar-se os habitantes de Coimbra, e a sentir-se aquellas impressões melancholicas, que causa o tracto de uma terra, em que tudo é estranho para nós.

CAP. III.

Genio de Coimbra *(a)*.

A Doçura dos ares, a serenidade dos ceos, e a fertilidade do sólo, fazem de Coimbra uma terra de delicias. Os seus campos sempre vestidos de verdura, e povoados de laranjeiras, loiros e oliveiras, que nunca largão a folha, parecem respirar uma eterna primavera.

É verdade, que ás vezes é tão rigoroso o inverno, que não parece ser o mesmo o clima de Coimbra. Um frio, como o da Russia, deixa por muito tempo nas fontes e poços das ruas as aguas geladas. As montanhas, que cercão a Cidade, cobertas de gêlo, alvejão ao lonje contra os raios do sol como montanhas de prata. Outras vezes cáe sobre Coimbra um espesso nevoeiro, que escurece o dia,

(a) Entendo por Genio de Coimbra a temperatura do clima, e indole dos habitantes.

dia, e tinge da mesma côr a todos os objectos. As geadas, que se desprendem das nuvens, como chuveiros de aljofares, e os froccos de neve, que parecem folhas de rosas, produzem nos olhos um effeito assombroso.

Tambem são mui frequentes no verão os suffocativos suões. O sol nestes dias, quando se levanta, vem sempre coberto de vapores sanguineos. Dentre as montanhas visinhas sáe, como da bocca de um forno, um bafo, que abraza e suffoca. Aos raios ardentes do sol murchão as flores, amarellecem as folhas, e as hervas ficão crestadas (*a*). Abre-se a terra em largas fendas; seccão-se as fontes, e o Mondego, que pouco antes levava aos campos visinhos a pureza e a abundancia, pobre e encolhido vai vagarosamente correndo por cima de arêas, que não póde molhar. Tudo é victima da colera celeste. Não respirão os zefyros, o ar fica immovel resoando com o zunido dos insectos, que buscão matar a sede no succo das hervas, ou no san-

(*a*) Mentre egli i raggi poi d'alto diffonde,
Quanto d'intorno occhio mortal si gira,
Seccarsi i fiori, e impallidir le fronde,
Assetate languir l'erbe rimira,
E fendersi la terra, e scemar l'onde,
Ogni cosa del ciel soggetta all'ira.

Tasso, *Gerus. Liber.* XIII. 55.

gue dos animaes. Os rebanhos, estendidos pelas costas dos montes com o pescoço estendido para o Ceo, e aspirando o ar, fazem retinnir os valles com seus tristes mugidos. Os mesmos pastores se deitão no chão, para ver se alli achão frescura. No decurso do dia se levantão da terra uns vapores roxeados, que ao pôr do sol parecem as chammas de um terrivel incendio. Não corre de noite a mais leve aragem. O orbe da lua todo afogueado e de extraordinaria grandeza levanta-se n'um horizonte coberto de densos vapores (*a*).

Dalle notti inquiete il dolce sonno
Bandito fugge: e i languidi mortali
Lusingando ritrarlo a se non ponno.
. . . . . .
Languisce il fido cane, ed ogni cura
Del caro albergo; e del signor oblia:
Giace disteso, ed all'interna arsura,
Sempre anelando, aure novelle invia.

(Tasso, *Ger. Lib.* XIII. 58 e 63.)

Coimbra é cidade e campo juntamente. Nella se avistão ruinas e edificios; descobrem-se campos e desertos, rio e fontes;

(*a*) Este rigor excessivo das estações, principalmente do inverno, acontece raras vezes.

em fim em qualquer ponto que nos ponhamos, vemos sempre objectos novos, e quadros encantadores.

O Mondego, a pezar de não ter, como o Téjo, as suas aguas cobertas de navios, tem mais formosura que elle. O Téjo inspira com sua populosa corrente majestade e grandeza; porém o Mondego excita no coraçáo um sentimento terno e saudoso.

Os habitantes de Coimbra gozão de um temperamento sanguineo. O canto e os risos são o seu estado ordinario. Uma noite de S. João é para elles uma noite de festa. Não se vêm senão fogueiras e saltos das *cachopas* (*a*) por cima das chammas; não se ouvem senão descantes e foguetes. Na madrugada deste dia vai muita gente á Fonte do Castanheiro, cantando e bailando em honra do Santo. Dalli voltão as môças com cantaros de agua á cabeça, enramados de flores, entre a multidão dos namorados, que cantão ao desafio.

São immensas as romarias, que fazem os moradores de Coimbra, e dos campos visinhos. N'um valle ao pé do Convento de Santo Antonio dos Olivaes fica uma pequena Ermida dedicada ao Espirito Santo.

(*a*) Nome que se dá ás raparigas em Coimbra.

Dentro della corre uma Fonte de aguas crystallinas. Nos tres dias da Festa atravessão pelas ruas da cidade os bandos dos camponezes, que cantando e bailando vão fazér oração á Ermida do valle. Alli apparece a mãi lavando as feridas do filho nas aguas da Fonte; e os namorados promettendo pela mesma agua, que bebem, um amor puro e constante. Os Romeiros, divididos em turmas, se alojão por baixo do arvoredo, e alli passão grande parte do dia em festins campestres, em alegres bailes e descantes. Esta Romaria é a mais famosa de Coimbra. Costuma fazer-se outra no mez de Agosto ao Senhor da Serra. Os Romeiros voltão no dia 23, e passão a noite no areal em dançaș e cantares, esperando que amanheça para irem á Feira de S. Bartholomeu, que se faz este dia na Praça de Coimbra.

Nunca vi um povo mais curioso. Não levantão uma chaminé, em que não gravem a era da sua erecção. Nota-se isto em todos os edificios da cidade, grandes e pequenos. Se os povos da Grecia e Roma tivessem sido tão desvelados em transmittir á posteridade a época das suas façanhas, não darião tanto que fazer aos antiquarios modernos.

O bello sol de Coimbra foi quem deo a Camões aquella saudosa ternura, que respira

o Episodio de Inez. Nestes campos risonhos é que o nosso Ferreira compoz a Tragedia de Castro, e as suas Pastoris. Nestes mesmos campos se creou, como elle mesmo confessa, esse grande Genio, esse filho das Musas, que hoje tanto figura na scena:

« A Musa, que entre vós foi pouco e pouco
Crescendo, alçando os sons, polindo o genio. » (*a*)

Coimbra vio nascer em seu seio genios felizes e portentosos. Francisco de Sa' e Miranda foi um insigne Poeta, cujo gosto delicado, inspirações sublimes, e sã philosophia dérão a immortalidade aos seus versos. Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo foi um sabio, que eternizou Coimbra como mãi, e Portugal como Patria: Diogo de Paiva de Andrade e Thomé Correa forão dous sabios, que honrárão a Literatura Portugueza. D. Mariana de Luna, D. Filippa de Lancastre e Sór Auta da Madre de Deos, são tres illustres filhas de Coimbra, que nada tem que invejar ás Sévignés, Lamberts e Staëls (*b*).

(*a*) Antonio Feliciano de Castilho, *Dedicatoria das Cartas d'Echo e Narciso.*

(*b*) Ferreira foi estudante e Lente na Universidade de Coimbra. Barbosa no tom. 4. da *Bibliotheca Lusitana* enumera os literatos, que tiverão por Patria a Cidade de Coimbra.

CAP. IV.

A Quinta das Lagrimas.

Sitio, que o coração de magoas corta,
Em ti Ignez vivo, e Ignez foi morta!

A Direita do campo de S. Clara está a Quinta das Lagrimas. Este nome só por si é bastante para fazer tremer um coração sensivel, e despertar a sua curiosidade. O velho Palacio desta Quinta *(a)* foi o theatro daquella catastrophe pathetica, que deo á Historia Portugueza a melancholia da tragedia, e assumpto ao mais bello Episodio do Cantor do Gama.

Este edificio, e o antigo Mosteiro de S. Clara, que lhe fica defronte desfeito em ruinas pelos insultos do Rio e do tempo, são os monumentos mais celebres na Historia de Coimbra, e saudosissimos nos annaes da ternura. Nelle é que Pedro e Ignez passárão seus mais bellos dias; nelle o amor, a mais nobre das paixões, foi punido como um crime.

(a) Tem uma face feita de novo.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fructo,
Naquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saüdosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe alli te respondião
As lembranças, que na alma lhe moravão,
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus formosos se apartavão;
De noite em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos, que voavão;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

De outras bellas Senhoras e Princezas
Os desejados thalamos enjeita;
Que tudo em fim tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria:

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo c'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Trazião-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da magoa, e saüdade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais, que a propria morte, a magoava:

Para o Ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros Ministros rigorosos:
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãi temia,
Para o avô cruel assim dizia:

« Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento ;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aéreas tem o intento ;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãi de Nino já mostrárão,
E c'os irmãos, que Roma edificárão :

« O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem forças, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della :
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

« E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas se to assim merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

« Póe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli c'o amor intrinseco e vontade
Naquelle, por quem morro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejão da mãi triste. »

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magôão;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdôão.
Arrancão das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregôão.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros? *(a)*

A primeira vez que entrei nesta casa, figurou-se-me ouvir a infeliz amante respondendo ás reprehensões do sogro, que a criminava de amar seu filho por amor de reinar *(b)*:

(a) Camões *Lusiad.* Cant. III. est. 120 até 130.
(b) *Nova Castro* Act. 2. Scen. 5.

Não conheces de amor o desint'resse:
Quem ama, só deseja ser amado,
E a par de um coração como o de Pedro
Os Diademas que são? que val o Mundo?
Quem de seu terno peito o imperio obteve,
Mais imperio não quer: nem se deslumbrão
As almas grandes c'o esplendor do throno.

Como que a ouvi exclamar nas agonias da morte:

Oh quantos desgraçados tenho feito!
O triste pai, o esposo! Ai triste esposo!
E que será de ti! lembrança horrivel!
Ah! se podesse ao menos vel-o ainda...
Morrêra satisfeita... Ceos! já sinto
A agonia da morte... filhos, filhos!
Quanto a sua presença me consterna!
Ah! levem-mos daqui... mas para onde?
Não; chegai, filhos meus...em vossos labios
Quero entornar minha alma...nelles quero
Deixar a vosso pai depositados
Meus ultimos suspiros... Ah! são estes...
São estes...que anciedade! a luz me foge!
Adeos filhos...adeos esposo...Eu morro! *(a)*

(a) Nova Castr. Act. 5. Scen. 9.—D. Ignez foi degollada por mandado d'ElRei D. Affonso IV. a 7 de Janeiro da era de 1393, que é o anno de Christo 1355. *Era* (diz o Addicionador antigo do Livro de Noa de S. Cruz de Coimbra) *milesima CCC. nonagesima III. VII. die Januarii decollata fuit Domna Enez per mandatum Domini Regis Alfonsi IIII.*

Ah! ou ser amante ditoso, ou desgraçado como estes; ou gozar no silencio, no meio de um deserto do triumpho do amor, ou soffrer uma desgraça, que eternize o nosso nome, e nos junte a chorar sobre o tumulo o universo inteiro. Forão estas as reflexões, que me occupárão visitando este velho Palacio, e recordando-me do amor desgraçado destes Principes.

Affonso tirou a Ignez com a vida a Corôa de Portugal; mas deo-lhe outra mais excellente, deo-lhe uma Corôa de perpetua saudade, com que ella ficou sendo a rainha eterna dos amantes. O fim tragico de seus amores fez entre todas as Nações immortal o seu nome: ainda hoje a sua lembrança arranca suspiros a todo o coração, que sabe o que é amor. Ignez, tu foste amante desditosa; mas teu infortunio tem sido chorado pelo mundo inteiro. Quantos monumentos se não tem levantado á desgraça do teu amor! Teu esposo te fez saír do tumulo para receberes as honras de Soberana, porque a morte não podia roubar-te o Sceptro, que te tinha dado a constancia, e elle queria, que ao menos depois de morta reinasses na memoria dos homens, já que em vida dominára no seu coração. Camões no seu Poema ergueo-te um monumento eterno, que ha de ser admirado em todos

todos os tempos, e em todos os paizes. A mesma natureza parece que quiz tomar parte na immortalidade do teu nome, fazendo rebentar uma fonte saudosa junto daquelle sitio, em que foste sacrificada. A injuria, que te fez Affonso, está bem vingada; a natureza, o talento, e a arte defendêrão a tua innocencia, e eternizárão a tua memoria.

Os nomes de Pedro e Ignez ficárão sendo tão saudosos em Portugal, como em França os de Heloisa e Abailard. O crime de todos consistia em amar e ser amados.

CAP. V.

A Fonte dos Amores *(a)*.

Salve, bosques de paz, campos de flóres,
Fontes suaves, deleitosas grutas,
Tranquilla solidão, imperio d'aves.
Castilho.

No fim da Quinta das Lagrimas fica a Fonte dos Amores, monumento eterno da desgraça de Ignez.

O aspecto melancholico dos cedros, sentinellas mudas, a quem a natureza confiou a guarda desta fonte; o escuro da rocha, que espremendo a terra, faz rebentar de seu coração um rio de lagrimas; a doçura, com que insensivelmente correm as suas aguas; o estrepito, que fazem despenhando-se no tanque, que está a poucos passos da sua origem; a doce alvura da escuma insinuão na alma o grande segredo da melancholia, e fazem dominar no coração um sentimento mysterioso.

(a) Chama-se *Fonte dos Amores*, o que é constante de um mandado das Justiças de Coimbra, que no mez de Outubro de 1360 mandárão publicamente, que ninguem tratasse mal o cano d'agua, que vai da *Fonte dos Amores* para o Mosteiro de S. Clara, sob pena de jazer 30 dias na cadêa. *Hist. Ser.* L. 6. c. 16.

Quantas vezes não venho a este sitio meditar sobre as pedras, que dão assento ao amigo da solidão! Corre, vôa o tempo, sem que eu dê pela sua velocidade; sómente acórdo do somno da minha tristeza, quando sinto de quarto em quarto de hora as passadas do tempo, que nos vai levando para a terra do nada. Desprézo o aviso, que me passa lá de longe o relogio da Universidade, e me vão depois repetindo os pregoeiros das torres, que levantão acima dos edificios da Cidade a cabeça coroada com o estandarte da Cruz. Algumas vezes deixo ir-se pouco e pouco escondendo a tocha do dia por detrás do Monte da Esperança, até de todo se apagar nos mares do occidente; e ponho-me a contemplar a imperceptivel mudança, com que á claridade se succedem as trevas, e como, sem eu dar por isso, se vão sumindo os edificios da Cidade debaixo da cortina da noite. Pouco e pouco começão a fumegar as chaminés, agora uma, depois outra, e finalmente quasi todas, formando com o seu fumo uma especie de arvore, cujo pé fica pegado na mesma chaminé; o qual depois se rarefaz, lançando por cima dos telhados um véo cinzento, que se esvaéce n'um instante: começão depois a caír sobre os cedros as sombras da noite:

Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbrae.

VIRG. *Ecl.* 1.

Ah! quantas vezes não tenho gozado ao pé desta fonte da frescura do ar, do perfume das flores, do murmurio das aguas e das ultimas harmonias da luz e das trevas!

Não se póde imaginar, quanto é bello este sitio de noite, quando a lua começa a pratear os cedros, e a derramar por estes campos uma ternura saudosa: parece então que este sitio é sómente habitado por sombras illustres. Os raios deste astro dos amantes começão a cruzar por entre os ramos das arvores, que se põem a dançar com a sua sombra. Attentando-se no tanque, alli se vê outro ceo estrellado, e outra lua: alli se vêm outros cedros. O chão á roda das arvores é uma sêda de furta-côres; ora claro, ora escuro, mistura as trevas com a luz, e as ordena em dois grandes esquadrões, que se estão batendo em renhido combate. O astro da noite, lançando seu clarão sepulcral sobre a escuma da corrente, que se despenha no tanque, burbulhando em resaltos, dá-lhe uma alvura saudosa, e agitando-se o mais ligeiro vento, põem-se em tumulto as arvores, e começão a gemer, e a abraçar-se umas com as outras. O rumor, que fazem as suas folhas, parece o susurro

de aguas, que ao longe se precipitão de cima de algum rochedo. O silencio, a meditação e a tristeza, que parecem habitar neste retiro, fazem-me recordar da desgraça de Inez. Medito nella profundamente, e sinto-me arrebatado naquelle doce encanto, que trazem comsigo as idêas melancholicas.

Se de noite representa este sitio uma scena de luto, n'uma manhã da primavera ou do estio offerece-nos o quadro de um dia de festa e triumpho. Os orvalhos da noite, que ainda se conservão nas folhas das hervas, mais brilhantes que o crystal, feridos pelos raios nascentes do sol, parecem diamantes encravados nas flores; parecem outros tantos prismas, que nos reflectem as côres mais vivas e encantadoras. As pedras orgulhosas, que brilhão na frente dos Monarchas, perderião seu valor, se estas gottas preciosas tivessem a sua solidez.

Os musgos roxos, que vestem as lageas e pedrinhas, que ladrilhão o leito da fonte, tingem-se de uma purpura mais brilhante, e imitão o sangue da victima alli sacrificada pelo amor, que pede ao Ceo vingança, e lagrimas ao amigo da solidão.

Algumas vezes nas madrugadas daquella estação, em que a natureza se remoça, inspirando na alma os sentimentos ternos, e as

doces emoções, aqui venho esperar que acorde e se levante o dia. Como é encantadora a majestade, com que o sol se vem erguendo por entre os edificios da Cidade, saudado pelas acclamações dos passarinhos, que começão a gyrar pelos ramos dos cedros! A certas horas subindo o sol acima da Torre da Universidade, alli parece estar pousado, como o caminhante, que no meio da jornada descança sobre algum penedó. Que formosa vista não é então a de Coimbra, que veste as costas de um monte, coroado com a grande Torre, que sustenta o farol do Universo!

Para o homem vigilante é que preparou o Eterno as delicias de uma manhã da primavera ou do estio: o homem inerte e ocioso, quando se levanta, já vê o sol no meio do seu curso; e as bellezas da manhã tem já desapparecido.

Quando aqui me demoro, encontro algumas vezes á sombra dos cedros o velho hortelão do campo visinho: deixando ficar a enchada entre o milho, que andava sachando, vem almoçar junto desta fonte. Outras vezes largando o arado e soltando os bois, foge do sol do meio dia, e alli vem refrescar-se nas aguas crystallinas. Invejoso da sua sorte, exclamo com o cantor de Tytiro e Melibeo:

Fortunate senex! hic inter flumina nota,
Et fontes sacros, frigus captabis opacum.

VIRG. *Ecl.* 1.

Tudo o que enleva os sentidos, arrebata o coração, e é capaz de accender na imaginação o fogo sagrado da poesia, tudo se encontra nesta solidão. Rio, fonte, bosque, prado, flores, infortunio de amantes, tudo encanta os olhos, e abraza a phantasia.

A historia, que se lê entalhada no pergaminho dos cedros, acorda na alma reflexões melancholicas, mas chêas de certo encanto, que sepulta o espirito em um extase profundo de terna admiração (*a*).

Que bello sitio não é este para quem gosta de meditar longe do tumulto da cidade! Nos bosques solitarios, como este, é que os grandes Genios bebêrão aquelle gosto do bello e do sublime, que nos maravilhão a alma: á sombra de arvores, como estas, é que descobrírão as verdades preciosas, que nos esclarecem o espirito. Se me fosse possivel, aqui passaria o resto dos meus dias; viria a esta solidão nutrir o amor do estudo, que me inspirou a natureza; sentado sobre a

(*a*) No tronco de um cedro está entalhado este verso: *Eu dei sombra a Ignez formosa.*

relva, respirando o suave perfume das flores, incenso, com que a natureza espiritualiza estes campos, havia de entregar-me á meditação, e a verdade havia d'esclarecer o meu espirito: ella não habita no tumulto das cidades; esconde-se na solidão, vive no silencio, e quem quizer descobril-a, deve desterrar-se do labyrintho dos homens.

Mas examinemos a Fonte. Ella está despida de ornamentos; a arte ainda não ousou aproximar-se para a aformosear com seus atavios; ainda se conserva naquelle estado, em que a vio o Seneca Portuguez: *Rica de la natura, y pobre d'arte (a).* Apenas se vê levantada á sua mão direita uma humilde Lapide, em que está esculpida sem ornato uma estancia de Camões. Um Inglez curioso (*b*) atravessa os mares, e guiado pelo nosso Poeta, vem ler debaixo dos cedros o Episodio de Inez, e para lembrança da sua pena, alli mandou erguer esta pedra á immortalidade da dôr:

« As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memorárão;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformárão:

(*a*) Sá' de Miranda *Fabula do Mondego.*

(*b*) Foi o General N. Trant no tempo da guerra Peninsular.

O nome lhe puzerão, que ainda dura,
Dos amores de Inez, que alli passárão.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores. »

Cant. III. *Est.* 135.

Este sitio, que pelas lembranças, que recorda, se fazia digno de algum ornato, acha-se no ultimo desprezo; está coberto de hervas; o tanque entulhado de terra, de limos e de pedregulhos, dando lodosa habitação ás rãas, que amotinão a solidão com a sua triste gasnada. Mas a pezar de tanto abandono, as bellezas, que juntou aqui a natureza, excedem muito em encantos esses fructos do genio e industria dos homens, que tem esgotado o thesouro da imaginação para fazer aprazivel qualquer lugar. Esta Fonte e estes cedros são o monumento mais precioso; que se tem levantado á memoria da desgraçada Esposa de D. Pedro: o que lhe ergueo em Alcobaça o seu Amante, não é tão duravel como este: aquelle é obra dos homens, sujeita á jurisdicção do tempo, que desfaz com um sopro as estatuas de bronze, e apaga os letreiros, que a vaidade escrevêra no marmôre com penna de ferro; este é mimo da natureza, que ha de durar, em quanto existir esta montanha e

correr esta fonte. O' terna amante! ó desgraçada Ignez! estes cedros, que te assombravão, esta fonte, que corria para ti, estas pedras, em que repousavas junto do teu Pedro, ainda hoje chorão a tua perda.

A saudade, que inspira éste lugar, e o culto da fonte, que se tem conservado no povo por uma longa tradição, tem frustrado as varias tentativas, que tem feito os Senhores da Quinta para vedar a sua publicidade. Levantão-se muros; mas no dia seguinte apparecem derribados.

CAP. VI.

As Ruinas do Mosteiro de Santa Clara.

Copre i fasti e le pompe arene ed erba.

Tasso, *Ger. Lib.* XV. 20.

QUem diria, que n'um campo, que está hoje retalhado pela ponta do alvião, e povoado de antigo arvoredo, se erguia antigamente ás nuvens um Convento Real? Quem diria, que um campo, que está agora patente a todos os mortaes, era n'outro tempo cercado de muros altissimos, que defendião a sua entrada aos homens, e sómente erão penetrados pelo seu pensamento atrevido? Hoje o pé do viajante passa afoito por cima delle, como por cima de um deserto. A altura dos alamos, a corpulencia das laranjeiras fazem-nos crer, que alli sempre dominou o sceptro vegetal. Não encontra o curioso um só vestigio, que diga: Aqui ficava antigamente o dormitorio do Convento; por alli se erguião as arcadas do claustro; por acolá se estendia a cerca. Tudo desappareceo como fumo.

As inundações do Mondego, que arrasta como em triumpho os despojos dos campos, que assola no inverno, tem coberto de arêas esta vasta planicie, que lhe era sobranceira. O Mondego, erguendo assim o seu leito, conquistou uma larga campina para estender suas aguas.

No campo, que serve hoje de horta, é que ficavão os claustros do Convento. Tinhão vistas apraziveis. As suas faces erão sustentadas por uma serie de arcos de pedra, uns grandes, outros pequenos, uns abertos, outros fechados com redes da mesma pedra, onde brilhava a sublimidade da arte, e o engenho do artifice. No meio do claustro se via um grande tanque, em que se precipitavão muitas fontes por differentes figuras. A maior rebentava da bocca de uma serpente, que estava enroscada no braço de uma nympha (*a*).

Desde

(*a*) Para aqui vinha a agua da Fonte dos Amores por um cano, que ainda conserva este nome. É tradição em Coimbra, que o Infante D. Pedro remettia por elle a D. Ignez de Castro os seus escriptos de amores, quando ella estava no Convento: servia-se para este fim, segundo dizem, de uma barquinha de cortiça presa por um cordel, com que a puxava para lhe trazer as respostas. Deste modo servião as aguas de correio ao Amor. Mas a pouca inclinação,

Deste Convento Real, hoje sómente existem as ruinas da Igreja, para as quaes nos está apontando o dedo do tempo, como para o terrivel desengano de que tudo acaba no mundo, e de que nada é permanente. Examinemos as ruinas. O Templo está quasi submergido no areal. Estão sepultadas as suas columnas até aos capiteis. Da Capella-mór apenas existe o arco grande, que está pousado sobre o pavimento, porque as suas columnas já forão engolidas pelo oceano de arêas. Sumio-se o altar. O retabulo serve de entrada. Já não se descobre aquelle pulpito, donde o grande Arcebispo de Braga enchia o templo de doutrina do Ceo, e de admiração o Rei, que o escutava (*a*). Já não

---

que tem este cano, dá bem a conhecer ser isto uma fabula, como observa Fr. Manoel da Esper. *Histor. Seraf.* L. 6. c. 10.

(*a*) ElRei D. Sebastião desejando ouvir D. Fr. Bartholomeo dos Martyres, veio assistir ao Sermão, que elle prégou nesta Igreja. « O Evangelho foi o do Centurião, que se cantou esse dia: o Sermão e doutrina conformou com o auditorio e com o tempo. Engrandeceo primeiro com levantados conceitos a fé deste Capitão, e depois igualou com ella a fé dos Portuguezes, recopilando suas famosas victorias alcançadas umas em Africa, outras na India com valor mais que humano, e de inimigos poderosissimos em força, em esforço, e em numero. Daqui fez uma digressão sobre a fraqueza da natureza humana em não poder resistir a uma certa

brilha nas suas paredes nem o oiro, nem a prata. Aos ornamentos de seda e brocado succedêrão as têas de aranha. Apenas se enxergão uns signaes imperceptiveis das antigas pinturas: já não parece aquelle templo onde se celebrou com pompa Real o Hymeneu de Leonor e Duarte (*a*), e onde Ignez no meio do fausto da Côrte saío do tumulo para receber honras de Soberana. Emmudecêrão os sinos, já não se ouvem as vozes das Virgens, e o Coro já não existe.

« Como tudo está mudado!
Aqui vinha um povo immenso,
Illuminavão-se as aras,
Subião nuvens de incenso.

« A sêda ornava as paredes,
Retinnião santos hymnos,
A oração aos Ceos voava,
Ouvião-se alegres sinos.

---

complacencia e vangloria, que resulta dos feitos valorosos áquelles que os acabão, e não pára só nelles, senão que tambem passa aos descendentes e parentes: mas esta vangloria, dizia elle, licença vos dou para vos reverdes e pavoneardes nella, que não merece o nome de vãa. » *Vida de D. Fr. Barth. dos Mart.* L. 4. c. 3., e *Hist. Seraf.* L. 6. c. 21.

(*a*) « E é de notar, que por se estrear bem ElRei D. Duarte, celebrou seu Recebimento na Igreja de Santa Clara de Coimbra junto da sepultura da Raínha

« A infancia trazia flores,
Preces a idade madura,
Remorsos o criminoso,
Suspiros a formosura.

« Agora silencio e morte! »

CASTILHO.

Eis aqui a que está reduzido o templo majestoso, que com tamanha pompa e grandeza mandou levantar a Esposa de DINIZ. Se ella agora passasse por este campo, desconheceria por certo o seu amado Convento. Estas paredes mutiladas havião de encher de magoa e de espanto o seu coração piedoso: havia de ficar abysmada, como o amante extremoso, que, voltando de uma longa viagem, visse estendido no cemiterio o cadaver da sua esposa já meio coberto com o véo do sepulcro; ou como o negociante, que de cima da praia está presenciando o naufragio do navio, em que tem todo o seu patrimonio, e que submergido nas ondas, apenas conserva fóra dellas as pontas dos mastros.

Mas antes de concluirmos o inventario desta herança de ruinas, que nos deixárão os seculos, digamos duas palavras sobre a historia do Convento.

Santa ISABEL. » *Mon. Lus.* L. 16. c. 33. p. 66., *Histor. Seraf.* L. 6. c. 21. n. 5.

D. Mór Dias, Dama illustre do Reino, deo um adeos ás pompas do mundo, e veio professar Religião entre as Donas de Santa Cruz. O seu grande patrimonio inspirou-lhe o projecto de levantar nas bordas do Mondego um Mosteiro de Virgens dedicado a S. Clara. Lanção-se os alicerces em 28 de Abril de 1286. A obra cresce, remata-se, e apparece um Convento povoado de Freiras. A ambição dos Conegos Regrantes, que allegavão pertencer-lhe o Mosteiro por ter professado D. Mór na sua Religião, triumpha do Convento, que então contava 25 annos de idade. São-lhe tiradas as rendas, e a Casa é cedida aos Solitarios de Assís, e as pedras vivas, que lhe davão formosura, são logo espalhadas por outros Mosteiros, ficando as materiaes e as mortas chorando a sua despedida.

Mas não se passão muitos annos, que a Esposa de Diniz o não faça renascer, como Phenix, dentre as suas ruinas. Isabel alarga o Mosteiro pelas margens do Mondego; reedifica o templo; manda-o sagrar pelo Bispo de Coimbra (era de 1330); e nelle dispõe nove plantas do Ceo, que trouxe do Convento de Camóra: á ilharga do Mosteiro manda erigir um rico Hospital, que tambem foi victima do Mondego.

A Igreja era fabricada de abobadas. Estava dividida em tres naves de cantaria; e a Capella-mór estava acompanhada de duas collateraes, igualmente perfeitas, e a ella similhantes.

Como no inverno costumava o Mondego arrojar para estes sitios as suas aguas, foi necessario levantar sobre as casas antigas outro Mosteiro mais alto, e pôr as Capellas e Ermidas sobre a cabeça do claustro. O Mondego porém redobra os seus golpes, e o Mosteiro cáe em ruinas. Ainda se conserva debaixo destes restos miserandos o pavimento antigo: é uma cisterna viva, que nem de verão se sécca (*a*). O Mondego, invejoso do Alpheo da fabula, todos os dias alli traz por baixo da terra as suas aguas. Ainda existem as duas entradas do Templo: a *Porta da Rosa*, que olha para o monte, e a *do Couto*, que está virada para o norte (*b*).

(*a*) Vê-se a agua por uma fresta, que era antigamente janella do templo, e que está hoje rente com o chão para a parte do norte.

(*b*) Diz Fr. Manoel da Esperança, que se chamava *Porta da Rosa*, porque neste sitio se convertêra em rosas o dinheiro, que a Rainha Santa levava para os pobres ás escondidas do Esposo, quando este lhe perguntára o que levava, e ella respondêra: *Rosas*. A outra chamava-se *Porta do Couto*, ou *da cadêa*, por

Este Convento foi uma verdadeira eschola de sabedoria do Ceo. A penitencia, a oração e a pobreza erão as linguas mais claras e eloquentes, em que fallavão, e instruião as suas illustres Vestaes. As disciplinas e os cilicios erão os seus ricos thesoiros. O seu habito cingido com uma corda grosseira parecia um sacco de penitencia: o seu toucado era uma toalha de linho grosso, amarrada sem concerto debaixo da barba. Os encantos e atavios mundanos não cruzavão a *Porta da Rosa*. Nem espelhos, nem estôfos preciosos ousárão nunca profanar esta habitação do Pudor e da Pobreza. Conta-se, que acertando por acaso uma desías Religiosas de ver-se um dia na superficie do tanque, dissera com

---

estar nella presa uma cadêa de ferro, que não permittia ás Justiças prender os homiziados, que alli se acolhessem. Esta cadêa ainda se conserva á entrada do novo Mosteiro de Santa Clara. Como estava em posse deste grande Privilegio, já no anno de 1428 déo Sentença o Ouvidor de Coimbra Gil Eannes, que tinha fóros de Couto, e no de 1572 julgou o seu Vigario Geral, que tambem havia immunidade Ecclesiastica. Pelo que ambos mandárão restituir-lhe os presos, que dahi tinhão tirado. *Hist. Seraf.* L. 6. c. 17.

Ainda existe a antiga *Porta do Couto*; no cimo della está este letreiro: *Esta obra foi feita na era de* 1587 *annos, sendo Abbadeça deste Convento D. Antonia de Castro.*

galantaria : « Hoje vi neste Mosteiro o rosto de uma Freira , que não tinha visto havia mais de trinta annos. »

Muitas Princezas Reaes florecêrão neste Convento como arvores de santidade : aqui passou os seus dias a Infanta D. Isabel, filha de Pedro III. de Aragão ; aqui morreo na primavera da vida D. Isabel, filha do IV. Affonso de Portugal ; aqui um raio de virtude celeste doirou a existencia da virtuosa filha de Affonso V. ; aqui finalmente depois de perder a Corôa de Leão e Castella, e ser excluida do thalamo de Affonso , veio professar a excellente Senhora *(a)*.

(a) Estas noticias são tiradas da *Hist. Ser.*—Duarte Nunes *Chron. de D. Affons. V.* c. 66. e 67. diz que a Princeza D. Joanna entrou no Mosteiro de Santarem , mas que por causa da peste veio professar no de Coimbra aos 15 de Dezembro de 1480. Que ao Auto da profissão esteve presente o Principe , e os Embaixadores de Castella , e todos os Senhores e Prelados , e que assim aquella Princeza , a quem tantos Senhores tinhão beijado a mão como a Soberana, se sobmetteo forçada á obediencia de uma Freira , a quem por sua superior beijou a mão.

Houve neste Mosteiro uma Freira , que tomou o nome de *Hieronyma peccadora*. « Este asninho (dizia pelo seu corpo) não quer ir para onde Deos o leva : mas eu o farei caminhar com a vara. » E logo lhe dava tantos açoutes , que as paredes do Coro estivêrão muitos annos salpicadas do seu sangue.

Os despojos mais illustres, que nos podia deixar a morte, estiverão por muito tempo depositados no seio desta Igreja. A Rainha eterna dos Portuguezes, depois de lhe ter dado o coração em vida, deixou-lhe o corpo depois de morta.

Mas basta de ruinas. Em poucos dias o tempo deixará de apontar-nos para este emporio de estragos, e em vão esgravatará neste campo o antiquario para descobrir o lugar, onde esteve o Mosteiro Real. Saiamos deste imperio da morte.

Outra houve, que por estar sempre em oração lhe chamavão a Freira do Côro.

D. Isabel, filha de D. Affonso IV., morreo em 11 de Julho de 1326. *Anno Historico* do Padre Francisco de S. Maria.

« ElRei D. Joaõ I., andando em guerra com o de Castella, não se fiando na cortesia dos soldados Castelhanos, mandou que as Freiras de Santa Clara se recolhessem nos seus Paços da Cidade, onde estão hoje as Escholas. Disto achamos noticias por alguns emprazamentos, que lá nos Paços fizerão as Abbadeças D. Ignez de Vasconcellos aos 16 de Junho de 1384, e D. Brites de Vasconcellos aos 9 de Novembro de 1397. » *Hist. Seraf.* L. 6. c. 21. n. 4.

CAP. VII.

O novo Mosteiro de S. Clara.

Adducentur regi virgines post eam . . . Afferentur in laetitia et exultatione: adducentur in Templum regis.

Psalm. XLIV. v. 16.

VEremos agora como as santas Religiosas, despedindo-se do seu antigo Mosteiro, e deixando-o em legado á solidão e ás ruinas, vão plantar no Monte da Esperança a virtude e a santidade. Ellas vão povoar o Convento majestoso, que lhe erigio o novo Rei dos Portuguezes. ElRei D. João IV., vendo os estragos, que tinha feito o Mondego no Mosteiro de S. Clara, tratou de o transferir para o Monte da Esperança. A obra é incumbida ao Conde de Cantanhede *(a)*, e o risco é dado pelo sabio Mathematico Fr. João Turriano *(b)*.

(a) Era D. Antonio Luiz de Menezes, que no Reinado de D. Affonso VI. commandou as batalhas das *Linhas de Elvas* em 1658, e de *Montes Claros* em 1665, sendo então Marquez de Marialva. *Elog. dos R.*

(b) Monge de S. Bento, e Engenheiro Mór do Reino. *Hist. Seraf.* L. 6.

Em 2 de Julho de 1649 escolhe-se no Monte da Esperança o sitio para o novo Mosteiro: planta-se uma Cruz onde devia erigir-se o altar do Templo: no dia seguinte é lançada a pedra fundamental; começa a obra, e em pouco tempo apparece completo o Mosteiro Real.

É grande o edificio: está situado no monte fronteiro a Coimbra, olhando para o oriente: é o primeiro objecto que saúda o astro do dia, quando apparece no horisonte, e o ultimo de quem se despede, quando se esconde nos mares do occidente. O Convento tem dous vistosos Mirantes, cada um na sua extremidade. O Templo é vasto e majestoso; a sua arquitectura é a Romana; os retabolos dos altares são todos de meio-relevo: em fim a majestade e grandeza, que respira o templo, dão logo a conhecer, que é obra Real.

Na Capella-mór está depositado o soberbo ataúde de prata, que mandou fazer á Rainha Santa Isabel o Bispo de Coimbra *(a)*.

(a) O Bispo D. Affonso de Castello-Branco mandou fazer este tumulo, em que empregou 15 mil cruzados. É cercado com grades de prata de altura de dez palmos. Tem uma inscripção, que declara quem o mandou fazer. Vejão-se as *Antiguidades de Coimbra*, e a *Hist. breve de Coimbra* pelo Licenciado Bernardo de Brito Botelho, 1733.

Nelle estão encerrados os restos venerandos da Esposa de Diniz. A primeira vez que toquei o tumulo sagrado, que todos os annos se franqueia ao povo devoto, senti-me elevado por um sentimento celeste de veneração e respeito, e banhado em lagrimas me deixei caír aos pés deste Anjo tutelar dos Portuguezes, para lhe rogar que estendesse sobre nós as suas azas beneficas.

Isabel era filha d'ElRei de Aragão. A todos os Principes Reaes, que a pretendêrão para Esposa, preferio o Infante de Portugal *(a)*. Vem a este Reino, e promove a felicidade da Nação. Vendo porém expirar em seus braços o seu Esposo querido, retira-se ao antigo Mosteiro de S. Clara; passa alli na solidão do claustro a maior parte da sua viuvez, e depois de ter sido a gloria do Convento e as delicias da Nação, morre em

---

(a) D. Affonso V. foi o primeiro que em Portugal teve o Titulo de *Principe*, como affirmão Ruy de Pina, Duarte Nunes, Brito e Mariz. Antes todos os filhos dos Reis se chamavão indistinctamente *Infantes*. O Titulo de *Principe* não teve áddito algum de Provincia, como era costume em Castella, onde o Primogenito dos Reis se intitulava *Principe das Asturias*, senão depois que ElRei D. João IV. deo o Titulo de *Principe do Brasil* a seu Primogenito D. Theodosio. Antes chamavão-se *Principes de Portugal*.

Estremoz, deixando-lhe a herança preciosa do seu corpo venerando. Os Portuguezes, não podendo consolar-se da perda do seu Anjo tutelar na terra, elegêrão-na sua Protectora no Ceo. ISABEL, admittida na Academia dos Santos *(a)*, ficou sendo para os Portuguezes a sua Rainha eterna: Rainha, como diz o illustre VIEIRA, duas vezes coroada; na terra com uma das Corôas que dá a fortuna: no Ceo com aquella Corôa, que é sobre todas as fortunas. Foi duas vezes Canonizada; em vida pelo pregão de suas obras; depois de morta pelas adorações e altares.

CAP.

(a) A Rainha Santa ISABEL morreo em Estremoz, e foi sepultada no Mosteiro de S. CLARA a 12 de Julho de 1336; foi para aqui conduzida de Estremoz em 7 dias. Foi canonizada pelo Papa URBANO VIII. em 25 de Maio de 1625. Vid. *Ann. Hist.* tom. 2. p. 119., e p. 345. Foi tresladado o seu corpo para a tribuna da Capella-mór a 3 de Julho de 1696.

Reza-se della no dia 4 de Julho; assistindo a Camera de Coimbra, e o Corpo da Universidade á festa da Santa, como Protectora da Cidade, na Igreja deste Real Mosteiro de S. CLARA. De tarde sáe Procissão da Igreja de S. Cruz para a de S. CLARA, com assistencia da Camera e Cidadãos. Vid. *Antiguidades de Coimbra*, por ANTONIO COELHO GASCO.

CAP. VIII.

S. Francisco da Ponte.

N'Uma manhãa daquella estação, em que o espirito se remoça, e se entrega a profundas reflexões, e em que se acordão na alma sensivel os pensamentos sublimes, e a doce melancholia; fechando os livros da Aula, dirigi o meu passeio pelo Monte da Esperança. Depois de ter corrido grande parte da montanha, fui sentar-me á sombra de uma antiga oliveira, divertindo o espirito com a lição das *Aventuras de Telemaco*, e com a perspectiva da cidade.

. . . . *In molli consedimus herba.*

De quando em quando fechava o livro, e punha-me a contemplar umas vezes o ligeiro vôo das aves, que fendião os ceos, e chegando a certa altura, paravão o movimento das azas, conservando-as sempre abertas, e sem o menor cansaço subião deste modo pelas nuvens acima, até se sumirem diante dos meus olhos: outras vezes admirava a formosura das borboletas, que gyravão á roda de mim, e tocando subtilmente as

plantas, parecião flores, que voavão pelos ares (*a*).

Quando assim estava entretido, senti rumor nas hervas, que me ficavão á esquerda: voltei o rosto, e avistei um discipulo venerando do Patriarcha de Assis. Suas cãas, alumiadas por um raio do sol, que lhe caía em cima por entre as oliveiras, parecião uma corôa de alvissima prata, que cingia a frente daquelle Apostolo da Pobreza. Era alta e majestosa a sua estatura; ainda conservava fresca e vermelha a côr do seu rosto; tinha olhos vivos e penetrantes; sua voz era doce, suas palávras simples e amaveis; vinha encostado a um bordão, lendo attentamente n'um livro: nunca vi um homem tão veneravel; parecia-me o velho Thermosiris, que Telemaco encontrou nos desertos do Oasis.

Quando se aproximou de mim, levantei-me para osaudar. Acceitou benignamente a minha cortezia, dando-me os bons dias; e assentando-se sobre a relva, me louvou a belleza da manhãa, que convidava á meditação e ao passeio.

Adiantou-se a conversa, e eu como curioso de antiguidades, perguntei-lhe pela

---

(*a*) *Florem putares nare per liquidum aethera.*

fundação do seu Convento, e se era mui antiga nesta cidade a sua Corporação. Respondeo-me, pousando o livro no regaço: « Ainda era vivo o Santo de Assís, quando em Coimbra foi recebida a Ordem, que acabava de fundar. A Esposa do Segundo Affonso hospedou os seus discipulos entre os olivaes, na Ermida de S. Antão (*a*). A pezar de terem os seculos apagado a era da sua fundação, sabe-se que já existia em 1216; porque então S. Antonio era nella Noviço. Dalli passando pelo meio da cidade, e atravessando a Ponte, viemos assentar o nosso Convento na margem do Mondego. O Infante D. Pedro nos alevanta os muros, e D. Vasco, Arcebispo de Toledo, os sagra a 20 de Fevereiro de 1362 (*b*). Florecião

(*a*) Foi a Rainha D. Urraca. A Ermida era de S. Antaõ Abbade, que pertencia ao Cabido da Sé de Coimbra, ao depois chamada *de S. Antonio dos Olivaes*, ou por se alatinar o nome, ou por nella professar S. Antonio.

(*b*) D. Pedro era filho de D. Sancho I. Por sua mulher, filha herdeira de D. Almegol, Conde de Urgel, não só possuio este Condado, mas tambem foi Senhor das Ilhas Malhorca e Minorca. Antes de tomar estado em Aragão, residio muitos tempos em Marrocos, por evitar desgostos com ElRei seu Irmão D. Affonso II. Foi elle que trouxe de Marrocos comsigo para o Reino de Leão os ossos dos cinco Marty-

neste Convento as arvores celestes da virtude e da sciencia; e o Rei agricola, erigindo nesta cidade um templo á sabedoria, confia a instrucção da mocidade a estes Ministros do Ceo, que sabendo tudo, por sua humildade evangelica parecia que tudo ignoravão (*a*).

» Este Convento unio seu nome á Historia Portugueza, onde hoje unicamente existe, porque já nenhum vestigio se descobre do lugar, onde estava antigamente. Depois de ter sido theatro dos factos mais illustres dos Annaes Portuguezes, sumio-se naquelle vasto pégo de arêas. Recebeo em seu gremio o Rei amigo das Sciencias, o sabio Diniz, que de cima dos seus muros se defendeo contra a rebeldia do filho (*b*). Nelle estiverão aloja-

---

res, e de lá os enviou a Coimbra por via de Affonso Pires de Arganil, seu criado. Quando estava em Aragão, veio a Portugal auxiliar seu sobrinho D. Affonso III. em 1247. Vid. *Hist. Seraf.* L. 2. c. 30.

(*a*) D. Diniz assentando a Universidade em Coimbra em 1308, confiou as Cadeiras de Theologia aos Conventos de S. Francisco e S. Domingos: « para que (como dizem os Estatutos antigos) a Fé Catholica estivesse cercada com muro inexpugnavel. » *Mon. Lus.* L. 16. c. 73. 83. da p. 5. e app. fol. 321.

(*b*) Diz o Padre Antonio Pereira, *Elog. dos Reis*, que o motivo desta rebellião fôra a natural ferocidade do Principe, e o implacavel resentimento, em que

dos o Infante de Portugal D. Diniz, filho da infeliz D. Ignez de Castro, e o Principe D. Affonso, filho de Henrique II. de Castella, que arvorárão sobre a sua torre as bandeiras Castelhanas, buscando obrigar D. Fernando de Portugal a cumprir os tratados, que fizera com o Monarcha de Castella (*a*). Na Igreja

---

vivia, por ver que ElRei especializava nas demonstrações do seu amor e carinho um filho bastardo, que se chamava D. Affonso Sanches. Não cessou a guerra entre os dous, senão depois que, tidos varios recontros, se congraçou por ultimo o filho com o pai, intervindo para isto os rogos e lagrimas da Santa e prudente Rainha D. Isabel.

(*a*) ElRei D. Fernando, tendo noticia, que o Duque de Lancastre, filho de Duarte III. Rei de Inglaterra, tomára o titulo de Rei de Castella, por cabeça de sua mulher D. Constança, filha mais velha de D. Pedro o cruel, a pezar de haver sido um dos pretendentes da Corôa, resolveo-se a ligar-se com o Duque. ElRei D. Henrique poz-se em defesa; e sabendo, que em Lisboa lhe arrestárão alguns navios de seus vassallos, mandou-os pedir a ElRei. Influido o Castelhano pelos conselhos do Infante D. Diniz, que ElRei quizera matar a punhaladas em um transporte de colera, e que fugíra para elle, o qual dizia que facilmente podião obrigar o Rei de Portugal a pedir pazes, e a observar os Tratados, mandou seu filho D. Affonso no coração do inverno, com grande parte de corpo de exército, e que entrasse em Portugal por uma banda, em quanto elle entrava por outra com o resto. Apoderou-se de Viseu, e marchou para

deste Convento se ajuntárão as Côrtes, em que depois dos sabios discursos do illustre discipulo de Bartolo se deo a Corôa de Fernando ao Mestre de Aviz (*a*). »

Coimbra. Os Historiadores Portuguezes dizem, que elle tomou esta Cidade: mas os Historiadores Hespanhoes, que tem razão de o saber, affirmão, que sabendo ElRei D. Henrique como nella se achava de parto a Rainha D. Leonor, lhe mandára fazer um cumprimento mui urbano, e dizer-lhe, que a não queria incommodar, e que por isso marchava para Lisboa; mas que as suas tropas, ou por traição, ou por interpreza se apoderárão da parte inferior da Cidade, e ElRei se alojou no Convento de S. Francisco d'além da Ponte. *Chron. de ElRei D. Henrique*, Nunes do Leaõ, Ferreras. Vid. *Hist. Portug.* traduzida por Moraes Tom. 1. p. 283., e *Hist. Seraf.* L. 6. c. 21. e seg.

(*a*) Excluidos da successão do Reino por illegitimos (segundo as razões, que allegára em pleno ajuntamento dos tres Estados o Dr. Joaõ das Regras), os Infantes D. Joaõ e D. Diniz, filhos de D. Ignez de Castro: excluidos da mesma successão a Rainha de Castella D. Brites, filha do nosso Rei D. Fernando, e seu marido ElRei D. Joaõ I., aquella como filha adulterina, havida em D. Leonor Telles, Senhora casada; este como scismatico, que adheria ás partes do Antipapa Clemente VII. (que de tudo se valeo a favor do Mestre de Aviz a esperteza, sagacidade e politica daquelle grão Doutor, como o chama Fernaõ Lopes): se procedeo immediatamente á eleição, e acclamação do mesmo Mestre de Aviz em Rei de Portugal. O que foi n'uma quinta feira, dia 6 de Abril do anno

Fez aqui uma pausa o solitario do Monte da Esperança, suscitada pela meditação; e depois proseguio: « Não é só sobre os viventes que tem imperio a morte: tambem são vassallos desta soberana de ruinas as cidades e os edificios, que parecião eternos (*a*). O Mondego, imitando a soberba do Nilo, inunda os campos de Coimbra, e afoga n'um oceano de arêas os seus edificios, não respeitando, nem a fortaleza dos lugares profanos, nem a santidade dos sagrados: sepulta os arcos da Ponte, engole os Conventos Reaes de S. Clara, S. Anna, S. Domingos; e o de S. Francisco, a pezar dos vinte degráos, com que lhe ficava sobranceiro, não escapa á sua força destruidora.

« Debaixo dos auspicios do venturoso Manoel, fazemos pé atraz, e vamos descançar nas costas de um monte coroado de uma Ermida de Nossa Senhora da

---

de 1385 no Convento de S. Francisco. O assento das Côrtes e Auto da Acclamação, trazem-no tirado da Torre do Tombo José Soares da Silva nas *Mem. d'ElRei D. João I.* tom. 4. Docum. n. VII., e D. Antonio Caetano de Sousa nas *Provas* da *Hist. Geneal. da Casa Real* tom. 1. p. 340.

(*a*) Muojono le città, muojono i regni;

. . . . . .

E l'uom d'esser mortal par che si sdegni.

Tasso, *Gerus. Liber.* XV. 20.

Esperança (*a*). O Bispo de Coimbra lança a pedra fundamental, púla a obra com as esmolas do Rei e do povo, e a 29 de Novembro de 1609 saímos do lago, e entrámos no Convento novo em solemne Procissão, deixando fóra o nosso Guardião, que, como outro Moysés, expira nas fronteiras da terra promettida (*b*).

« O Convento antigo, como tinha no Mondego inimigo de casa, a poucos dias andados padeceo a final destruição, de modo que nem o campo, onde já esteve Troia, hoje conhece o caminhante.

« A pezar da nossa retirada, este inimigo de Coimbra ainda vem inquietar-nos pelo menos nas hortas. Em uma grande inundadação, que houve em 1617, lançou por terra grande parte das paredes da cerca. Neste tempo, já de noite pretendêrão quatro homens atravessar em um carro o braço do rio,

---

(*a*) ElRei D. Manoel houve um Breve de Julio II. em 1506. para fazer esta mudança, assim como dos Mosteiros de S. Domingos, S. Anna e S. Clara: a trasladação do ultimo realizou-se no Reinado de D. Joaõ IV. Vid. *Hist. de S. Doming.*

(*b*) "*Profecti sumus ad Bethlehem, et pergimus ad locum nostrum, qui est in latere montis Ephraim:* Judic. c. XIX. v. 18., foi o thema, que tomou Fr. Christovaõ, orador da Festa. O Guardião chamava-se Fr. Pedro das Chagas. Vid. *Hist. Seraf.* L. 2. c. 33.

que deitava por fóra da ponte. As aguas sorvêrão tres, e o outro, que se salvou abraçado com os ramos de um salgueiro, gritava terrivelmente, ferindo o Ceo com seus clamores, pois o remedio da terra lhe parecia impossivel. Acodírão os Religiosos ás janellas mostrando luzes, e clamando-lhe para que se animasse a esperar por um barco, que estava da sua banda. No entretanto Fr. Manoel da Assumpção vôa a soccorrer o triste com os auxilios do Ceo. Despe o habito, e caminha a ouvir a confissão do peccador entre os alaridos do naufragio. O perigo era manifesto, as aguas andavão senhoreando o campo; o muro já tinha caído em parte; o espigão da outra estava quasi afogado; a noite era horrenda pelo fusilar dos relampagos e estrondo dos trovões, que parecia de artilharia; muitas as lagrimas de compaixão nos outros Relígiosos: tudo isto faria encolher o coração mais dilatado: mas esta guarda-avançada do Ceo vai-se arrastando pelo mesmo espigão, até chegar á esquina, donde ouvindo o peccador, lhe dá o salvo-conducto para o Reino da Gloria. Alli o esteve confortando por muito tempo, até chegar outro Religioso n'um barquinho, que o salvou das garras da morte (*a*).

(*a*) *Hist. Seraf.* c. 33. l. c.

Depois voltando o discurso para a celebridade do novo Convento, me disse terem nelle florecido muitos Religiosos insignes em saber e virtudes. « Aqui esteve por muito tempo, continuou elle, o celebre Fr. Antonio das Chagas, antes de ir plantar na solidão do Varatôjo a arvore de uma austera santidade (*a*). Aqui veio expirar na flor dos seus dias D. Filippe, Principe de Ceitava, e as suas cinzas repousão na nossa Igreja n'um humilde jazigo (*b*). »

Tendo satisfeito aos meus desejos de um modo tão benigno, e com expressões, a que estavão habituados os meus ouvidos, pedi-

(*a*) Era descendente de D. Vasco da Gama, e natural do Além-Téjo; foi insigne Poeta, e muitissimo devasso; quando estava no Brasil, entrando em casa de um amigo, vio sobre a mesa um livro aberto no sitio, em que fallava do juizo final; isto foi bastante para elle se converter. Veio para Lisboa, professou na Ordem de S. Francisco, e fundou o Seminario de Prégadores Apostolicos em 1678, sendo elle o que mais se distinguio pelas fervorosas Missões, que fez por todo o Reino. Vid. *Hist. Seraf.* L. 3. c. 17. da III. P.

(*b*) Foi prisioneiro em Ceilão pelos Portuguezes, e catechumeno no Collegio de Gôa, onde recebeo o Baptismo: ElRei o mandou vir para Lisboa, e daqui se passou para este Convento, onde devia seguir os Estudos: porém a morte não consentio que os acabasse. *Hist. Seraf.*

lhe, que me dissesse o seu nome, e a terra donde era; ao que o solitario com estas palavras respondeo: «O meu nome é Fr. José, nasci na Ilha de S. Jorge, onde passei a minha infancia na doce companhia de meus pais e irmãos, que hoje estão derramados pelas outras Ilhas, sem ter noticia delles: ah! e nem ao menos daquella mãi, que me queria como ás meninas dos seus olhos! Oh! meu amigo, continuou elle, como são doces, mas quanto rapidos os instantes, que passamos debaixo das azas de nossos velhos pais! A familia do homem é de um dia, o sopro de Deos a dispersa como um fumo! Tendo estado algum tempo em Angra, dahi vim para este Convento, onde me acho ha seis annos.» Rebentárão-me as lagrimas, ouvindo o nome de minha terra. O nosso coração (não sei porque) é mais sensivel ao nome da Patria, quando estamos ausentes, que quando vivemos junto dos lares paternos na companhia de nossos pais e irmãos. Abracei então o meu veneravel Patricio, que chorava de prazer;

Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

Cam. *Lus.* III. 27.

CAP. IX.

A Ponte.

NÃo ha empreza grande, empreza laboriosa ou difficil, a que se não atreva o engenho do homem : rompe o coração da terra para tirar de suas vêas o ouro e a prata; atravessa, como setta, pelas entranhas do Oceano, e vai buscar ao fundo dos abysmos o aljofre e o coral; põe azas no tronco de uma arvore, e vôa ás extremidades do universo; fura por baixo dos rios, e a seus pés se abre uma estrada Real *(a)*; longas pontes se elevão sôbre as costas dos rios, á maneira de isthmos, e por ellas passão os homens a pé enxuto.

A Ponte do Mondego é uma das maravilhas de Portugal: é obra do fundador da Monar-

(a) Alludo á estrada, que se está abrindo em Londres por baixo do Tamisa, invenção, que segundo observa um Escriptor moderno, não é nova, porque já um engenheiro Assyrio construio em Babylonia um caminho por baixo do Eufrates, pelo qual SEMIRAMIS, sem atravessar o rio, passava de um palacio, que tinha em uma das suas margens, para outro edificado na margem opposta. DIODORO de Sicilia descreve esta obra.

Monarchia. O Mondego porém mais poderoso, que os homens, tem quasi engolido em arêas os seus arcos. ElRei D. Manoel mandou-a concertar até á Cruz de S. Francisco; e edificar das Esperas até o Mosteiro antigo de S. Clara *(a)*.

Talvez não passem muitos annos, que não seja precisa uma nova Ponte; porque grande numero de arcos estão já entulhados nas arêas.

A Ponte é um dos lugares mais aprazíveis e vistosos de Coimbra; ou se passeie por ella n'uma manhã da primavera, em que a natureza derrama pelos campos, que a cercão, uma doce alegria misturada com o riso das flores; ou pelo fresco em uma tarde de verão. A mansidão, com que correm as aguas *(b)*; os salgueiros, os alamos, que lhe guarne-

---

(a) A Ponte tinha 24 arcos. Sobre a porta, que da Ponte dá passagem para a Cidade, está este letreiro: « O muito Alto e mui Poderoso Senhor Rei D. Manoel, o primeiro do nome, mandou reedificar esta Ponte até á Cruz de S. Francisco; e das Esperas até S. Clara edificar e fazer de novo no anno I. L. C. XII. » Vid. *Antiguidades de Coimbra.*

(b) Tão claras vão as aguas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem uma e uma estar contando.
Cam. *Ecl.*

cem as margens, debruçando-se sobre a sua corrente, como quem se está mirando no espelho das aguas; as Quintas da Boa-Vista, das Cannas, das Lagrimas e da Alegria, que alvejão ao longe por entre as oliveiras; os cyprestes, que figurão pyramides e obeliscos; a torre de S. Cruz, que se ergue das ameias da Cidade; os sumptuosos edificios de S. Bento, de S. José dos Marianos e Seminario do Bispo, que corôão cada um o seu oiteiro *(a)*; em fim os barcos, que correm por elle em todas as direcções, offerecem aos olhos um quadro, que eleva os sentidos, e que se não póde desenhar com o pincel, e menos descrever com a penna.

(a) Francisco Rodrigues Lobo, encantado dos campos do Mondego e da perspectiva da Cidade, não pôde deixar de os descrever na sua *Primavera*, dizendo:

«Dalli forão continuando seu caminho pela subida de um valle assaz pedregoso, té chegarem ao cume de um monte, donde começárão com os olhos a descobrir a vagarosa corrente do Mondego, que em curiosas voltas se detinha por não chegar ao mar, aonde perde o nome, e o sabor de suas doces aguas; e alli se detiverão em contemplar os sumptuosos edificios e altos templos da famosa Cidade de Coimbra, honra e gloria da Lusitania, e os apraziveis lugares e quintas, de que está rodeada.» *Primavera, Campos do Mondego, Floresta* I.

No fim da tarde, depois das suas expedições recreativas á Quinta das Lagrimas, ao Almegue, ou ao Monte da Esperança, vem assentar-se sobre os muros da Ponte os Estudantes de Coimbra, e alli se põem a contemplar a linda perspectiva da Cidade, e a doçura, com que as aguas vão passando.

Nada é tão bello como este sitio nas tardes de verão, quando o sol toucando com seus ultimos raios a frente dos cedros, e das arvores da paz, se vai escondendo por trás do Convento de S. Clara. Os seus raios, quebrados pelos troncos das oliveiras, repartem-se pelas sombras do monte occidental em compridos feixes de raios luminosos. Algumas vezes apparece o seu disco radiante no fim de uma longa rua formada pelas oliveiras, derramando sobre a folhagem do campo e das arvores uma luz similhante ao fulgor do topasio. Parecem columnas de antigo bronze os troncos musgosos e pardos destes habitadores immoveis da terra. Muitas vezes quando o sol está meio escondido, parece-nos enterrado no Monte da Esperança com a cabeça de fóra, dando aos campos de Coimbra um risonho adeos. Em fim é tão bello o quadro, que nos appresenta o passeio da Ponte, que não bastão dous olhos para desfructar tamanhas bellezas.

Sendo impossivel descrever com a penna as formosuras da natureza, cobriremos com o véo do silencio o resto deste painel majestoso. Usemos do artificio de Thimanto, que no quadro de Ipnigenia não podendo exprimir a dor ineffavel de Agamemnon, lhe cobrio o rosto com um véo; pois nada ha tão difficil, como pintar aos olhos o que sente o coração.

Mas quanto não é saudoso este passeio em uma noite de luar, em que o astro da ternura, erguendo-se majestosamente por entre os cumes dos montes, que cercão a Cidade, vai lançando sobre as costas das nuvens um manto de prata! O firmamento tincto de um azul brilhante, e semeado de estrellas, parece um vasto oceano estendido sobre Coimbra, e povoado de ilhas luminosas. O clarão da lua, que dá ás aguas do rio um tremulo esplendor; a multidão de luzes, que brilhão espalhadas pela Cidade, ou nas Quintas, que se avistão ao longe; o rumor, que vem fazendo os barcos pelo rio acima, e que passão por baixo da Ponte; as velas, que se vêm alvejar ao longe, seguindo os torcicollos do rio; a musica dos rouxinóes, que cantão ao desafio entre os salgueiros; as vozes das *cachopas* misturadas com a gasnada das rãas, e com os hymnos sepulcraes dos

mochos, que gemem entre os cyprestes, tudo encanta os olhos, e inspira no coração um sentimento saudoso, misturado com certa doçura, que é mais facil de sentir, que de explicar.

CAP. X.

O Mondego.

Corre por entre os bosques divertido,
Com curso tão quieto e sovegado,
Que nas ondas se mostra arrependido
De levar agua doce ao mar salgado.

Castr. *Uliss.* C. III. Est. 2.

O Mondego *(a)* tem a gloria sublime de conservar o seu nome desde a Serra de Estrella, onde nasce, até á Villa da Figueira, donde se precipita no seio do Atlantico: digo gloria sublime; pois quantos rios famosos não vejo, que a poucos passos da sua origem perdem o nome, com que forão baptizados no berço? Este Rio das Musas não foi privado dessas soberbas heranças, que a natureza deixou aos seus grandes filhos da Asia e da Ame-

(a) Un tiempo Munda (tal es su agua clara). — Sa' de Mir., *Fab. do Mondeg.*

rica. O nosso Mondego possue tambem arêas de oiro *(a)* ; elle é sem duvida o Rio mais rico e formoso, que banha o nosso territorio. É todo Portuguez, porque nasce em Portugal, e nelle se entrega ao oceano.

O Mondego na primavera e no estio passa humildemente por baixo da Ponte, espreguiçando-se por cima de arêas, que parecem campos de oiro: porém na estação das tempestades enche-se de soberba e arrogancia: sáe com soberania do templo de Lucifer *(b)*, invade os campos, estraga as hortas, inunda as quintas, derruba as arvores, e leva em suas aguas triumphantes os despojos das terras assoladas. Muitas vezes salva por cima da ponte, e dalli continúa entre estragos e ruinas, até ir sepultar-se nas praias do oceano.

O seu leito é uma vasta planicie de areáes amarellados, que se estende aos pés de duas montanhas, que a guarnecem. Os alamos, os

---

(a) Brito, *Monarchia Lus.* L. III. c. 14., J. de Barros, *Dec.* 1. L. 3. c. 8., Duarte Nun., *Descripção de Port.* c. 15., Antonio de Sousa de Macedo, *Flores de España* não cessão de encarecer a pureza do oiro do Mondego.

(b) Antigamente havia na Serra de Estrella um templo dedicado a Lucifer, ou Estrella d'alva, que lhe deo o nome.

choupos e os salgueiros, que estão alinhados de uma e doutra banda, formão com suas alas a estrada do Rio. As arvores, que ao longe se avistão, parecem vir saíndo das suas aguas. Alem das extremidades do rio, guardadas por estes soldados da natureza, verdejão as insuas, umas vestidas de seáras, outras povoadas por vistosas e florecentes laranjeiras. Como é aprazivel este passeio do Rio! Quando vamos nos barcos pela corrente abaixo, e nos voltamos para Coimbra, figura-se-nos que a montanha nos vai fugindo com a Cidade aos hombros *(a)*.

Não caminha em linha recta o Mondego. Na Quinta da Boa-Vista começa a formar uma especie de semicirculo, dentro do qual nos fica a Cidade; vai-se depois insensivelmente endireitando até o sitio da Memoria,

---

(a) « Começando a caminhar, lhe perguntou o do pardo, que lhe parecia da verdura e graça dos campos, que dalli se descobrião, e as socegadas aguas do Mondego, que em saudosas voltas se despedia do pé daquella montanha. Tudo (disse Lereno) mostra na terra um paraizo, e só viveria nelle em pena quem tiver a alma descontente, que os olhos sem o coração mal podem ter alegria ..... Confesso-te que não vi outro tão formoso de aguas e arvoredos, como este é; sempre forão celebrados os campos do Mondego. » Logo lugar cit. *Floresta* III.

donde começa novo cotovêlo em sentido contrario. O Mondego parece ter a sua origem entre as Quintas das Cannas e Boa-Vista, que nos fazem recordar, estando defronte uma da outra, dos saudosos Castellos de Sestos e Abydo; e começa a sumir-se perto da Memoria, onde se dirige para o occidente. Coimbra, ficando entre estes dous lugares em curta distancia, desfructa pequena porção do Rio.

A Rainha D. Maria I. escolheo em 1793 homens habeis e industriosos, a quem encarregou o encanamento do Mondego, cujas cheias, desconcertando quasi todos os annos a sua carreira natural, cobrião os campos mais pingues de estereis arêas, e, reduzindo-os a vastas solidões, os tornavão incapazes de cultura, perdendo-se desta maneira d'anno a anno uma grande porção daquelle fertilissimo terreno. Depois de um immenso e repetido trabalho conseguio-se o encanamento do Rio, e livrarão-se vastas campinas das continuas cheias; porém não foi de todo, porque alguns annos vem tão arrogante o Mondego, que estraga n'um dia o trabalho de seis annos, deixando tudo coberto de arêa. « A causa deste diluvio de arêas, diz o veneravel Chronista de S. Domingos, é a cobiça dos homens, que não deixão pal-

mo de terra, á que não rompão o seio. N'outros tempos, continúa o sabio Dominicano, erão inviolaveis as costas e as ladeiras, que caião sobre os Rios, com medo do que hoje se padece: e como cousa sagrada estava a cargo de se guardarem á conta dos melhores do Reino. Faz perder os campos muito largos e muito proveitosos o querer aproveitar montes, pela maior parte estereis, ou pouco fructiferos. Achão as invernadas a terra bolida, levão-na ao baixo, e ficão despidos os altos, até descobrirem os ossos, que são as lageas e penedos do centro; e assim ficão os campos perdidos, e os montes não dão proveito *(a)*. »

(a) Hist. de S. Dom. L. I. c. 4.— « Convertamos os olhos ao nosso Tejo, e mais notavel ao Mondego, que sendo um rio, cujo curso será pouco mais de 20 leguas, que haverá de Coimbra á Serra da Estrella, onde elle nace, não se mettendo nelle senão uma plebe de riachos de pouca agua, com que juntos á sua no verão é tão pouca, que se passa a vão della, em muitas partes póde tanto com suas pequenas enxurradas, que á vista de nossos olhos por espaço de 50 annos tem cuberto muitos edificios, e uma ponte debaixo de outra, e enterrado grandes e magnificos templos quasi té o meio. » João de Barros *Dec. II. V.* 1.

CAP. XI.

O Convento de S. Domingos.

« NA ribeira direita do rio Mondego, que lava a cidade no plano, onde hoje vemos assentada grande parte da povoação da Ponte para baixo (*a*), havia em tempos antigos muita frescura de pomares. Entre elles pareceo á Infanta D. Branca lugar accommodado para fundar Convento, um posto, que havia o nome de *Figueira Velha;* porque por uma parte para a communicação da cidade não ficava longe, e por outra, senhoreando o rio, que naquella idade (quem o crerá hoje?) corria fundo e alcantilado, vinha o sitio muito a proposito para commodidades e recreação dos Religiosos. Mandou-o comprar, e em 1227 estava acabado o Convento.

« Destinguio-se muito nesta fundação o veneravel Fr. Paio, filho de Coimbra, que se deve gloriar polo ter por hospede, e ci-

(*a*) Esta povoação já não existe. As arêas do rio fizerão despovoar a Freguezia de *Cucafete*, e o Convento de S. Domingos, que estava neste sitio. Casado Giraldes, *Trat. Compl. de Cosmogr.*

dadão. Foi o seu primeiro Prior, e morreo em 1257, deixando para maior prova de sua santidade uma cinta de ferro grossa e larga, que trazia á raiz da carne. Mas isto de vida penitente e trabalhada, era cousa tão ordinaria para aquella idade, que em ninguem fazia abálo.

« Esteve hospedado neste Convento D. Vasco, Arcebispo de Toledo, que foi desterrado por ordem de D. Pedro cruel de Castella. Entrou em 1360, e morreo dous annos depois. Este Arcebispo sagrou (um mez antes de fallecer) a Igreja do Convento antigo de S. Francisco da Ponte.

« Sendo corridos 300 annos da fundação, vierão a ser tão grandes as enchentes do Mondego, que acontecia de inverno estar o Convento muitos dias feito ilha, e posto em cerco. Seguírão annos invernosos, continuárão e crescêrão as aguas com novo mal, que foi trazerem comsigo grande poder de arêas e cegarem com ellas a madre do rio, de maneira, que donde dantes corria tão fundo, que o sitio do Convento lhe ficava sobranceiro e senhor, veio a igualar a corrente ordinaria com elle, e á forças d'agua começou a lançar as arêas por cima das mais altas margens, senhoreando-se do campo, e entupindo cerca e officinas; e aconte-

cia pela muita abundancia das arêas subir o rio a tanta altura com qualquer pequena enchente, que não só cobria os campos, e alagava o Convento, mas lançava por cima da Ponte. Donde nasceo, que temendo ficar brevemente vencida das arêas, como já se ía sumindo nellas, tratou a Cidade de fazer com tempo outra, que é a que hoje vemos: e affirma-se, que foi direitamente fundada sobre a antiga, de que não temos mais que a fama (*a*). E com a podermos chamar nova, vai fazendo já bom testemunho ao que dizemos; porque acontece em alguns dos arcos terem estreita e trabalhosa passagem os barcos, que poucos annos atraz passavão folgadamente á vela.

« Ajuntava-se ao mal dos diluvios, que as aguas de muito tempo encharcadas deixavão o Convento apaülado: e quando com o verão vinha a enxugar, era sómente na face da terra; e ficava do interior lançando vapores, que causavão graves doenças. Vencia-se este inconveniente com a paciencia e santidade dos Religiosos, á conta de não desempararem um santuario, que fôra morada de muitos santos, e era depositario de seus ossos. Obrigava-os juntamente o respeito devido

(*a*) Não é assim. Vid. Cap. IX.

devido a todos os nobres da cidade, cujos pais e avós tinhão comsigo enterrados. Assim era de ver o cuidado e amor, com que toda a nobreza e povo lhes acudia, tanto que as aguas crescião. Porque como estavão satisfeitos da sua constancia, em se fazendo sinal com o sino, como era costume, não havia homem timido, nem pobre para os soccorrer. Acodião como á competencia na força das tormentas, e muitas vezes com perigo manifesto; e reluzia a caridade com esmolas geraes, tão copiosas, que sobejava provimento na casa para longos dias depois de passado o aperto.

« Em 1540 era já insupportavel o mal. A continuação de aguas ía socavando, e enfraquecendo as paredes, que não erão fortes, e temia-se uma ruina subita. Participou-se a ElRei D. João III., e houve licença e esmolas para sua mudança. Fez-se a trasladação para a rua da Sofia, que se estende até á porta do Arnado. Agazalhados aqui pobremente, forão logo comprando mais casas e chãos, ajudando-os com muita largueza o commum e particulares da cidade. E porque andava já em costume fundar-se um Collegio separado do Convento, que servisse só para os que estudavão na Universidade, procurou-se logo tamanha capaci-

dade de sitio, que fosse bastante para Convento e Collegio. Os Conegos de S. Cruz valerão-lhes muito, cedendo-lhes graciosamente algumas terras, que alli possuião.

« A obra foi de vagar, porque faltou braço de Principe, que a tomasse á sua conta, e a fizesse voar. O Duque de Aveiro encarregou-se de parte della, porém morreo deixando-a incompleta: e Fr. Martinho, Lente de Theologia, deo ao Convento principio tão majestoso, que não podia deixar de ficar em meio obra tão larga. Era vastissimo o projecto do novo fundador; pois emprehendeo o edificio de dous Conventos juntos, um o Collegio de S. Thomaz, que deixou de todo acabado, outro para os Frades, que se mudárão do sitio velho; porém este não pôde acabar, porque emprehendeo maior fabrica do que erão suas forças. Não passou da Capella-mór; mas o que ficou lavrado, é obra de tanto primor e custo, que póde competir com as que no Reino são mais louvadas. O marmore é alvissimo e mui fino. A delicadeza dos ornatos, e a miudeza dos lavores parece traçada mais por pincel em pintura, que por escopro em cantaria.

« Faz lastima grande a todos os que vêm tal obra, cuidar-se que chegará primeiro a caír, e acabar de desemparada, que a pôr-se

em estado de prestar, e servir no ministerio, para que foi começada. Ficou esquecida a obra, e ficou o resto do Convento até hoje informe, e longe do seu devido remate. Do Convento antigo sómente existe um bocado da torre, que é o representante daquelle Real edificio, que ficou aqui para receber as saudações do viajante curioso (*a*). »

No Collegio do Convento habita presentemente um insigne Religioso, cujo nome é repetido com applauso pela bocca de todos. É um destes homens privilegiados do Ceo, a quem é concedido o dom da verdadeira eloquencia. De dous Sermões, que andão impressos, deste illustre Theologo, um só era bastante para se lhe dar a palma de Orador perfeito. Se este sabio Dominicano publicasse os seus Discursos, daria por certo uma época nova ao Pulpito Portuguez. Não é dominado pelo espirito do quinhentismo, nem escravo dos termos emprestados da lingua Franceza: segue a justa mediania, que deve hoje reinar na eloquencia Portugueza (*b*).

(*a*) Extracto da *Hist. de S. Dom.* L. 3. c. 1. e seg.

(*b*) « Assim como a pureza da lingua é muito recommendavel, assim o Purismo é uma affectação, e por consequencia um vicio, que consiste no estudo demasiado de fallar uma lingua, observando exactamente todas as suas regras, e não admittindo palavra

O seu Jardim é uma prova irrefragavel da delicadeza de suas idêas, e da sublimidade dos seus pensamentos. A cultura das flores faz nascer a serenidade e a doçura no coração do homem; porque a sua vista encantadora, excita em nossa alma sentimentos doces, sensações serenas e deliciosas. Serão bem poucos os individuos, que amando as flores, não adocem o seu coração e os seus costumes. O seu aspecto risonho, o seu cheiro agradavel e a infinita variedade dos seus talhes e cores, encantão os olhos, avivão a imaginação, e acordão no espirito pensamentos sublimes.

Além das flores, destas joias da natureza, que matizão o seu Jardim, vêm-se pelas paredes os retratos de alguns Poetas famosos de Grecia, de Roma e das Nações modernas. Alli entre Homero e Anacreonte, apparecem Virgilio, Horacio e Ovidio; Camões, Milton e Thompson tambem forão admittidos a este Concilio ecumenico dos grandes Genios do Mundo.

---

alguma, ou expressão, senão auctorizada pelos melhores mestres della. Este cuidado supersticioso constrange o espirito, prende o discurso, e o enfraquece. Os Puristas de ordinario são sêccos, monotonos, e sem nervo. » Jeronymo Soares Barbosa, *Instit. Orat.* L. III. c. 2. tom. 2. p. 24. not. *(b)*.

As paredes exprimem pensamentos sublimes, e appropriados ao sitio, na lingua de Cicero e Augusto. Um Romano, que alli entrasse, julgaria passear ainda pelos jardins de Lucullo, ou Mecenas.

Na entrada do Jardim fica uma fonte, que rebenta debaixo dos pés de uma Nympha (*a*), que com os braços erguidos sustenta pelas pontas um listão enfunado pelo vento, em que está escripto este verso de Ovidio:

More fluentis aquae vanescunt tempora vitae.

A doçura, com que correm as aguas, a postura da Nympha, que parece estar pronunciando esta sentença, e a propriedade da letra, lanção-nos o espirito n'uma profunda meditação sobre o nada da existencia, e sobre o muito que se lida nestes dous momentos de vida, que insensivelmente se escôão, como as aguas da fonte. Nunca li um letreiro, que maior impressão fizesse em minha alma. Elle me estava traçando no espirito o vôo, com que o homem do berço cáe na sepultura. O homem passa insensivelmente por todas as estações da sua vida, parecendo-lhe em cada uma dellas, que lhe resta o mesmo tempo de vida. Hoje infante, á manhãa mancebo, outro dia varão, pare-

(*a*) Em pintura.

ce-lhe nunca saír do mesmo periodo; mas de repente a velhice, que anda sempre escoltada da doença, guarda-avançada da morte, corta-lhe os fios da vida no meio das esperanças; cáe-lhe sobre o rosto o véo do sepulcro; e adeos para nunca mais. Oh! quanto custa este nunca mais!

Uma manhãa, quando estava meditando nestes letreiros, que me estavão exprimindo o pensamento de varios sabios, que vivêrão antes de mim tantos seculos, quando sentia mais dilatada a minha alma pelos campos do infinito com a idêa da sua immortalidade, e com a lembrança de que estes pensamentos tinhão sobrevivido ás ruinas de um Imperio, vi entrar pelo Jardim o eloquente Filho de S. Domingos. A sua figura agradavel e risonha, o seu habito branco, e o seu gesto affavel, doirados pelos raios de um sol da primavera, e alindados com a formosura das flores, enchêrão minha alma daquelle secreto sentimento de admiração e affecto, que inspira o aspecto amavel de um homem, cujo nome marcha com gloria adiante de seus passos; de um homem, « em quem até se admira uma déssas fysionomias ditosas, com que o mundo simpathiza, e aonde raião vislumbres de algum nobre destino (*a*). » Lembrei-

(*a*) São expressões do mesmo Religioso, applicadas

me immediatamente daquelles versos de Delille, traduzidos por Bocage:

« Feliz quem, como tu, nos seus amados
Bonançosos jardins, longe dos males,
Que a soberba atormentão, vive rico
De flores, fructos, innocencia e gosto. »

Entre as flores do Jardim vem o nosso Cicero colher as bellezas de eloquencia, e os pensamentos sublimes, com que orna os seus Discursos. Os Jardins forão as primeiras escholas, aonde os Leucippos, Democritos e Epicuros revelárão aos homens os segredos da natureza. Socrates foi conceber á sombra das antigas oliveiras, que guardavão os muros de Athenas, a idêa de perfeição moral, de que deo preceitos e exemplo. Platão assentado sobre as margens floridas do Ilisso, descobrio o Deos incognito da natureza, e lançando a vista além do tumulo, estendeo por uma eternidade os destinos do homem. Scipião, Scylla e Diocleciano, depois de terem regido o imperio do mundo, forão passar o resto dos seus dias entre as flores dos Jardins (*a*):

á pessoa do Bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos no Elogio funebre, que recitou nas Exequias deste Prelado.

(*a*) « Respirão nas lições da natureza a verdade

« Habitava os jardins outr'ora o sabio,
Doutrinando os mortaes, mais ledo que hoje,
Quando a sabedoria Elysios teve,
Ereis vós, dons do Ceo, talvez Palacios?
Não: vós ereis um prado, um rio, um bosque,
De imperturbavel paz ditoso abrigo.
Os Latinos Heroes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davão repouso ameno á gloria, ao raio
Em frescos hortos, que a victoria ornára (*a*).

---

e a poesia; o simples camponez te dirá: Está proxima a borrasca; porque vi ha pouco o trevo e o mastruço encolherem docemente as suas folhas: esta tarde havemos de ter um grande temporal; porque a carolina dos valles se fechou logo de manhãa. As flores servem ao camponez de relogio, que lhe vai apontando as horas do dia: o prado é o livro encantador, por que apprende a ler; nelle não se encontrão as contradicções, que reinão nas obras dos sabios. Os livros dos philosophos sómente poderião ensinar-lhe as opiniões dos homens; mas o livro da natureza ha de fazer-lhe gozar dos mais bellos espectaculos do universo.

« O' Socrates? ó Platão! contempladores divinos da natureza, a quem daveis o nome de Poesia sublime! Sem dúvida na solidão dos bosques, nas margens dos rios, no seio dos prados, é que vistes apparecer de repente esse Deos infinito, que a vossa voz eloquente annunciou ao universo. » Aimé Martin. *De l'Existence de Dieu par* Fenelon.

(*a*) Delille.

CAP. XII.

Fundação do Mosteiro de S. Cruz.

D. Fernando saíndo de Coimbra em Romaria a Sant-Iago de Galliza, encontrou no caminho a D. Paterno, Bispo de Tortoza, que lhe deo os parabens da victoria. O Conquistador, agradado das virtudes daquelle Santo Prelado, offereceo-lhe a Mitra de Coimbra. D. Paterno porém só veio tomar posse da sua Diocese no Reinado de D. Affonso VI. (1082). Fundou junto da Cathedral um Collegio de moços, que destinou ao estado Sacerdotal, fazendo-os viver em commum, com clausura e silencio segundo a regra de S. Agostinho *(a)*. Erão tirados daqui os Cone-

(a) Prova-se pelo Liv. das Doações da Sé de Coimbra fol. 9., Append. da *Mon. Lus.* P. 3, *Benedictina Lusit.* tom. 1. trat. 2. c. 8., e *Chronic. dos Conegos Reg.* por D. Nicola'o de S. Maria L. V. c. 5.

Tambem na Igreja de S. Bartholomeu vivêrão os Clerigos como os Regulares: o que se próva pelos papeis, que se conservão no seu Cartorio; porque n'um Prazo de certa herdade junto de Ourem se diz, que pagará o inquilino de pensão aos Clerigos da dita Igreja uma carga de bom vinho todos os annos, posta no seu refeitorio o primeiro domingo da quaresma. *Ben. Lusitana*, tom. 1. trat. 2. §. 8.

gos da Sé, onde tambem vivião em communidade com o seu Bispo, segundo o Instituto do mesmo Patriarcha, que na Cathedral de Bona lhes tinha aberto o exemplo.

D. Bernardo, Bispo de Coimbra, em 1130 deo liberdade aos Conegos para deixarem a vida commum, e adquirirem propriedade. Não quizerão porém usar desta licença, nem o Arcediago D. Tello, nem o Mestre-Eschola D. João Peculiar, nem D. Miguel, Prior da mesma Cathedral. Zelosos da sua Regra, vão dar principio a um novo Mosteiro *(a)*. Mas esta lembrança occorreo primeiramente ao virtuoso D. Tello, que visitando a Patria do Salvador, e admirando a santidade, com que alli vivião os Conegos do Santo Sepulcro, assentou logo comsigo imital-os dizendo um adeos ao mundo, e recolhendo-se ao silencio do Claustro *(b)*. Pedio pois o nosso Arcediago licença ao Bispo de Coimbra para fundar um Mosteiro nos arrabaldes da Cidade: e lançando os olhos sobre os

---

(a) D. Tello quiz seguir o exemplo daquelles quatro Conegos de Avinhão, em cuja Cathedral sendo extincta a vida commum, forão estes fundar um Mosteiro nos suburbios da Cidade junto da Igreja de S. Rufo, conservando o mesmo habito e o mesmo Instituto. Penoto *Hist. Tripartita* L. 2. c. 56.

(b) Trouxe de Jerusalem um debuxo do Mosteiro e uma copia dos seus Estatutos.

campos, que a cercão, agradou-lhe o sitio, chamado os *Banhos da Rainha*, por ter levantado da parte do norte um monte de oliveiras, arvores abençoadas e ditosas, que sempre prognosticárão grandes felicidades. Chamava-lhe o seu Monte Olivete. O que mais o encantava, era haver neste sitio uma antiga Igreja, dedicada a S. Cruz *(a)*, que no tamanho, e no estar fundada ao pé de uma horta, se parecia com a do S. Sepulcro, de que nunca se esquecia um momento.

ElRei D. Affonso Henriques cedeo a D. Tello o sitio dos Banhos, dizendo na Carta da Doação: « E isto vos faço pelo grande amor, que do coração vos tenho „ (1167 ou 1129). O Arcediago agradeceo a generosidade d'ElRei, offerecendo-lhe uns soberbos arreios e jaezes de cavallo e um peitoril de pedraria, que trouxera de Constantinopla *(b)*.

Deo-se principio á obra, e o vencedor de Ourique, foi lançar com sua mão a pedra fundamental em 28 de Junho de 1131: parece que este grande Principe lançou tambem com ella o seu coração; porque nada

---

(a) Esta Igreja deo depois o nome ao Mosteiro.

(b) *Mon. Lus.* P. 3. L. 8. c. 5. e append. á 3. P. f. 277., *Chron. dos Con. R.* L. 7. c. 1.

amou tanto na vida, como os Religiosos deste insigne Mosteiro.

Completou-se a obra dentro de um anno. D. Tello tratou de recolher-se ao novo retiro. Já tinha onze companheiros, mas faltava-lhe um Matthias para encher o numero dos Apostolos. Passava neste tempo por Coimbra D. Theotonio, Prior de Viseu, não menos insigne pela santidade, que pelo valor (a). Andava-se despedindo este santo Varão para ir passar o resto da vida na guarda do S. Sepulcro. As instancias de D. Tello fizerão-no mudar de tenção; e a 24 de Fevereiro (1132) entrão os Apostolos de Agostinho no Monte da Santidade. ElRei e sua Côrte vierão augmentar o esplendor deste acto solemne.

D. Theotonio não se esqueceo no meio da pompa deste dia do Sepulcro do Salvador; e rebentando-lhe nos olhos as lagrimas de uma profunda saudade, não pôde reter estas vozes sentidas: " Adeos Jerusalem! Adeos

---

(a) « Um Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança;
É Theotonio, Prior. »
Cam. *Lusiad.* C. VIII. Est. 19.

Adeos Jordão? Adeos Monte Olivete? Adeos Santo Sepulcro? Adeos amores de minha alma? porque Coimbra de hoje em diante vai ser a minha Cidade santa: esse Mondego será para mim o meu Rio Jordão: e aquelle monte de oliveiras o meu Olivete?.. Mas aonde te acharei, ó Sepulcro sagrado do meu Divino Salvador? Ah! eu te vejo neste Templo augusto, em que me hei de sepultar para sempre com o meu Redemptor! » *(a)*

Constava então o Convento de um Claustro com doze cellas, tão estreitas e faltas de luz, que mais parecião sepulturas de mortos, que recolhimento de vivos. A voz de Basilio parecia retumbar dentro das suas abobadas: *O' cellae, dominicae sepulturae aemulae?* *(b)* Não havia em todo o Mostei-

---

(a) *Chron.* L. 7. c. 3.

(b) « Falla o grande Basilio das cellas das Religiões mais estreitas, e diz, que a cella de uma alma Religiosa é emula, é competidora da sepultura de Christo: *O' cella, dominicae sepulturae aemula!* Pois saibamos, que calidades tem uma cella para tão nobre competencia? Em que presumpções se funda esta emulação? Que se compare a cella a qualquer sepultura, justa semelhança; porque onde o habito é uma mortalha, o leito um ataúde, as paredes tão estreitas e com tão pouca luz como estas, que vemos, muito ha de sepultura. Sepultura sim: mas sepultura não ou-

ro janella para fóra, nem outra vista, que a do Ceo, a que aspiravão. Porém ElRei D. Affonso deo-lhe a mão, e levantou-se um Convento Real. Novo Templo, com tres naves e oito Capellas, tres Claustros com 84 cellas, novo Refeitorio, maiores officinas dão a este Monarcha o titulo de Fundador. Mandou-o cercar de muros muito altos, e erguer algumas torres para sua defesa; porque como estava fóra da Cidade, podia facilmente ser attacado pelos Mouros de Leiria, Soure, ou Santarem, que costumavão naquelle tempo dar assaltos, e fazer suas correrias *(a)*. Foi sagrada a Igreja pelo Cardeal D. João, que foi Conego deste Mosteiro, e era Legado *a latere* do Pontifice (em 1228).

D. Theotonio foi eleito Prior, e D. Tello foi a Roma buscar a Isempção para o seu Mosteiro *(b)*. Mas pouco tempo viveo depois desta jornada o Patriarcha dos Cruzios: a doença o assalta, aproxima-se a morte, e reunindo junto do leito os seus amados disci-

---

tra senão a de Christo; por que razão? Porque nas outras sepulturas móra só a morte; na sepultura de Christo morou a morte e mais a vida.» Vieira, *Sermão de S. João Baptista*, Part. 5.

(a) *Chron.* L. 7. c. 5.

(b) Foi lavrada a Bulla da Isempção em Pizza a 20 de Maio de 1135.

pulos, despede-se delles, dando-lhe o nome de filhos; e poucos momentos depois expira nos braços dos Religiosos repetindo suavemente os Psalmos de David. Como é doce a morte do justo! Para elle esta soberana de ruinas perde o seu horror: ao seu aspecto elle fica sereno e tranquillo. Bem longe de temer a morte, o justo suspira por ella (*a*).

Era tal o amor, que tinha a esta Religião D. Affonso I., que elle mesmo se intitulou Conego della. Este Alexandre, que no tempo de guerra vestido de aço e brandindo a espada era o terror dos inimigos, no tempo de paz se via no Coro de S. Cruz de mãos postas e sobrepelliz, rezando o Officio Divino entre os mais Religiosos. Fazia maior apreço deste vestido de paz, que da Purpura Real (*b*). Era outro David, que com a funda n'uma mão, e a harpa na outra, debellava os

---

(*a*) Está o seu corpo na Capella de S. Theotonio ao lado do Evangelho em um túmulo pomposo, que lhe mandou levantar o Prior D. Miguel em 1630. É todo de jaspe lavrado, e embutido de diversas cores.

(*b*) Erão antigamente tres as Ordens dos Conegos: *Inclusos*, que vivião no Convento: *Fratres*, que podião viver em suas casas com voto e sujeição á Regra; e *Conegos Terceiros*, que podião casar. A esta ultima Ordem pertencião ElRei D. Affonso e D. Sancho I.

inimigos do Senhor, e invocava o seu Nome no meio das victorias *(a)*.

D. Sancho seguio o exemplo de seu Pai, e neste Mosteiro passou a maior parte da sua infancia.

Quantas vezes voltando estes dous Conquistadores dos campos da batalha, e largando á porta do Coro as armas sempre vencedoras, vinhão lançar-se aos pés do Ermita Theotonio, e beijando-lhe a mão, attribuião a suas orações os triumphos e as victorias *(b)*! Tempo ditoso, em que só se desembainhava a espada para dilatar os dominios da Cruz, que erão os mesmos, que os do Sceptro!

(a) Faria e Sousa *Epitome da Hist. Port.*, e *Monarch. Lus.* p. 3. L. II. c. 39.

(b) N'uma das casas de regalo, que ficão ao pé da cascata, está na parede desenhada esta passagem. D. Affonso Henriques, cercado dos seus Generaes, está de joelhos beijando a mão a D. Theotonio, que o veio receber á porta do Mosteiro.

CAP. XIII.

Reedificação do Mosteiro.

ElRei D. Manoel deo nova existencia ao Mosteiro, e sobre os antigos alicerces levantou um novo Templo. Foi tão grande a magnificencia e majestade, que deo ao novo Edificio, que chegando aos ouvidos de Paulo III. a sua noticia, este Pontifice, a pezar das maravilhas do templo de S. Pedro de Roma, desejou ver a descripção do Mosteiro de S. Cruz, pedindo encarecidamente ao seu Prior, que lh'a remettesse (1540) *(a)*.

O portal da Igreja está entre duas torres massiças, de altura mediana, e de canto talhado. Chama-se o Portal da Majestade, porque no seu frontispicio está a Imagem de Deos em figura de relevo de pedra, e em redor estão as imagens de alguns heroes do Velho e Novo Testamento. Já estão carcomi-

(a) Para construcção deste Edificio mandou vir ElRei D. Manoel tres Artifices de França, Joaõ de Ruaõ, Jacques Longuin, e Filippe Uduarte. A elles se juntou Nicolao Francez. *Chron. dos Coneg. Reg.*

das do tempo; e nos seus nichos se hospedão com ellas as pombas e andorinhas.

A Igreja é de uma só nave. A abobada é toda de pedra branca, ornada com florões doirados. Tem quatro capellas de cada parte. O Coro é riquissimo; está sustentado sobre um grande arco; e tem 72 Cadeiras lavradas com lindas cercaduras doiradas, com historias do antigo Testamento, castellos e bestiães feitos com grande espirito.

A Capella-mór cercada dos tumulos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I. inspira na alma do espectador um majestoso acatamento. Escudos, manoplas, capacetes, maquinas de guerra, instrumentos de morte, appresentão sobre o marmore uma pompa terrivel. Esta grandeza, que respirão os tumulos, é um tributo de gloria pago ás cinzas destes Monarchas guerreiros. Mas esta pompa só mostra o desejo, que tem os homens, de fazer-se immortaes até nos braços da morte (*a*). Quando visitei os tumulos, recordando-me da grandeza daquelles Monarchas, perguntei a mim mesmo: Onde estão agora essas insignias de gloria, que lhe brilhavão no peito, ou lhe cingião a frente? Já não

---

(*a*) *Ils rapellent l'immortalité sur l'autel même de la mort.* Corinne.

vejo esse majestoso cortejo, essa multidão de Ministros e guerreiros, que lhe gyravão em torno como satellites! Todos os abandonárão á porta desta morada de ruinas. Um escudo, um elmo, uma estatua caduca, em que a mão do esculptor nol-os representa já mortos, eis aqui tudo o que os seguio a estes palacios da morte.

Mas esquecendo-nos por um pouco do nada, que são, examinemos o que forão em vida; vejamos se estes loiros, que lhe enramão o tumulo, forão bem merecidos. « Aqui jaz D. Affonso Henriques » diz o epitafio do primeiro tumulo (*a*). Affonso herdou de Alexandre o valor, de Numa a piedade, e de Cesar a grandeza. A' testa de um punhado de Lusitanos desbarata os exercitos numerosos de cinco Turbantes,

---

(a) Alfonso Henrico I., Portugaliae Regi, Regio sanguine, Religione et armis clarissimo, qui imperatore Alfonso Castellae Rege, pro patria, ac viginti potentissimis Maurorum regibus cum maximis copiis parva manu, sed fide animoque ingenti diversis praeliis pro Christiani nominis augmento justa acie superatis, Ulisiponem, Santarenam, aliaque quatuordecim munitissima oppida, et universam fere Lusitaniam ab infidelium manu recuperans, Christi peculio adjecit hoc, et Alcobatiae, pluraque alia Coenobia extruxit, ditavitque, etc. Benemériti pientissimi Haeredes hoc sepulcrum posuere. Obiit 1185. *A. D. Regni sui* 73. *et aetatis* 91. 6 *die Decembris.*

e planta no campo da batalha a arvore de uma Monarquia eterna. Affonso rende a Villa de Santarem, que lhe abre a porta ás victorias, e levando as suas armas triumphantes até ás margens do Téjo, Almada, Cintra e Palmella lhe ficão sujeitas. Passa depois o rio, e ao seu imperio se rendem Alcacer do Sal, Béja, Evora, Moura e Serpa. Os annos não tirão a Affonso o valor; e Santarem, que o víra vencedor na sua mocidade, é o campo da sua ultima victoria (*a*). A Religião e a Politica erão os faroes, que o guiavão no caminho do Throno. Elle soube unir com o seu vinculo sagrado as leis e as armas. Via-se á frente de seus exercitos Aldiberto, discipulo de S. Bernardo, erguendo a Cruz de bronze, que lhe déra seu Mestre, quando o remetteo a Portugal. Os Mosteiros Reaes de Coimbra, Tarouca, Alcobaça e de S. Vicente de Lisboa são testemunhos authenticos da sua piedade. Em fim a doença o assalta, abate-se aos golpes da morte um corpo enfraquecido pelas fadigas da guerra, pelos cuidados do Throno, e pelas lucubrações Religiosas e Reaes, com que todo se dava este Principe a Deos e á

(*a*) Foi em soccorro de seu filho D. Sancho, que alli estava cercado pelos Mouros (1184).

Patria, e Affonso cáe no seio deste tumulo! Descança pois, Monarcha ditoso, que forão bem merecidos estes loiros de gloria.

« Aqui jaz D. Sancho I., diz o segundo Mausoleo; conquistou o Algarve, e reinou em tempos difficeis (*a*). » Este Monarcha recebeo das mãos de Affonso um Reino florecente. Foi Numa, que succedeo ao Romulo Portuguez. Elle goza em paz o throno, que aquelle ganhou nos campos da guerra; reedifica cidades, levanta castellos, cria Magistrados, dá leis aos povos, e a arvore da paz estende seus ramos pelo Territorio Portuguez. Porém esta rara ventura não é permanente. A peste, a fome, as enchentes dos rios, os terremotos, as divisões intestinas dos Grandes, e as disputas dos Ecclesiasticos vem perturbar o seu reinado ditoso. Porém Sancho tudo remedêa com sua alta prudencia; e expira no seio da paz, merecendo aos Portuguezes o titulo de *Rei Povoador*. Descança tambem, Monarcha generoso, e goza da noite favoravel deste asylo, onde te ha de sempre acompanhar o amor e a saudade da Patria.

(*a*) *Sancius I., Lusitaniae Rex II. difficillimis temporibus regnans, ceu Patriae Pater, Regumque exemplar egregium. Obiit anno* 1211, *aetate* 57. — Tomou a cidade de Silves, e foi o primeiro que se intitulou Rei de Portugal e do Algarve.

O animo religioso de ElRei D. Manoel, e a saudosa contemplação, que lhe merecião as preciosas reliquias de seus illustres Avós, que via escondidas n'um tumulo de madeira na claustra do Mosteiro, foi quem ergueo áquelles Reis estes Mausoleos.

As bases das sepulturas, que estão defronte uma da outra, a de Affonso á parte do Evangelho, e a do filho, da da Epistola, estão assentadas um palmo acima do lageamento da capella. Dellas sáem dous altos pilares ornados de nichos, em que se vêm as imagens dos Apostolos, cada um com o instrumento do seu martyrio na mão. Estão debaixo de um arco guarnecido com uma larga cercadura floreteada, tão regular em suas proporções, tão delicada nos seus ornatos, e tão perfeita e acabada em seus lavores, que nos enche de admiração, vendo tamanha formosura e delicadeza n'um tumulo de pedra.

No meio do arco está a imagem da Virgem da Assumpção, cercada de Anjos, que parecem estar festejando o seu vôo para os Ceos. Sobre elle estão as Armas Reaes sustentadas por dous Anjos. Sobre a campa está a figura de D. Affonso, armada toda excepto a cabeça, em que, em lugar de elmo, lhe põem dous Anjos a Corôa Real. Tem a barba

crescida, e as mãos postas. Ao lado estão pendurados o elmo e as manóplas. Tem aos pés um leão doirado. Eis aqui como Affonso depois de morto ainda dá nobreza a Coimbra, e majestade ao Templo. A sua estatua parece respirar o somno profundo da morte.

O tumulo de D. Sancho, que fica defronte, é da mesma arquitectura; nelle se nota a mesma grandeza e sublimidade de pensamento, a mesma formosura nas decorações e ornatos, a mesma perfeição, o mesmo primor em tudo. O espectador sente-se invencivelmente possuido de um profundo sentimento de respeito e admiração. A magnificencia dos tumulos torna quasi imperceptivel o contraste da morte com a vida: verifica-se aqui o pensamento da Baroneza de Stael: «Hoje, quando visitamos os tumulos, não pensamos na morte; admiramos sómente as maravilhas da Arte.» Eis aqui onde vierão entregar os fundadores da Monarquia o Sceptro e a espada. N'outro tempo erão Monarchas poderosos, hoje são humildes vassallos do imperio do nada. O seu coração, que julgava pequeno o mundo para seu reino, descança agora tranquillo em sete palmos de terra. *Sufficit huic tumulus, cui non sufficerat orbis.*

CAP. XIV.

Trasladação das Reliquias Reaes.

ElRei D. Manoel veio assistir á trasladação do corpo d'ElRei D. Affonso I. para a sua nova sepultura. Vio abrir o antigo tumulo, em que se achárão dous ataúdes: o primeiro continha o corpo do Monarcha; o segundo o corpo de sua Esposa D. Mafalda, com mais duas caveiras pequenas e ossinhos de crianças. Erão as reliquias dos dous filhos de D. Affonso, D. Henrique e D. João, que apenas se demorárão alguns momentos ás portas da vida, para se purificarem da mancha original; e dando ao mundo um rapido adeos, se precipitárão do berço no tumulo, onde forão gozar de uma paz mais doce e tranquilla. Era a familia Real do Primeiro Affonso, que residia neste tumulo.

ElRei esteve vendo com muitas lagrimas as reliquias dos seus Augustos Predecessores. No dia 25 de Outubro de 1515, estando o templo de S. Cruz ricamente ornado, veio outra vez ElRei com a sua Côrte assistir ao Beijamão, que deo o Patriarcha dos Reis Portuguezes

Portuguezes. Ainda se conservava inteiro e incorrupto, todo em carne (*a*), com cabellos na cabeça, e barba comprida; só os olhos lhe faltavão para parecer vivo. Tirarão-no do ataúde, e o assentárão n'uma cadeira de espaldas de velludo carmesim com franjas de oiro, lançando-lhe o manto da Ordem de Aviz, que o cobria até os pés. Pozerão-lhe na cabeça a Corôa Real, na mão direita a sua espada, e na esquerda o escudo, com que pelejava. Forão todos beijar-lhe a mão, sendo ElRei o primeiro, que lh'a beijou como a Rei, e os pés como a Santo.

Este Monarcha piedoso assistio até o fim da solemnidade com uma tocha accesa na mão: e logo assim envolto o corpo no manto se metteo no ataúde, e poz no tumulo, que ElRei mandou fechar para nunca mais se abrir. O mesmo se fez ao corpo de D. Sancho, que tambem se achou incorrupto. Deo-se a ultima volta á chave dos tumulos, e ouvio-se o adeos para nunca mais.

(*a*) *Cidade rica do santo*
Corpo do seu Rei Primeiro,
Que ainda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos, que podem tanto.

Sa' de M. Cart. 5. Est. 9.

CAP. XV.

Sacristia e outros lugares notaveis.

A Sacristia é uma das maravilhas da nossa arquitectura. Na primeira quadra do Claustro do silencio está a Casa do Capitulo dos Conegos, toda de abobada; e na sua Capella está o sepulcro de D. Theotonio, obra de Thomé Velho, famoso arquitecto do tempo de ElRei D. Manoel.

É riquissima a Livraria, assim pelos preciosos Manuscriptos, como pelos muitos livros, que possue em todos os ramos de artes e sciencias.

É majestosa a immensa galeria, que corre em frente do Mosteiro até o vestibulo do Coro. Nas suas paredes estão os Retratos de todos os Pontifices, que forão eleitos da Ordem de S. Agostinho.

É obra sublime o Claustro do silencio, que fica junto da Igreja: é todo de abobada de pedra parda, lavrada de ramos, e folhagens em relevo. No meio delle está uma fonte com tres ordens de bicas, caindo de umas taças sobre outras. A crasta é soberba e vistosa.

Outro espectaculo igualmente formoso nos offerece o Claustro da Manga, feito por ordem de ElRei D. João III. em 1527, assim chamado, por que este Monarcha deo o risco para elle na manga do seu vestido. No meio delle está uma fonte, que rebenta debaixo de uma abobeda á similhança de zimborio, sustentada por quatro columnas, donde se repartem as aguas para oito tanques, que a cercão e se communicão. Defronte debaixo do Claustro está um arco de pedra parda com grade de ferro. É uma Capella, onde repousão os ossos dos cavalleiros, que morrêrão no Campo de Ourique. Esta Capella está avivando o contraste das sombras da morte com a amenidade dos jardins, e frescura da fonte, que representão os encantos da vida (*a*).

(*a*) *Chron.* L. 9. c. 22. e seg. Forão Priores deste Mosteiro tres filhos de ElRei D. Manoel, e um filho bastardo de ElRei D. Joaõ III. Muitas pessoas Reaes tomárão o habito neste insigne Mosteiro; dellas falla a *Chron.* L. 11. cap. 35. Tambem forão Conegos de S. Cruz dous Reis, que ElRei D. Affonso Henriques venceo em Ourique. L. 11. c. 37. — *A Fonte dos Banhos da Rainha* fica no Claustro do silencio no angulo da quadra debaixo de um arco de pedra lavrada, que lhe serve de abobada. Na Capella do Santissimo se conserva uma Imagem de CHRISTO Crucificado, que

CAP. XVI

O Santuario.

No Santuario se admira um contraste assombroso; a morte ornada com as pompas da vida. Nas urnas, pyramides e meios corpos, que assentão sobre as columnas, que cercão a casa, se encerrão as reliquias dos Santos mais illustres do Orbe Catholico. Alli está sobre o altar um espinho da Corôa do Divino Salvador. As reliquias estão repartidas por doze Relicarios, que contém cada um os restos preciosos dos Santos, que se venerão em cada mez do anno. Estes depositos veneraveis são como os signos do Zodiaco Sagrado.

São primorosos os quadros, que estão enfaiscados nas paredes deste templo sagrado. A pintura é finissima, e assenta em cobre. Representa ao vivo as passagens mais tocantes da vida do Salvador e da S. Virgem. A novidade das suas côres, e a sua naturalidade produzem nos olhos um agra-

mandou fazer ElRei D. Affonso Henriques, e que muito prezava por se parecer com a que lhe appareceo no Campo de Ourique.

davel e assombroso effeito. Alli se admira o quadro maravilhoso da Transfiguração do Senhor de Rafael de Urbino, e os da Adoração dos Reis de Bassan e de Rubens.

Aqui estão os craneos daquelles cinco Athletas do Evangelho, que forão a Marrocos buscar a corôa do Martyrio. Soccorridos pelo seu Deos neste ultimo combate, deixárão o campo da batalha, não como tristes prisioneiros, mas como conquistadores, que marchão á immortalidade. Elles repousão aqui em paz, esperando que a voz do Eterno, rompendo o silencio destas abobadas, os acorde, e lhes clame: « Levantai-vos, luzi, raios da minha gloria; é chegado o vosso dia, a eternidade começa. »

Tambem se conserva neste sagrado Museo a Espada, com que D. Affonso I. desbaratou no Campo de Ourique os exercitos innumeraveis de cinco Reis Mauritanos. Esta Espada, que foi sempre um raio de guerra, é que deo a Affonso IV. a victoria do Salado (*a*). Quando toquei pela primeira

(*a*) Indo este Rei em soccorro de seu Genro de Castella, contra os Reis de Granada e Marrocos, que invadião a Hespanha com poder nunca visto, levou esta Espada, e ficou vencedor aos 30 de Outubro de 1340. D. Sebastião tambem a quiz levar para Africa. Vid. *Chron. dos Con. R.* L. 10. c. 20. O mesmo Rei,

vez a Espada do Cavalleiro de Çamora, sentime elevado por um sentimento de respeito, causado pelo toque daquella arma, que fundára uma Monarquia, e que fôra manejada pela mão heroica do mais valeroso dos Monarchas Portuguezes

Aqui se admira o engenho daquelle paciente Religioso, que escreveo n'um pequeno livro de pergaminho a Biblia em characteres tão elegantes, que qualquer os julgaria obra da Imprensa mais delicada. Ainda aqui se venera aquella *Cruz* milagrosa, que coroando o Estandarte dos Affonsos e dos Sanchos, conduzia os Portuguezes ao campo das victorias. Guarda-se aqui religiosamente o precioso castão de bronze, que a D. Theotonio mandou de presente o Santo de Claraval.

Aqui se conserva a escrivaninha de tartaruga esmaltada de oiro, e a penna de prata, com que se assignárão os Decretos do ultimo Concilio Ecumenico. Com ella em 1545 se

---

quando esteve em Coimbra, pegando nella disse: «Bom tempo, em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a Espada, que libertou todo o Portugal do cruel jugo dos Mouros, sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração.» E dando-a outra vez ao Prior Geral, lhe disse: « Guardai, Padre, esta Espada, porque ainda me hei de valer della contra os Mouros de Africa. » l. c.

proscrevêrão as doutrinas erroneas de Zuinglio, Luthero e Calvino.

Que assombro não causaria aos antigos Gregos e Romanos a pompa lustrosa desta habitação de ruinas! Elles divinizavão a vida; nós divinizamos a morte; elles festejavão o nascimento dos Heroes; nós celebramos a sua morte; porque por ella nascemos para não morrer mais.

A Quinta de S. Cruz.

Hic gelidi fontes, hic mollia prata, ...
Hic nemus ....

Virg. *Ecl.* X.

A Cascata, que fica no fundo de um valle, é o primeiro objecto maravilhoso, que se encontra na Quinta. Sóbe-se para ella por uma escada comprida, no cimo da qual se levantão tres arcos de arquitectura rustica. Sobre cada um delles está pósta uma estatua de marmore: no do meio fica a da Fé, e nos dos lados a da Esperança e Caridade (*a*).

(*a*) Pela parte de fóra se lê este letreiro:
Jam Nemus Idalium miraculum contegat artis,
Nec jactet fontes Ida sacrata suos.

Tem diante de si a Cascata uma especie de praça, cercada de assentos vestidos de azulejo, e dividida em tres partes correspondentes aos tres arcos da entrada. A' roda se ergue uma fila de carvalhos e loureiros, que se estão debruçando sobre a praça, como quem está admirando a corrente da Cascata. Duas partes deste campo servem de arena para virem os Conegos exercer as forças do corpo com o jogo da Bóla.

O penedo, donde rebentão as aguas, é de obra grutesca, tão fielmente imitando a natural, que com ella se enganão os olhos. A Cascata está coroada de uma imagem da Senhora da Conceição feita de jaspe. De cada lado do penedo fica uma pintura em azulejo no meio de duas estatuas de marmore, que representão os Evangelistas escrevendo o Evangelho assentados sobre um penedo, e se ergue uma pia de pedra, donde rebenta um repuxo, ficando no chão defronte da

---

Hoc Nemus extollit simul ars et murmur aquarum,
Nec par huic aliud, ni Paradisus, erit.

Pela parte de dentro:

Hunc, ó Munde, Patrum zelus sibi condidit hortum;
Ne repetant fraudes, illecebrasque tuas,
Gaudia nec repetant tua: nam conclusus hic hortus,
Quae sapiunt vera gaudia, solus habet.

Cascata outro em pouca distancia. Os repuxos, vistos contra os raios do sol, brilhão como lustres de diamantes. Alli se admirão nos respingos da agua a esmeralda vecejando como a verdura dos campos, as amethystas rôxas como as violetas, e a saphira roubando aos Ceos a sua côr anilada. Algumas vezes alli se vê, como nos orvalhos da primavera, o arco-iris vestido das sete côres brilhantes.

As paredes da Quinta fallão a lingua de Virgilio; porque, para onde quer que lancemos a vista, ella sempre vai caír sobre algum texto Sagrado, que encerra grandes pensamentos, e está dando ás pedras alma e discurso.

Da direita e da esquerda da Cascata sobem duas grandes escadas, a primeira vai dar, por baixo de uma lameda de loireiros, que formão com seus ramos o tecto da rua, ao lago; sitio de encantos, onde a natureza obedece á fantasia do homem. As arvores deixando a sua forma natural, alli estão representando columnas e obeliscos. No meio do lago está uma pequena ilha, habitada pela arvore dos pomos doirados. A frescura das aguas, que cercão esta Ilha de Armida, faz que a laranjeira esteja sempre florida e coberta de fructos. Os Religiosos mettidos em barcos navegão pelo lago, e vão colher

áquelle jardim das Hesperides os pomos de oiro.

O lago está cercado de uma alta muralha feita dos ramos dos cedros, que parecem estar-se espontaneamente enlaçando para a fazerem mais densa e majestosa. Delle sáem diversos passeios, murados de buxo, e assombrados por antigo arvoredo. Os atalhos cobertos de hervas fazem-nos imaginar em um desses bosques, que ainda não forão pisados pelo pé de homem. Na primavera o chão da Quinta apparece tapizado de flores, umas doiradas como a laranja, outras brancas como a neve, outras finalmente rubicundas como o sangue.

O passeio mais aprazivel da Quinta é a lameda, chamada a Rua de S. Agostinho. De uma e de outra banda estão perfilados loireiros de uma extrema velhice e altura prodigiosa; e, abraçando-se nos ares uns com os outros, formão uma especie de abobada, que dá ao passeio uma sombra deliciosa. No fim da lameda está na parede n'um finissimo azulejo a imagem do Patriarcha Agostinho, que aformosêa o sitio, e dá nome á Rua.

Os passarinhos, que nos abrem no coração um abysmo de saudade com seu canto mavioso, vem fazer os seus ninhos nos ra-

mos dos loireiros. Passei por esta rua uma tarde, em que um dos moços fidalgos (*a*) tinha subido acima dos loireiros e tirado os penhores de ternura, que alli estavão criando estes musicos do bosque. Como era terno vel-os sobre as pontas das arvores visinhas chorar no fim da tarde com lamentoso canto a perda dos seus filhinhos! Nenhum vivente ha, nem ainda o insecto vil, que se arrasta pelo lodo, que seja isento da ternura maternal! Neste sentimento delicioso é que Deos fez consistir a lei conservadora da Natureza.

Multiplicão-se os encantos deste sitio, quando lá ao longe se ouvem na Torre os repiques dos sinos. Algumas vezes trazendo-nos o vento as suas vozes maviosas, nos parece que estamos ao pé delles: mas de repente outro vento mais forte as leva para

(*a*) São os criados do Geral dos Cruzios. D. Joaõ III. deo-lhe este titulo; porque quando esteve hospedado neste Mosteiro, não querendo dar incommodo aos Religiosos, fazendo-os ter as portas delle abertas até que os Fidalgos, que servião á mesa, se retirassem para suas casas, determinou, que os moços do Prior o servissem á mesa, em lugar dos Moços Fidalgos, que moravão fóra. Passou-se-lhes Carta, que ainda se conserva no Cartorio do Mosteiro. São 12, apprendem os preparatorios, e podem seguir a Universidade á custa do Mosteiro.

longe de nós; e quando já os suppunhamos emmudecidos, elle nol-as torna a trazer, produzindo em nossa alma um alegre e saudoso sobresalto. Em fim os olhos não dão vencimento a tantas bellezas, nem os ouvidos são bastantes para receber tão suave melodia (*a*).

Não me esquecerei d'outros sitios igualmente aprazíveis, a Fonte do Tritão e o Horto. Póde fazer-se a este ultimo lugar uma exacta applicação daquelles versos de Virgilio:

. . . . . *Hic candida populus antro*
Imminet, et lentae texunt umbracula vites.
Ecl. IX.

Dentro da gruta está o Senhor fazendo oração sobre o monte, e em baixo deitados no chão dormem os tres Apostolos, que parecem respirar o somno da innocencia. Nunca vi uma imagem, que representasse com tanta naturalidade um homem a dormir, como a de S. Pedro, que alli está deitado, com as pernas encolhidas e a face reclinada sobre uma das mãos.

CAP.

(*a*) Manoel de Faria e Sousa faz a descripção desta Quinta nas suas: *Divinas e Humanas flores.*

CAP. XVIII.

O Tumulo do Inglez.

UMa tarde, em que a saudade e a melancholia dominavão em meu coração, fui passear pela Quinta dos Cruzios. No fim da rua, que está guarnecida de laranjeiras, voltando-me para o lado direito, descobri entre as hervas um tumulo de marmore. Dirigi para elle os meus passos, admirando-me de vêr entre as flores do campo este palacio da morte, que fazia reinar na solidão um respeito silencioso *(a)*.

(a) No marmore está gravado este epitafio:

SACRED
TO THE MEMORY OF
ENSIGN R. J. MASSEY
4, OR THE KING'S OWN REG.TE
THIS STONE WAS PLACED
AS A TRIBUTE
OF AFFECTION AND REGARD
BY HIS BROTHERS OFFICERS
OBIIT 15.THE MART. A. D. 1827.
ÆTAT. 20. C. MOORE.

Repousavão alli os ossos de um joven guerreiro, que fôra roubado á vida na primavera dos annos. As margens do Tamisa o tinhão visto nascer, e seguir ainda infante o caminho da gloria. Atravessa os mares com as Tropas Inglezas, e vem alojar-se em Coimbra no Collegio de S. Bernardo. Chamava-se Massey, e era o Official mais gentil, que havia no seu Regimento. A mocidade, o vigor e a saude promettião-lhe uma prolongada existencia. Admirava-se nelle aquella doce igualdade, aquella singeleza tocante, aquelle attractivo secreto, que penetra o coração e nelle inspira uma terna amizade. Officiaes, soldados, Portuguezes e estrangeiros, todos o amavão extremosamente.

« Dolcemente feroce alzar vedresti
La regal fronte, e in lui mirar sol tutti,
L'età precorse, e la speranza; e presti
Pereano i fior, quando n'usciro i frutti;
Se'l miri fulminar ne l'arme avvolto,
Marte lo stimi, Amor se scopre il volto. »

Tasso, *Ger. Lib.* C. I. Est. 58.

Foi passear a cavallo uma tarde da primavera pelas margens do rio. Mal pensava elle, que o astro brilhante deste dia se lhe havia de eclipsar no meio do seu curso! mal pensava elle, que quando corria pelo areal do Mondego, andava passeando pelas bor-

das do abysmo! Dá mais um passo, e precipita-se no tumulo (a). Não pude conter as lagrimas, lendo no fim do epitafio, que a morte o roubára ao vigesimo anno de idade; e sentado sobre a pedra puz-me a pensar sobre este sonho da vida. Quem havia de julgar, que Massey tão cedo viria augmentar com o terror de suas cinzas o respeito da solidão? Quem havia de julgar, que os velhos guerreiros, que erão por elle commandados, o verião caminhar adiante de si para o tumulo? Elles carregados de annos e molestias lá voltão á Patria a expirar tranquillamente no seio das suas familias; e Massey, cheio de força e de vida, Massey, que ainda hontem era o encanto do sexo formoso, Massey aqui fica desterrado nestas sombras do tumulo, onde não tem uma mãi, que o chore, nem um amigo, que o saúde.

(a) Depois de ter passeado pelo arcal, querendo vadear um lago, que estava defronte da Ponte de Agua de Maias, e que julgava ser pouco fundo, morreo nelle afogado em 15 de Março de 1827. Os Officiaes, seus collegas, fizerão todos os esforços para que os Conegos de S. Cruz assentissem a que elle fosse enterrado na Quinta do seu Mosteiro; e escrevendo aos pais de Massey, lhe pedirão que se consolassem ao menos com a lembrança de que o corpo de seu filho ficava enterrado no sitio mais saudoso de Coimbra.

Ah ! talvez que fosse tambem amante! talvez que a ausencia o separasse do objecto dos seus amores. Se assim é, exclamei então, ó doce amigo, ó triste companheiro, repousa, descança ao menos neste eco dos desgraçados, onde não te perseguirão mais essas esperanças, que te illudirão, em quanto viveste.

Ossa quieta precor tuta requiescere in urna,
Et sit humus cineri non onerosa tuo.

Ovid.

Continuei depois o meu passeio pela Quinta, dominado por uma vasta tristeza. Quando voltei, já as sombras da noite tinhão caído sobre os limoeiros, que cercão o tumulo; e os sinos da alta Torre do Mosteiro dobrando tristemente annunciavão ao mundo que naquelle instante se apagára a luz da vida a um dos seus Religiosos. Buscando com os olhos o marmore para o saudar, como que ouvi, quando ía passando, uma lugubre voz, que saía debaixo da campa, e me dizia: Vem, triste amigo, vem acompanhar-me nesta solidão. Já fui amante como tu, chorava, gemia, e suspirava como tu; em nenhuma parte achei descanço, como neste somno profundo. Aqui terminão os ais dos infelices, aqui já não derramão lagrimas os amantes.

CAP. XIX.

O Mosteiro de S. Anna.

Antigamente costumavão fundar-se os Mosteiros dobrados, isto é, constando de varões e donzellas. Estavão divididos entre si com paredes e claustros. Desta ordem foi o Mosteiro de S. Cruz no seu principio; porque nelle professavão Conegos e Conegas. Erão tres as Ordens, em que D. Theotonio classificou as Freiras da sua Regra: *Inclusas*, que vivião fechadas no Mosteiro; *Sorores*, que ficavão em suas casas, mas sujeitas aos Priores com a mesma profissão das Inclusas; e as *Conegas Terceiras*, que podião ligar-se com vinculos do matrimonio. A Condeça D. Elvira professou no Mosteiro; D. Maria Moniz pertenceo ás segundas; e á terceira classe pertencêrão as Reaes Esposas de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I.

As Donas tinhão o seu Mosteiro pegado a S. Cruz, onde hoje está a Igreja Parochial de S. João Baptista, que era a sua Capella *(a)*.

(a) Chamavão-se *Donas*, por serem de ordinario

Florecêrão neste Mosteiro a Beata Feliciana, Dama da Rainha D. Mafalda, e as Princezas D. Constança, filha de ElRei D. Sancho I., e D. Maria Affonso, filha de D. Affonso III.

Durou este Mosteiro 400 annos, desde 1134 até 1534, em que ElRei D. João III. fez passar as Donas para o Convento de S. Anna, que tinha sido fundado em 1174, pelo Bispo de Coimbra, na margem direita do Mondego, onde péga a ponte nova com a velha. D. Miguel Paes fundou este Convento para nelle entrar sua Irmãa D. Joanna, que era Conega de S. Cruz. Passados 111 annos, não podendo já as Religiosas aturar os insultos do Mondego, com licença do Bispo de Coimbra D. Aimerico, saírão das arêas do Mondego, e forão abrigar-se na sua Quinta da Varzea. Não estiverão muito tempo nesta casa; porque sendo doentio o lugar, se retirárão para S. Martinho do Bispo, onde estiverão até que em 1612 se mudárão para o novo Convento de S. Anna, que o Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello-Branco

---

pessoas illustres, ou viuvas mui nobres, ás quaes se costuma dar este titulo; e porque assim como os Conegos tinhão Dom, tambem ellas o devião ter. *Chron.* L. 12. c. 5—9.

mandou erigir fóra da porta do Castello, onde estão hoje. Nesta mudança despirão o Habito de Conegas, e tomárão o de Ermitas de S. Agostinho. O tumulo do fundador está na Capella-mór da Igreja.

CAP. XX.

A Sé Velha (*a*).

Esta Cathedral Gothica é em tudo original: unica na arquitectura, e unica na idade, é um representante do Imperio dos Godos, que ainda reside na Côrte estrangeira depois de extincta a sua Nação. Este Mahometano convertido ao Christianismo, como outro Jupiter em S. Pedro de Roma *(a)*, é o Adão

(*a*) D. Fernando de Castella a erigio em Cathedral, dedicando-a a S. Maria; e estas honras conservou até o Reinado de ElRei D. José I., em que, sendo extincta a Ordem da Companhia, se transferio para a sua Igreja a Cathedral de Coimbra pela Provisão de 11 de Outubro de 1772. Hoje é Paroquia de S. Christovão.

(*b*) A estatua de Jupiter foi transformada em imagem de S. Pedro, pondo-se-lhe uma aureola na cabeça. *Corinne.*

e Patriarcha de todos os edificios de Coimbra. Quantos seculos não tem corrido já, depois que se reduzírão a cinzas as mãos, que erguêrão este sagrado edificio! Mesquita de Mouros, templo de Christãos, Sé Episcopal, e hoje Paroquia, são ideas associadas, que nos trazem á lembrança a inconstancia e variedade das cousas humanas. Apezar da sua deposição ainda conserva certa majestade abonada pelos seculos, que nos obriga a render-lhe veneração. As suas paredes construidas todas de cantaria, vistas de fóra, parecem mais as muralhas de um Castello, que as faces de um Templo. O Edificio é quadrado: tem um arco sobre a porta principal com uma tribuna em cima debaixo d'outro arco do mesmo feitio e com grades de pedra. Alem desta não tem mais janellas algumas, mas frestas estreitas. Não tem torres, nem remate algum, por que se conheça ser Cathedral de Christãos; apenas se vê sobre a cupola uma cruzinha de ferro. Em fim, representando-nos esta Igreja a perspectiva de uma fortaleza, até pelas amêas, que a corôão, faz-nos recordar dos seculos, em que os Godos de cima dos Templos pugnavão em defesa da Patria.

Ao lado esquerdo do Templo fica outra porta, tambem com seu arco de marmore lavrado em relevo; é cercado por uma silva de flo-

res mui mimosas: e aqui se conhece o quanto gostavão os Arquitectos Godos das miudezas e ornatos exquisitos, tanto nas gravuras de oiro e prata, como nas de pedra. De uma e de outra parte do arco, sobre o qual está outra varanda com quatro pequenas columnas, que lhe sustentão a abobada, está uma capellinha tambem de marmore: n'uma fica a imagem de S. João, n'outra a de S. Zacharias; é o pai e o filho, que estão de sentinella á porta do Templo (a).

A perspectiva da Igreja vista de noite causa um terror majestoso a quem a contempla; porque o escuro das cantarias, e as

---

(a) Na extremidade desta frente está suspensa na parede em altura de seis a sete palmos uma urna de marmore com um epitafio em letras gothicas: diz-se que nella se encerrão os ossos do Conde D. Sisnando, a quem D. Fernando Magno, retirando-se para Castella, deixou o Governo de Coimbra.

Naquelle tempo ainda não havia o costume de fazer sepulturas nas Igrejas. O Conde D. Henrique, ElRei D. Affonso I. e D. Sancho sómente tiverão um tumulo na Capella-mór, aquelle da Sé de Braga, e estes de S. Cruz, no Reinado de ElRei D. Manoel. *Mon. Lus.* L. 8. c. 29. e *Hist. de S. Domingos* p. 2. c. 17. Naquelles tempos ainda mesmo as pessoas illustres costumavão sepultar-se fóra das Igrejas, ou em arcos mettidos nas paredes, ou em tumulos a ellas acostados, ou nos porticos e galilés, ou finalmente em Capellas, que não fazião parte do corpo da Igreja.

hervas, que nascem pelas suas juntas, dão-lhe um ar daquelles castellos de genios e fadas, de que tanto se falla nas historias de Cavallaria.

Quando vi pela primeira vez esta Igreja, a belleza majestosa da sua perspectiva roubou-me logo a attenção. Dirigi para ella os meus passos: as suas portas, como as do Ceo, estavão abertas a todos, e a ninguem excluião *(a)*. Debaixo das suas abobadas reinava o silencio e a solidão, que fazião o aspecto do templo mais augusto e solemne. Fugírão-me do coração os sentimentos do mundo, e o meu espirito cedeo a um turbilhão de profundas reflexões. Comecei depois a examinar o interior do Templo. O edificio é espaçoso, è de bella estructura; e todo elle respira uma nobre simplicidade. O seu recinto está repartido por duas ordens de columnas, que sustentão com majestade a abobada do Templo. São tres as naves, e tres as Capellas na frente.

O retabolo da Capella-mór é de madeira doirada, e são muito delicados os seus lavores; mas nelles se nota o gosto da arquitectura gothica *(b)*.

(*a*) Esta comparação é tirada dos *Tumulos* de Hervey.

(*b*) D. Jorge de Almeida, filho do Conde de Abrantes, e Bispo de Coimbra, mandou entalhar, e

A Capella da parte da Epistola é semicircular, e toda de marmore. Tem duas ordens de nichos, que parecem duas galerias, em que estão as estatuas dos Apostolos tambem de marmore, e de admiravel esculptura. Um Romano, que entrasse neste Templo, julgaria ver nelle o retrato do Pantheon de Roma (*a*). Ao lado do Evangelho fica a Capella de S. Martinho, e mettidas na parede estão duas Capellas, cada uma com o seu tumulo, formando ambas o angulo da Igreja. N'um delles está sepultado um Bispo de Coimbra. O tumulo é gothico; é uma especie de altar, sobre que está estendido o vulto de um Prelado com a mitra na

---

doirar esta Capella, e pôr no arco do cruzeiro esta lenda: *Domine, dilexi decorem Domus tuae;* e foi sepultado na Capella de S. Andre' no cruzeiro da Igreja. Vid. *Hist. Trev. de Coimbra.*

(*a*) Nos nichos do Pantheon de Roma succedêrão aos Deoses dos Pagãos os artistas mais celebres da Italia. *Corinne.* Esta Capella foi feita á custa do insigne Bispo de Coimbra D. Joaõ Soares, que visitou o Sepulcro de Jerusalem, assistio ao Concilio de Trento, e veio sepultar-se junto desta Capella n'um sepulcro raso e sem insignias de Bispo. O Bispo D. Affonso de Castello-Branco mandou fazer a Sacristia, enriqueceo a Igreja com muito oiro, prata e ricos paramentos, conduzio água para os Paços, fez o Dormitorio do Convento de Cellas, e fundou o de S. Anna. *Antiguidades de Coimbra.*

cabeça, as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos fechados, e os pés juntos. É um troféo levantado á victoria da morte. É impossivel contemplar a attitude desta figura, sem que se communique ao coração a tristeza, que reina sobre o marmore insensivel.

O segundo tumulo é da mesma arquitectura. Mas quem é esta Dama, que repousa sobre elle? Ella tem as mãos postas, e um véo sobre o rosto. É a illustre Aia da Rainha Santa Isabel, a Embaixadora de ElRei D. Diniz na Côrte de Aragão, a conquistadora de Sant-Iago de Cassem, e Senhora de Pedrassa, que depois de longas viagens, e de uma vida santa e heroica, veio aqui esconder seu corpo, deixando sobre esta campa o seu vulto em habitos Religiosos (*a*).

Que

(*a*) D. Bataça era filha de Irene, filha do Imperador da Grecia, e de Guilhelmo, Conde de Veiente-milha; a qual se passou a Aragão em tempo de ElRei D. Pedro, pai de S. Isabel, e dalli veio a Portugal como Dama desta Rainha. Casou neste Reino com um Fidalgo da Côrte chamado D. Martim Annes em 1285. Deixou sua fazenda á Sé de Coimbra, onde se mandou enterrar. Em escripturas antigas lhe chamão *a filha da Infanta da Grecia.* — *Mon. Lus. L.* 16. c. 35.

Resende *de Antiquit. Lus. L.* 4. diz, que D. Bataça preparára uma famosa armada á sua custa, com que fôra tomar aos Mouros uma Villa em dia de

Que admiração não causarião aos antigos Gregos e Romanos estes sepulcros modernos! Elles buscavão esconder a terrivel idêa da morte debaixo das maravilhas da arte e recreios da vida. Ornavão a frente dos tumulos com jogos e danças, que mandavão lavrar no marmore: nós pelo contrario augmentamos á morte o seu aspecto terrivel: a esperança de uma vida futura, e de uma eterna Felicidade, faz-nos olhar para os tumulos, como para as portas do Ceo (*a*). Por cima das columnas corre uma extensa gale-

---

Sant-Iago, deixando morto no campo o seu Rei Casse; e que daqui se ficára chamando aquella terra *Sant-Iago de Cassem.* Porém Brito diz que não é assim; porque já neste tempo estava este Reino livre de Mouros. Acompanhou a Castella, como Aia, a D. Constança, filha de ElRei D. Diniz, esposa de D. Fernando. *Mon. Lus.* L. 17. c. 40. D. Fernando deo-lhe a Villa de Pedrassa. Foi com embaixada a D. Jaime, Rei de Aragão, com o Conde de Barcellos. L. 18. c. 28.

(*a*) « Os antigos, diz a Baroneza de Stael, punhão todo o cuidado em adoçar a idêa da anniquilação, removendo quanto era possivel o que ella tem de medonho e terrivel. Havia tanta magnificencia nos seus tumulos, que era quasi imperceptivel o contraste do nada da morte com os esplendores da vida. É verdade que sendo para elles muito mais fraca a esperança de outra vida, que para os Christãos, elles punhão o seu desvelo em disputar á morte a lembrança, que nós depositamos gostosos no seio do Eterno. » *Corinne.*

ria. O zimborio é redondo, e cercado de varandas, cujo tecto está sustentado por pequenas columnas (*a*).

A luz penetrando por todo o circulo da cupola é o emblema da Divindade superior a todas as cousas, e enfraquecida nesta passagem se transforma no templo em um dia sombrio, que dá aos objectos um ar mais grave e majestoso.

As paredes e as columnas do templo respirão um cheiro de antiguidade, que nos faz lembrar daquelle dia, em que Fernando Magno empunhando o terçado armou neste templo novecentos Cavalleiros; daquelle dia glorioso, em que o raio da guerra, Ruy Dias de Bivar, tomou das mãos do Restaurador de Coimbra aquella espada, com que foi tomar aos Mouros o Reino de Valença (*b*): em fim faz-nos recordar dos saudosos tempos de Affonso Henriques e João I., em que estes

---

(*a*) Este é sem duvida aquelle lugar da Igreja, que os antigos chamavão *Solario*, e que era destinado para nelle ouvirem Missa as mulheres. Cavallari P. II. c. 27. §. 5. not. (*a*).

(*b*) Brito fallando do muito, que D. Rodrigo de Bivar se distinguio na conquista de Coimbra, accrescenta: *E ainda querem, que o seu cavallo Bavieca, tão cantado nos romances antigos, fosse nascido nos campos do Mondego.* — *Mon. Lus.* L. 7. c. 28.

Ministros da Guerra vinhão lançar aos pés do Deos da Paz as armas ainda gottejando o sengue das victimas de Ourique e Aljubarrota. Neste Templo, entre os vivas da Nação, recebeo o Mestre de Aviz a Corôa de Portugal (*a*).

(*a*) O Mestre de Aviz veio para Coimbra, onde o esperavão os Bispos do Reino, os Grandes da Côrte e os Deputados de quasi todas as Villas e Cidades, para alli se juntarem os Estados Geraes. Todas as pessoas de distincção o vierão buscar; e entrou na Cidade em procissão solemne em 3 de Março do anno de 1385. Uma legua adiante de Coimbra o veio esperar uma companhia de rapazes com seu pendão diante, e montados em cavallos de cannas, appellidando-o Rei de Portugal, e dizendo: *Portugal, Portugal por El-Rei D. João! em boa hora venha o nosso Rei.* Com este plausivel annuncio entrou em Coimbra, e foi levado á Sé, aonde o esperava D. Lourenço, Bispo de Lamego, e o Deão e Cabido com Cruz alçada; e o Mestre de Aviz mettido debaixo do Pallio foi levado á Capella-mór. Cantou-se o *Te Deum*, acabado o qual, tendo o Mestre feito a sua oração, voltou da mesma fórma até á porta da Igreja; e dalli acompanhado de toda a nobreza, veio para os Paços da Cidade, chamados então de Alcaçova, que erão os mesmos, em que está hoje a Universidade, os quaes se havião preparado para a sua assistencia. Convocárão-se as Côrtes em S. Francisco, e Joaõ das Regras mostrou com sua eloquencia, que o Reino não tinha successor legitimo; que o povo estava na posse de eleger Rei; e que ninguem era tão merecedor de ser

O pavimento da Igreja está bordado de armas e letreiros, uns carcomidos, outros apagados. Estas paginas mudas querem dizer-nos, que debaixo destas pedras se mettêrão porções de barro, que hoje insensiveis, mas n'outro tempo animadas, gozárão de movimento e de vida. « Somos, nos dizem, a voz dos tumulos, que atravessando por meio dos seculos, vamos dizer á posteridade, que aqui se escondem as reliquias de entes, que vivêrão e pensárão: estamos encarregados de conservar os seus nomes; sem nós, sem esta pedra fiel, que ainda falla delles, seu nome, sua memoria já terião caído no eterno esquecimento (*a*). » O epitafio é um pensamento, que sobrevive ás ruinas do homem; é um mensageiro, que nos annuncia o naufragio da vida. Se Hervey entrasse neste recinto majestoso, exclamaria por certo: « Como é augusto e terrivel este lugar! A' roda de mim a majestade do Creador, debaixo dos meus pés os ossos de meus similhantes!! »

A' entrada da porta principal, e por baixo do Côro, que sustentado sobre dous arcos

---

eleito como o Mestre de Aviz. O Acto da Acclamação fez-se em uma sala do Palacio Real, em que ElRei residia, em 6 de Abril de 1385. Vid. *Mem. de ElRei D. João I.* L. 1. cap. 43.

(*a*) Hervey.

occupa grande parte do Templo, se admirão os delicadissimos arabescos, que embutidos em madeira de varias côres, são uma das maravilhas da antiga architectura, que adornão este Edificio (*a*).

É notavel a frescura, que corre de verão por baixo destas abobadas. Quantas vezes não vim aqui á Missa nas manhãas daquella estação calmosa, para gozar dos zephyros de uma doce primavera, que bafejão perpetuamente as suas columnas!

A velhice e a mocidade, o preterito e o futuro estão retratados pelas paredes deste Templo: elle parece collaço do mundo. «Saíndo do seu recinto (como diz a Baroneza de Stael do Templo de Roma), como que passamos dos pensamentos celestes aos interesses do mundo, e da Eternidade ao ar fugitivo do Tempo.» *Corinne* L. IV. c. 8.

(*a*) Junto a esta Cathedral havia antigamente um Claustro espaçoso, onde os seus Conegos vivião vida commum; o qual pela passagem da mesma Cathedral para o Templo dos Jesuitas se destinou para o estabelecimento da Real Imprensa da Universidade, de que fallarei na Segunda Parte. Ainda se conservão as ruinas da antiga Torre, a qual ficava n'um lugar eminente separado da Igreja. Tambem se conserva no Claustro um altar com varias estatuas de pedra; e alli corre para um tanque a Fonte de S. Luzia, que rebenta a pouca distancia, e que outr'ora corria na Sacristia da Igreja.

O aspecto majestoso deste vasto Edificio desperta o entendimento, e o faz profundamente pensar. Não sei o que tem comsigo os grandes objectos, que inspirão sempre em nossa alma pensamentos grandes e sublimes (*a*).

CAP. XXI.

O Bosque dos Jesuitas.

Junto do Museo está um Bosque espesso de loireiros de uma decrepita velhice. Uma antiga tradição faz anterior a sua origem ao estabelecimento da Companhia de JESUS nesta Cidade. Estas arvores, como os ve-

(*a*) « A pintura e a esculptura imitando ordinariamente a figura humana, ou qualquer outro objecto existente na natureza, inspirão na alma idéas perfeitamente claras e positivas; mas não tem, para assim dizer, sentido determinado um grande monumento de arquitectura; e contemplando-o, sentimo-nos arrebatados naquelle enlevamento sem calculo nem fim, que costuma levar a alma para muito longe. » *Corinne.*

É para lamentar, que quando o celebre arquitecto Murphy esteve em Coimbra, não tivesse quem lhe mostrasse esta soberba Cathedral: estou certo, que se elle a contemplasse, não deixaria de a metter na collecção de estampas, que fez, dos grandes edificios de Portugal.

lhos pais, que sobrevivem a seus filhos, vírão nascer e acabar esta familia de sabios.

Quantas vezes não venho nas noites do estio sentar-me sobre o muro do Museo, que lança sobre o Bosque, e entregar-me á meditação, que reina neste retiro! Deixo-me arrebatar pela musica dos rouxinoes, que cantão ao desafio entre os loireiros; e ponho-me depois a contemplar a lua, e as nuvens, que, correndo pelos Ceos, se nos figurão mares fluctuantes. Ellas umas vezes nos escondem a face da lua, que de repente torna a apparecer produzindo em nós um alegre sobresalto; outras vezes vão desenhando pelo Ceo castellos e arvores. A montanha de Monte-Arroio, que fica defronte coberta de oliveiras; os vagalumes, que parecem lentejoulas voando pelos ares; e luzindo entre as hervas; as exhalações do Ceo, risos de Venus e Vulcano, como lhe chamavão os antigos, vem augmentar o segredo da melancholia, que parece habitar nesta solidão. Mas nunca é tão pathetico este sitio, como quando se ouvem os saudosos repiques dos sinos do Gothico Mosteiro de S. Cruz, que vem interromper o silencio da noite com suas vozes harmoniosas. A Religião e a Patria, o Berço e o Tumulo, o Passado e o Porvir são os objectos, em que logo se emprega a minha meditação.

CAP. XXII.

O Castello.

A Doro ainda estas quatro pedras illustres, que escapando ao naufragio dos seculos, nos vem dizer, que estiverão neste lugar dous Castellos famosos. A sua origem, que se perde na noite dos seculos, é attribuida pelo vulgo supersticioso a Hercules (*a*).

Uma destas Fortalezas foi o theatro glorioso da acção mais heroica da Fidelidade Portugueza. Fallo de Martim de Freitas, seu Governador e Alcaide Mór.

Ninguem ignora a desthronização escandalosa de ElRei D. Sancho II.; e todos sabem, que este Monarcha desgostoso e sem Reino se retirou para a Cidade de Toledo. Todos o abandonárão (porque infeliz do Principe, que vai a terra!), só Martim de Freitas ainda é vassallo de D. Sancho II. Fecha-se na Fortaleza, e não quer dar as chaves della, senão ao Rei, de quem as re-

(*a*) O fundamento desta tradição era uma inscripção, que estava á entrada do Castello, que dizia: *Quinaria Turris, Herculea fundata manu.* Vid. *Hist. Breve de Coimbra*, e a *Chorog. Port.* tom. 2.

cebêra. Não acredita a nova, que dão, de ser morto ElRei: para tirar-se da duvida, vôa a Toledo, manda abrir a sepultura do Monarcha, e pondo-lhe as chaves na mão: « Ahi vos entrego, Senhor, lhe diz, as chaves da Fortaleza, que me tinheis confiado: defendi-a, em quanto assentei que ereis vivo; agora, que ficaes neste tumulo, reconhecerei por meu Rei vosso Irmão D. Affonso. »

Nesta Fortaleza resistio o Conde de Barcellos aos rogos de D. Leonor, sua Rainha e Irmãa, e aos preceitos e ameaças do Rei de Castella, que disputava a Corôa de Fernando ao Mestre de Aviz. Elle com espirito de heroe e fidelidade de Portuguez responde de cima das muralhas ao Rei Castelhano, que entregaria sómente as chaves do Castello a quem fosse Rei de Portugal.

Mais algum tempo, e estas reliquias de antiguidade deixarão de existir, e de recordar ao viajante as grandezas passadas: mais algum tempo, e nada terá que saudar neste sitio o curioso antiquario (*a*).

(*a*) O Marquez de Pombal mandou demolir esta Fortaleza, e nella edificar um Observatorio Astronomico, que quasi não passou dos alicerces. Na Segunda Parte terei occasião de fallar mais largamente deste Castello.

CAP. XXIII.

O Penedo da Saudade (*a*).

SEntado sobre o Penedo da Saudade deixo correr os olhos pelo campo visinho. Que painel tão formoso! Que perspectiva tão vasta! Parece que não podia a natureza dar um espectaculo mais bello. As montanhas, que se descobrem ao longe, levantando as cabeças enramadas de pinheiros, appresentão um quadro maravilhoso, que introduz no coração uma alegria saudosa.

Como é formoso o valle das Oliveiras (*b*) que se estende aos pés do Penedo? A variedade da sua cultura, e da côr do terreno e das arvores, as differentes especies de alimentos, que a natureza alli prepara para a subsistencia dos homens, tudo encanta a alma, e enfeitiça os olhos.

(*a*) Vulgarmente diz-se *Penedo da saudade;* mas Lobo na sua *Primavera, Campos do Mondego, Floresta III.*, lhe chama *das saudades*, dizendo: « Nestas razões tinhão já atravessado o monte, e decendo contra o Penedo das saudades, etc. »

(*b*) Assim lhe chama Lobo no lugar citado, onde diz que « não era bem que passassem o valle das oliveiras sem alguma cantiga. »

Vêm-se alvejar ao longe as casas entre as oliveiras, onde parecem engastadas. Duas Ermidas, que ficão submergidas no olival, acima do qual estão levantando a torre e a Cruz, fazem que a solidão nos inspire um acatamento religioso. Avistão-se ao longe as estradas, que parecem os espinhaços das serras. De quando em quando se vêm levantar do chão nuvens de aves, que parecem nações volantes, que vão povoar as solidões dos ceos.

Aos pés de um oiteiro, junto da Quinta do Cidral, fica um bosque viçoso de laranjeiras. Elle offerece uma sombra amena ao amigo da solidão, que gosta de meditar longe do tumulto da Cidade, e de ler pelo grande livro da natureza. Estas arvores reunidas parecem-me viver n'uma perfeita republica. Que tem que invejar aos Reis o possuidor deste campo? Elle todos os dias passeia por entre os seus mudos vassallos, que lhe pagão um voluntario tributo *de flores*, *fructos*, *de innocencia e gosto*.

A pouca distancia rebenta a Fonte do Cidral, que, como alma generosa, leva aos campos visinhos a abundancia e a pureza. Quantas vezes não venho á borda desta fonte gozar da frescura da tarde, e das doçuras da solidão! A abobada celeste, a verdura dos

campos, o crystal das aguas, a musica dos passarinhos, o canto dos gallos, que saltão por cima das paredes da Quinta, tudo me anima, tudo me encanta, tudo me excita um sentimento ineffavel de prazer, que me fere até o fundo do coração. Nunca vi sitio mais saudoso, que este, no fim das tardes de verão, quando reinão sobre o globo os mysterios do dia, e se confundem os ultimos restos da luz com as primeiras sombras da noite; começão então a levantar-se d'entre as oliveiras nuvens de fumo, que formão sobre as casas uma especie de cortinado cinzento.

A planicie, que fica no centro do valle, e em que a natureza parece dar um sorriso no meio da tristeza, faz-nos dilatar o coração com a sua perspectiva, excitando nelle esses sentimentos sublimes, esses transportes delicados, que costumamos sentir sem os podermos explicar.

As flores, estas joias, com que o Eterno enriquece este prado na primavera, umas da côr do rubim, outras imitando o topasio ou a saphira, formão desta solidão um palacio de delicias. Alguns gyrasóes levantados no meio das hortas, parecem torres, que dominão sobre o campo. Que sympathia não tem estas plantas com o astro do dia. Seguem-no constan-

constantemente na sua carreira. Quando elle começa a esconder-se debaixo da cortina da noite, estas amantes do Sol inclinão a cabeça amortecida, dobrão ternamente as suas folhas, e gemem no silencio da noite, esperando que elle volte. Mal se abrem as portas do dia, lanção sobre o oriente a sua vista amorosa, e abrindo o seu botão, parecem alegrar-se com a vinda do Sol (*a*). Oh! como não é delicado o pincel da natureza, que sabe pintar os campos com tanta variedade de tintas, sem nunca lançar mão do preto, desta côr sombria, deste vestido da morte, que introduz no coração a dôr e o luto! Em fim, para termos empregados os sentidos todos, as flores vem roubar-nos o olfacto com seu doce perfume.

Quantas vezes não venho sentar-me sobre este Penedo, e com elle desafogar as saudades, que me dilacerão o coração! Triste, saudoso e sósinho, aqui me ponho ás vezes a pen-

(*a*) «Aquella Flôr, a que o gyro do sol deo o nome, chamada dos Gregos *Heliotropio*, immovel, e com perpetuo movimento, jámais deixa de seguir, e acompanhar a seu amado Planeta. Quando o sol nasce se lhe inclina, e o saúda; quando sobe, se levanta com elle; quando está no zenith, o contempla direita; quando desce se torna a dobrar; e quando finalmente chega ao Occaso, com nova e profunda inclinação se despede delle.» Vieira Tom. I. p. 574.

sar sobre a infinidade de Estudantes, que tambem sentados sobre esta pedra tem chorado, como eu, a ausencia das suas amadas. Sobre ella tambem vinha o extremoso D. Pedro, segundo a velha tradição, nutrir a saudade da sua querida Ignez. Este amante desditoso foi quem deo a esta Pedra o nome de *Penedo da Saudade.* Os amores desgraçados deste Principe fizerão de Coimbra uma Cidade Poetica, e derramárão sobre os seus campos a ternura e a saudade.

CAP. XXIV.

S. Antonio dos Olivaes.

Fica levantado este Convento na despedida de um monte em distancia de Coimbra um quarto de legua ao nascente do sol. A paragem é encantadora pela vista dilatada do que alcanção os olhos. Daqui se avista o Mondego uma legua depois de ter já passado pelas amêas da Cidade. Daqui se descobrem as soberbas montanhas, que no coração do inverno se vêm traspassadas de raios, e cobertas pelo oceano de gelo, em que se convertem as aguas.

A Rainha D. Urraca foi quem deo este sitio e a Ermida de S. Antão aos filhos da

Pobreza. As arvores da paz, que abrigão esta solidão, derão-lhe o nome de *S. Antonio dos Olivaes.*

Mudárão-se os antigos Religiosos para o seu Convento da Ponte, e neste entrárão os Frades da Provincia da Piedade (1539). Era pobre e terrea a sua habitação, como ainda hoje se nota na Capella do Claustro, que dizem ter sido a Cella de S. Antonio. Neste pobre hospicio se agazalhárão as victimas de Marrocos (*a*). Aqui tambem esteve por muito tempo o Santo de Lisboa. As paredes do Claustro são as paginas, onde está vivamente gravada a historia deste Apostolo da Pobreza. A pintura, representando as passagens mais tocantes da sua vida, alli está dizendo ao sabio e ao idiota, ao nacional e ao estrangeiro, os prodigios deste filho do Ceo.

Descendente de uma familia nobre, Fernando, como outro Samuel, é consagrado a Deos por seus pais na Cathedral de Lisboa. Tomou o habito em S. Vicente, e recolheo-se a S. Cruz de Coimbra. As reliquias dos Martyres de Marrocos, que vio entrar no Mosteiro de S. Cruz, excitárão em sua alma um enthusiasmo religioso. Despe a mursa de Agostinho, e veste o saial de Francisco;

(*a*) *Hist. Seraf.* L. 2. c. 28. e 29.

e largando até o nome, que tinha, de Fernando, recebe o de Antonio, a quem era dedicado o Convento, onde ía professar. Ambicioso da palma do Martyrio, toma a cruz e o bordão, e caminha a prégar aos infieis. Seguio a estrada de Lisboa, deixando-a povoada de Ermidas, que se erguêrão á sua memoria, e que são outras tantas sentinellas, que estão dizendo ao caminhante, que alli descançára o Santo dos Olivaes. Chega a Lisboa, e apparece aos pais magro, coberto de cilicios, vestido de saial, nem já o nome trazia, que elles lhe tinhão dado. Os olhos penetrantes da ternura paternal quasi que não reconhecem as feições do filho, que se lhe lança nos braços.

Não se demorou muito tempo no seio da familia. Uma voz, saindo de Marrocos, chamou por mais victimas, e Antonio se preparou logo a obedecer-lhe. Neste tempo se aparelhava no Téjo para a jornada de Africa uma embarcação Portugueza. Este monumento espantoso do genio, que triumphando dos ventos e das ondas, póe em communicação as extremidades da terra, entre as quaes tinha levantado a natureza uma barreira invencivel, offereceo a Antonio uma franca passagem. O Heroe do Evangelho em poucos momentos vio sumirem-se diante dos

seus olhos, como nuvem no horisonte, as praias da sua terra nativa. Mal sabia elle que não tinha de as ver mais, e que esta era a ultima vez que saudava os lugares da sua infancia. Antonio olhando para traz só via aberto um abysmo entre si e a Patria. Chegou finalmente a avistar a grande terra do Martyrio; mas uma tempestade o arrojou sobre as costas da Sicilia. Daqui se passou á França, e depois á Italia; e foi-se appresentar em Assís ao seu Patriarcha. Encolhido, macilento, e com as côres desbotadas dos jejuns e da doença, S. Francisco o julgou para tudo incapaz. As grutas da Montanha de S. Paulo lhe dão um asylo, e Antonio, habitante do deserto e socio dos rochedos, alli tem por companheiros Deos e a natureza.

Subia e descia a montanha descalço e enfrunhado n'um sacco. Pendurava os çapatos no cinto pelos caminhos do monte para se magoar, e calçava-os na povoação para fugir á vangloria: os pés escorrião sangue, mas a bôcca entoava ao Eterno hymnos e louvores. Sua cama era a terra, uma pedra o seu cabeçal (*a*), e o seu cobertor o Ceo. Apprendeo na solidão a linguagem celeste, e

(*a*) Esta pedra está hoje coroando o arco da Capella-mór da sua Igreja em Padua.

uma eloquencia mais que humana fez o seu nome conhecido pelas aldêas visinhas. Era innumeravel o concurso de gente, que corria de todas as partes para ouvir os Sermões do filho da Pobreza. Despovoavão-se as Cidades, e não cabendo no templo a multidão dos ouvintes, era obrigado a prégar nos campos. Quando assomava no pulpito com as mãos mettidas nas mangas, os olhos fechados, o rosto inclinado para a banda, fazia inchar os corações com um religioso enthusiasmo, e rebentar nos olhos as lagrimas de uma verdadeira devoção. Seu aspecto mudo, que mais parecia a estatua de um Santo, que o corpo de um vivo, tinha o dom de persuadir antes de fallar. Não erão seus discursos orações academicas e floridas, que honrão o orador, mas não movem os ouvintes. Elle reprimia o talento, e deixava o coração fallar, e entreter-se com o povo.

Quando acabava de prégar, era tão grande o concurso, que se movia para lhe beijar o habito, que não podia romper a multidão, que o cercava: os mais valentes o arrancavão nos braços, ou elle não saía do pulpito em quanto o esperavão. Este filho da solidão era um verdadeiro milagre: parece que não abria a bôcca, não dava um passo, que não fosse um prodigio: passava na terra uma

vida celeste. Não se esquecia um momento que vivia com homens imperfeitos; reprehendendo os vicios, amava o peccador.

Já quando estava cançado de tanto trabalhar na vinha do Senhor, foi-se embrenhar nas grutas do Monte Alverne (an. 1230). No anno seguinte desceo da montanha, e foi prégar a Quaresma pela ultima vez á Cidade de Padua. Já então se avançava para elle a morte com passos gigantescos; mas o fervor do nosso Anachoreta augmentava cada vez mais. Como a tocha da vida se estava apagando, então começou a dar maior luz. Foi mais ardente o seu zelo, e maior o concurso dos ouvintes. Despedio finalmente os seus catechumenos, a quem deo o doce nome de filhos, e retirou-se para o Campo de S. Pedro, onde á sombra de uma antiga nogueira levantou para si e seus collegas tres cabanas amuradas de esteiras. A doença o assalta, e Antonio vem expirar nos suburbios de Pádua no Mosteiro de S. Clara aos 13 dias de Junho de 1231. Achava-se na flor da vida, pois contava trinta e seis primaveras de idade.

Na Cidade de Padua então só se ouvião os prantos dos neophytos de Antonio, e os brados dos meninos, que corrião pelas ruas lavados em lagrimas e gritando: « É morto o *Padre da Montanha*, expirou o *Santo dos milagres*. »

A pompa funebre, com que foi levado á sepultura este filho da solidão, consistio toda em lagrimas e soluços. Esta scena pathetica dava bem a conhecer, que Antonio não tinha vivido inutil aos seus similhantes. Estavão todos penetrados da mais viva dôr; alguns velhos com as mãos postas e a cabeça inclinada choravão em silencio; os pobres com os olhos pregados no esquife dizião: « Alli está o homem, que me soccorria na minha indigencia; que tantas vezes me visitava, e com tanta ternura buscava dar allivio a meus males, quando estava de cama. » O pai dizia a seus filhos: « Venerai essas reliquias do Justo, que ensinava a virtude com preceitos e exemplo. » As mãis com os filhinhos ao cóllo, derramando lagrimas sinceras, clamavão, tremendo-lhe os beiços e o corpo: « Aqui estão os ultimos restos do amigo sincero, que vigiava constantemente sobre a minha alma, que desviou o meu filho do atoleiro dos vicios, e o metteo no caminho da virtude. » O corpo, onde tinha habitado aquella alma virtuosa, ainda que frio e desanimado, infundia a todos um sentimento de respeito; « á similhança daquelles templos, que tendo sido por longos annos a habitação do Eterno, ainda no meio das suas ruinas conservão certa majestade,

que inspira um acatamento silencioso (*a*). » Ninguem tirava os olhos de cima do esquife: e soou um grito e pranto geral, quando se começou a perder de vista a tumba, e o corpo se sumio debaixo da terra.

Todos quantos morrem, são mais ou menos honrados com as lagrimas dos homens. O amigo lá tem um amigo, que o chora; o esposo uma esposa; e o pai a seus filhos: mas o grande e o justo são chorados pelo genero humano. Morrer assim é o que eu chamo viver realmente: estas lagrimas são um monumento mais nobre, que as Pyramides do Egypto, ou que os tumulos soberbos de Alexandre e Mausólo. Estes é que são honrosos funeraes. O enterro do justo não é presenciado, como o do homem poderoso, a olhos enxutos. « O funeral do ultimo, como diz Jeremias Taylor, não passa de uma cova aberta, de um cortejo pomposo de seges e cavallos, e de um grande rumor em toda a visinhança; mas quando se acabão as ceremonias, já não se lembra ninguem do nome do defunto.» Ah! o do justo não é assim; elle desce á sepultura sem pompas, mas o seu nome vive eternamente na memoria dos homens.

Ainda não tinha passado um anno, já o

(*a*) M. Thomas.

solitario de Padua, admittido na academia dos Santos, era venerado em todo o orbe Catholico. Não houve Igreja, não houve Ermida ou Capella, sobre cujos altares não se erguesse logo a Imagem de um Franciscano na flor da idade, com o lirio n'uma mão, symbolo da sua pureza virginal, e na outra a cruz e o livro, que mostrão a sua sabedoria evangelica.

Padua levantou-lhe um templo sumptuoso, onde se conservão a cabeça e a lingua deste Demosthenes sagrado. Póde dizer-se, que o templo de Antonio é o templo da natureza: até nos nichos dos portões e das tavernas se venera a sua Imagem: põe-se de sentinella á porta das Quintas, e é o restituidor das cousas perdidas; e é-o tanto por officio, como diz Vieira, que na nossa terra o prendemos como devedor, para que as restitua. Lisboa deo a Antonio o nascimento, Padua a sepultura; ambas estas Cidades lhe chamão seu filho: é Portuguez e Italiano. Como sol do mundo moral, nasceo n'um ponto da terra, e sepultou-se n'outro: teve a sorte de CHRISTO, a que Belem deo o berço e Jerusalem o sepulcro. Lisboa foi para elle o horisonte da vida, e Padua o seu occidente (*a*).

(*a*) Nasceo em Lisboa n'uma casa defronte da Sé

Em Santa Cruz, e em S. Antonio dos Olivaes estão hoje levantados em capellas os cubiculos, em que habitou o solitario do Monte Alverne. Ainda se conservão na Cêrca do Convento algumas antigas oliveiras do tempo deste Santo (*a*). Uma curiosidade religiosa me fez visitar estes sitios, em que tantos varões santos se tinhão agazalhado. Sentei-me á sombra daquellas arvores, que já tinhão coberto Antonio, e aquelles cinco filhos da torrente, que descalços, com a Cruz ao pescoço e acostados ao bordão, forão expirar, como innocentes cordeiros, entre os lobos de Ismael. Antes de entrar neste sitio, fiquei por um pouco suspenso, como quem receava pôr os pés n'uma terra consagrada por estes Santos illustres.

É majestosa a entrada deste velho Convento, assombrado por antigas oliveiras. Sóbe-se para elle por uma larga e comprida escada, que tem na frente tres arcos, e um

---

em 5 de Agosto de 1195, onde está hoje a sua Igreja. Chamavão-lhe menino do Coro, não porque o fosse, mas porque seus pais o consagrárão a Deos ainda criancinha. Viveo 15 annos secular, 11 Conego, e Frade 10. *Hist. Seraf.* L. 3. c. 21.

(*a*) A oliveira é uma arvore eterna; renasce do seu tronco. Havia em Athenas uma oliveira do tempo da fundação da Cidade.

em cada ilharga. De uma e de outra banda estão por sua ordem os passos mais tocantes da vida do Salvador. É maravilhoso este quadro, e inspira no coração do espectador um respeito religioso. As ultimas scenas do Evangelho compõem uma historia viva e pathetica, que nos introduz no peito uma doce tristeza, e nos sepulta o espirito nas mais profundas considerações sobre a eternidade e o tempo. Na portaria do Convento estão tres imagens cada uma em sua capellinha: na do meio está a de JESUS resuscitado; ficando-lhe á direita a do Anjo do Sepulcro, e á esquerda a da triste MAGDALENA, que com os olhos fitos em quem entra, e com o braço estendido, parece perguntar-lhe pelo seu amante Divino, pronunciando este versiculo do Cantico dos Canticos, que tem escripto ao lado: *Num quem diligit anima mea vidisti?* Mas o Anjo lhe responde: *Jesum Nazarenum quaeritis? Resurrexit: non est hic.*

CAP. XXV.

Santa Comba.

NA visinhança do Convento de Cellas fica entre um olival uma pequena Ermida, que vista de longe parece vir para nós levantando a torre e a Cruz acima das pontas das arvores.

Lê-se sobre a porta da Ermida um letreiro, que diz, que alli foi sacrificada n'uma Cruz a Virgem do Bosque. É o Palacio de Comba. Esta filha de Coimbra era dotada de uma formosura celeste:

« Non era l'andar suo cosa mortale,
Ma d'angelica forma, e le parole
Sonavan altro, che pur voce humana. »

Petrarca.

Occupava-se em guardar um rebanho de ovelhas pelos campos e montes de Coimbra. Todos lhe chamavão a divindade dos bosques. Um Principe Mouro, ferido por um raio da sua belleza, offerece-lhe o thalamo Real. Mas Comba, que já era esposa de outro Rei superior a todos os Reis, enjeita o Sceptro, e

foge com seu irmão Leonardo para as serras visinhas. Por algum tempo lhe defendêrão a vida a solidão e as grutas; mas perseguio-a tanto o seu amante ferino, que veio dar com ella escondida neste valle debaixo das oliveiras. Aqui do tronco de uma arvore levantou na terra uma Cruz, e nella fez expirar o Anjo dos Bosques. A devoção e a piedade erigírão esta Ermida á memoria de Comba, que foi ser eternamente no Ceo o Anjo Tutelar de Coimbra (*a*).

Desta Ermida parece saír uma voz dos seculos, que está repetindo aos campos e aos valles de Coimbra o nome de Comba. Todos os annos no fim da primavera vem enramar de flores os habitantes da Cidade este theatro do Martyrio (*b*). Todos os annos vem os visinhos desta Ermida ornar a Santa com grinaldas de rosas. Estes tributos innocentes são

---

(*a*) Os seus ossos estão no Santuario do Mosteiro de S. Cruz. Duarte Nun. *Descripção de Port.* c. 50., *Chorog. Port.* tom. 2. p. 30., e *Agiol. Lusit.* O nosso Ferreira escreveo em verso a vida de S. Comba, mas deo-lhe outra Patria.

« Passava a vida na mais alta serra,
Que entre Tamaga e Tua hoje parece. »

(*b*) . . . . . *Tibi lilia plenis*
Ecce ferunt Nymphae calathis; tibi candida Nais,
Pallentes violas et summa papavera carpens.
Virg. *Eclog.* II. v. 45.

o emblema da pureza da Virgem, e da corôa immortal, que recebeo no Ceo. Elles vem cantando hymnos de alegria e triumpho, que mostrão ter ella terminado uma vida gloriosa, e adquirido maiores bens, que os que perdêra na terra. Em Coimbra ainda se conservão estes costumes poeticos dos antigos, que vão desapparecendo dos outros lugares, á medida que se augmenta a civilização dos homens.

Esta Ermida plantada nas solidões da natureza falla ao coração com energia saudosa. Tres vezes visitei este asylo sagrado nas tardes do verão. Entrando na sua Capella, senti-me transportado ás regiões da antiguidade, e perdido na noite dos seculos. Nas suas paredes descobria as feições do tempo, que já não existe. Vim depois sentar-me debaixo do alpendre: e aqui acompanhado das antigas oliveiras, que cobrião a Ermida com a sombra dos seus ramos, entreguei-me a uma profunda meditação, que era sómente interrompida pelo zunido do vento, ou pelo vôo das aves. E lembrando-me da multidão de individuos de ambos os sexos, que tem vindo todos os annos visitar esta Ermida, perguntei a mim mesmo: Onde estão agora os Romeiros, que festejavão a Santa com descantes e bailes? Que é feito dessas mãis de fami-

lias, que vinhão em lagrimas pedir á Santa por um filho, que deixavão doente de cama, e por outro, que andava ausente? Que é feito dessas donzellas *(a)*, que vinhão aqui trazer á Virgem grinaldas de flores, por ter já voltado o esposo de uma longa e perigosa viagem? Que é feito desses ricos e poderosos, que vinhão tambem uns por devoção, outros por passatempo á Festa da Martyr? Ah! todos, todos se sumirão, deixando o seu nome enterrado na poeira do tempo. Forão sombras fugitivas, que atravessárão pela noite da vida. As gerações se succedem umas ás outras, sem se lembrarem das que já tem passado; nem de que a mesma festa, que fazem hoje, foi feita há dous seculos por gerações, que ora são menos que cinza. Desappareceo tudo; só Comba ficou presidindo á assemblêa dos seculos. Oh! como foi bem empregado este momentaneo martyrio, que lhe alcançou no Ceo e na terra uma gloria immortal? Confessemos, que a vida é um sonho, e que é tudo a virtude.

(a) Não faça duvida a palavra *donzella*, porque tambem significa mulher casada. Camões, fallando de D. Ignez de Castro, diz no Cant. III. Est. 127.—*Se de humano é matar uma donzella*, e na Est. 134.—*Tal está morta a pallida donzella.*

Sentado sobre esta pedra, passava horas deliciosas, contemplando neste valle os primores da natureza, até que via com saudade ir-se sumindo a tarde por entre as sombras da noite, que me roubavão este formoso espectaculo.

Quando me retirava, trazia comigo ramos do louro e da murta, que cercão a Ermida, os quaes eu conservava no meu quarto com grande veneração.

Et vos, o lauri, carpam, et te, proxima myrte;
Sic positae quoniam suaves miscetis odores.

VIRG. *Ecl.* II.

14.1

CAP. XXVI.

O Palacio do Infante D. João.

Ainda existe aquelle gothico Edificio, que foi o theatro da morte da infeliz D. Maria Telles de Menezes, victima da perfidia de sua irmã a Rainha D. Leonor. Quando entrei a primeira vez neste Palacio, as suas paredes carcomidas excitárão em minha alma um sentimento silencioso e compassivo. Figurou-se-me ver a fiel esposa dormindo o somno da innocencia; figurou-se-me vêl-a acordar sobresaltada ao estrondo, que fazia o Infante arrombando-lhe as portas do quarto, e correr para elle com os braços abertos para o apertar em seu peito; porém figurou-se-me ver o ingrato arredando-a de si com desprezo, cravar-lhe um punhal no coração; naquelle coração, que pouco antes valia para elle mais que o universo inteiro *(a)*.

Esta é a segunda catastrophe pathetica succedida em Coimbra, e que offerece para uma

(a) Fica este Palacio na Rua de Sobripas. V. Duarte. Nun. *Chron. de ElRei D. Fernando*, e La Clede.

Tragedia nacional assumpto não menos interessante, que a da infeliz D. Ignez de Castro *(a)*.

CAP. XXVII.

A Igreja do Salvador.

Fallando dos Edificios mais notaveis de Coimbra, não devo passar em silencio ingrato a Igreja da minha Freguezia.

Não é sumptuosa a arquitectura do Templo: mas respira aquella nobre simplicidade, que caracteriza a Religião do Evangelho. O seu tecto ruinoso está sustentado por duas ordens de columnas, que repartem a Igreja em tres naves. Neste tribunal augusto é que venho desafogar as minhas afflicções com aquelle, que mora na Eternidade, e é Poderoso e compassivo.

Uma manhã, em que esperava pela Missa, vi entrar aos repiques dos sinos o enterro de um pequenino do campo. Vinha n'uma ceira coberto de flores á cabeça de

(a) De Castro andão impressas quatro Tragedias: de Ferreira, de Lamotte, de Gomes, e de Firmin Didot. E de D. Maria Telles nenhuma sei que exista!

uma camponeza. Compunha-se o cortejo de um grande numero de mulheres e pequenos, que não tiravão os olhos da ceira. Adiante vinha o Sacristão com a Cruz e com ar de indifferença. Entre as mulheres vinha uma, que caminhava com passo vacillante, derramando um rio de lagrimas. Era a triste mãi, que seguia até ás bordas da sepultura os restos de seu unico filho. O Ministro do Eterno de sobrepelliz e estola, e com o livro na mão, veio encommendar o defunto, e depois o acompanhou ao cemiterio, onde devia enterrar-se. A triste mulher alli segue as reliquias de seu filho, e põe-se á cabeceira da cova. Tinha as mãos postas como quem estava rezando; tremião-lhe os beiços e o corpo, e não tirava os olhos de cima do filho. Em quanto durou a ceremonia fatal, esteve muda e como pasmada; mas quando pegárão no corpo para o lançar na sepultura, não pôde mais conter-se no silencio, que a matava; inclinada sobre a cova, não se fartava de ver o corpo insensivel do filho, e começou a gritar, quando vio, que lhe caía sobre o rosto a terra do somno: « Adeos meu filho! meu filho! meu querido filho!! Ah! não permittir o Ceo, que eu antes morresse em teu lugar!..» Eu não pude vêr o resto desta scena pathetica, e retirei-me para outra

parte do cemiterio, que estava juncada de ossos e caveiras; e em quanto se acabava a ceremonia, puz-me a pensar sobre a infinidade de homens, que alli estavão enterrados. Quantos, que talvez em vida erão inimigos capitaes, não dormião alli uns sobre os outros, todos em paz, todos amigos! A morte poz termo a suas disputas, e o tumulo os reconciliou. O rico e o pobre, o amo e o criado, o velho e o menino, todos aqui estão juntos, e amontoados sem ordem, sem distincção *(a)*! O silencio eterno é quem preside a esta vasta republica de mortos. Oh! quantos Virgilios, quantos Camões, quantos Bocages, não vierão aqui talvez sepultar-se, sem que a sorte mesquinha deixasse desafogar o seu genio!

Finalmente os brados da triste mãi me derão a conhecer, que tinha caído sobre a cova a ultima camada de terra; e não pude conter as lagrimas, vendo saír a pobre mulher, que deixava debaixo da terra o que mais prezava no mundo, e se ía sepultar na solidão e no silencio da dor.

(a) Parvus et magnus ibi sunt, et servus liber a domino suo. Jon C. III. v. 19.

CAP. XXVIII.

O Aqueducto de S. Sebastião.

O Aqueducto, que passa em frente do Jardim Botanico, sustentado por 21 arcos de uma grande altura, é uma das maravilhas, que ennobrecem a Cidade de Coimbra.

No Reinado de ElRei D. Sebastião é que se levantou este majestoso edificio, não sem grande resistencia da parte dos Conegos de S. Cruz, a quem forão tiradas as fontes, que para elle dão agua. ElRei incumbio esta obra em 1568 ao Desembargador João Borges, que chegando a Coimbra lhe deo logo principio: mas os Conegos, juntando a sua gente em uma noite de luar, e saíndo pela porta da Quinta, lhe forão entulhar os alicerces. O Desembargador deo parte a ElRei deste successo; e Martim Gonçalves da Camera, grande valído deste Monarcha, suppondo que elle se portára frôxamente, nomeou outro Desembargador por nome Gaula, que chegando a Coimbra foi logo á porta da Quinta de S. Cruz, onde nascião as fontes, e as mandou quebrar, e fazer em pedaços, e entrando dentro com gente armada,

mandou demolir o muro da Quinta, que estava defronte das fontes, e cortar uns formosos freixos, que as assombravão. Depois mandou fechar as fontes em torres de pedra e cal, aonde hoje estão fóra dos muros da Quinta.

A pezar das queixas, que a ElRei e ao Pontifice fizerão os Religiosos de S. Cruz, foi sempre por diante a obra das fontes. Disse-se então que se levantárão tão alto os arcos para se levar agua ao Collegio da Companhia, onde estava o P. Luiz Gonçalves da Camera, Mestre de ElRei, e irmão daquelle valído, que tanto se empenhára nesta obra.

Passou-se depois uma Provisão, para se não darem em tempo algum as aguas, senão ao Mosteiro do S. Cruz, a quem forão tiradas (*a*).

Quando ElRei D. Sebastião esteve em Coimbra em 1570, visitando o Mosteiro de S. Cruz, foi ver o Claustro da Manga. Não corrião as aguas da fonte, os tanques estavão sêccos, e nelles andavão a pé enxuto quatro cysnes formosos. ElRei perguntou ao Prior Geral a causa de estarem os tanques sem agua; ao que elle respondeo: « Senhor, esta Claustra era a melhor cousa, que tinhamos,

(*a*) *Chron. dos Coneg. Reg.* L. 10. c. 18.

e que estimavamos, pelo grande Rei D. João III. Vosso Avô a mandar fazer, e a traçar na manga do seu roupão Real; e sempre até agora a esta fonte e tanques correo agua, que V. M. nos mandou tirar para a Cidade, sem nos deixar se quer uma das quatro fontes, que tinhamos para estes tanques; de que estes cysnes parece se dão por aggravados, e por isso vírão costas, e não vem chamando a V. M., sentidos de lhe tirar a sua agua. » ElRei sorrio-se ouvindo isto; e quiz ceder-lhe uma das fontes, mas a isto se oppoz o Cardeal D. Henrique (*a*).

CAP.

(*a*) *Chron.* L. 10. c. 20. Sobre o ultimo arco do Aqueducto está um nicho de pedra com a imagem do Martyr S. Sebastião, e por baixo está uma lapide em cada lado do arco, em que se lê este letreiro: *Anno salutis humanae* 1570 *invictissimus Lusitaniae Rex Sebastianus nobilem hunc Aquaeductum, qui multis ante seculis partim vetustate corruerat, partim exciso, et perforato Urbis monte longa — Hominum oblivione, delituerat a primis fundamentis, iterum nobiliusque aedificatum populo Conimbricensi restituit, atque dilapsas aquas in communem Civium totiusque Academiae usum reduxit.* Na outra frente do arco está outro letreiro em Portuguez, que diz o mesmo com pouca differença.

CAP. XXIX.

Chêa no Mondego em 1831.

Vês o rio, que vai de monte a monte,
Carregado de roubos e queixumes,
Que ora ameaça, ora não soffre a ponte?

Ferreira.

Por espaço de tres dias estiverão os Ceos envoltos em densos nevoeiros, que formavão sobre Coimbra um extenso pavelhão. Horrendos trovões fazião resoar com seu medonho estampido os bosques e os valles, e as chuvas pesadas, que se desprendião dos ceos, nos trazião á lembrança o diluvio universal. De cima das montanhas visinhas com terrivel estrondo se precipitavão, como rios, as torrentes de agua; e as arvores sacudidas por um vento furioso se arremeçavão para todos os lados, dando gemidos e agudos estálos.

As casas das quintas, que estão situadas nas margens do rio, cercadas pela chêa, parecião ilhas desertas. Os alamos e as laranjeiras apenas mostravão suas pontas acima das aguas. Os torrões de terra, que a invernada despegava dos oiteiros, que se erguem sobre as bordas do rio, vinhão seguindo a

corrente das aguas como ilhetas fluctuantes. Dos despojos, que ficavão represados na ponte, se formou uma especie de terreiro, por baixo do qual se escoavão as aguas, que lá íão saír da outra banda.

Quando o rio começou a entrar pela Cidade baixa, só se ouvia a matinada, que fazião os seus moradores calafetando as portas das lojas. Que admiração não causava ver as pernadas (*a*) do rio saíndo de umas ruas, e entrando pelas outras! Transformou-se n'um mar vastissimo a Praça de Sansão: e as aguas, formando pelas ruas uma especie de canal, nos appresentavão em ponto pequeno um quadro fiel da Cidade de Veneza (*b*). Os ha-

(*a*) Barros na *Decad.* II. Liv. V. cap. 1. diz: «Lá dentro estes dous esteiros se communicão ambos, e fazem *pernadas* pela terra:» e o eruditissimo Antonio Pereira, notando esta passagem, diz:» Se Barros dissesse aqui, *fazem braços*, dar-nos-hia a idéa de que só erão dous. Como advertio, que aquellas propagações dos rios ou esteiros de Gôa erão muitas, disse *pernadas*, que é um nome de significação indefinida.» E por esta mesma razão usei eu delle neste lugar. Vid. *Mem. de Literatura da Acad. Real das Sciencias*, Tom. I. pag. 12.

(*b*) Anda-se em Veneza por um grande canal, que rega a Cidade pela parte do occidente, na figura de um *S*, e aonde desemboccão todos os outros canaes, que se communicão de tal modo entre si, que por elles se vai a qualquer parte da Cidade sem nunca

bitantes, como as pombas, quando recolhidas nas suas casinhas observão os chuveiros do inverno, póstos ás janellas admiravão a enchente furiosa, que os tinha cercado em suas casas.

No terceiro dia da chêa os Conegos de S. Cruz mandárão os seus leigos em barcos, segundo o seu antigo e louvavel costume, soccorrer as tristes familias, a quem o Mondego sitiára. Quando elles desemboccavão lá no fim de alguma rua, os pobres entoando o *Bemdito e Louvado*, e alevantando para o Ceo os olhos e as mãos, abençoavão os seus bemfeitores. Eu vi uma triste mãi, que cercada dos filhinhos, estendendo para o barco os olhos e os braços, clamava, que havia dous dias, que não entrára soccorro em sua casa. Os Estudantes mettidos em barcos, e passeando pelas ruas da Cidade, fazião este espectaculo mais assombroso e poetico.

Vião-se, depois de ter passado a chêa, as arvores quasi tôdas desarraigadas, os campos estragados, e as hortas cobertas de montes de arêa. Tinhão de todo desapparecido as viçosas margens do rio, que nesta enchente perdêrão os seus vestidos de relva.

---

pôr pé em terra. Vid. *Voyage . . . de l'Italie par* P. Petit-Radel Tom. I. Cap. VIII. p. 157.

CAP. XXXI.

A Sé Nova, e os Jesuitas.

No mar tanta tormenta e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!

Cam. *Lus.* X. 6.

A Perspectiva majestosa desta Cathedral influe no espirito, e nelle inspira pensamentos grandes. Nella parece reinar a grandeza dos Affonsos e Manoeis. Se êrgo os olhos para o alto do zimborio, vejo levantado um abysmo sobre a minha cabeça. Reparando nos seus arcos soberbos, nas suas paredes eternas, sinto abrir-se em minha alma uma vasta admiração. Mas este Edificio foi levantado por quem tinha animo de Rei, sem ter Sceptro nem Corôa.

As paredes e abobadas são todas de cantaria. A firmeza, que inculcão, parece prometter uma duração eterna *(a)*. Mas quem as

(a) Disserão-me, que apezar da grandeza desta Igreja, ella não estava perfeita, porque lhe faltavão

poderá preservar das ruinas, que tem sido a triste herança dos monumentos mais solidos? Tempo virá, em que estas soberbas abobadas, que formão agora o ceo majestoso do Templo, cairão por terra em pedaços; em que aos sons do orgão e da musica, e aos hymnos do Eterno, hão de succeder os zunidos do vento e o estrondo das tempestades; em que hão de ouvir-se de cima da torre derribada os gemidos da coruja, habitante de ruinas; e em que os raios do sol não achem mais obstaculo em sua passagem. Nascerá a herva na Igreja, como no campo. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria do Nascimento do Salvador. Ver-se-hão ermas e solitarias estas Capellas; e o mocho chorará de cima do pulpito as ruinas do Templo.

E que mudança não tem elle feito ha setenta annos para cá! Já não apparecem nem nos altares, nem nos pulpitos os descendentes dos seus fundadores. Eu sempre lamentarei a perda desta Corporação de Sabios, que toda se empregava no ensino da mocidade e na conversão dos Infieis!

---

as tribunas por cima das Capellas, as quaes se não fizerão, porque ElRei D. João III. morreo, estando a obra incompleta. A Igreja de melhor arquitectura, e mais bem acabada em Coimbra, é a do Collegio de Thomar.

Não levando a bem, que aquelles povos, que erão primeiro alumiados pelos raios nascentes do sol, fossem os ultimos esclarecidos pela luz do Evangelho, lanção a sua vista sobre a India, e á voz de um Francisco Xavier adorão a Cruz Goa, Japão e Meliapor. Não se contenta o seu zelo com terem a Europa toda Christãa, nem com terem arvorado a Cruz pelas costas de toda a Africa, e terem prégado o Evangelho até ás portas da China. Não se limita a um só mundo a sua alma, conquistão a America, enriquecem a Europa. A Cruz na mão de um Jesuita ganhou maior numero de Reinos nas duas Indias, do que ganhárão os exercitos de Alexandre ou Dario, se lá podessem penetrar; porque « as mãos levantadas para o Ceo, como diz Bossuet, destroção mais batalhões, que as mãos armadas de lanças. »

Por este Templo é que saião, como de praça central, esses correios do Ceo a levar aos povos barbaros as novas da salvação. Corrião a submetter-se á porfia aos ardores da Zona Torrida, ás settas dos Brazís, ás lanças dos Mouros, ás catanas dos Japões, e aos perigos do mundo todo por amor do seu JESUS. Ah! dizião elles, que soldado haverá tão cobarde, que recúe, vendo o seu Chefe com a Cruz na mão e a frente coroada

de espinhos, correndo adiante delle em soccorro dos homens?

Si mourir pour son prince est un illustre sort,
Quand on meurt pour son Dieu, quelle sera la mort?
CORNEILLE.

O Padre MANOEL DE NOBREGA, que tantas vezes atroou estas abobadas com sua voz eloquente, foi o novo Orpheo das solidões do Brazil. « O que de Orpheo, diz BALTHAZAR TELLES, fingio a antiguidade de Grecia, vemos em nossos dias cumprido na gentilidade do Brazil; pois vemos tantas feras de natureza tão indomita, seguirem a doutrina, e os santos conselhos do bom Padre MANOEL DE NOBREGA, primeiro Orpheo, que com tanto louvor amansou estas féras » *(a)*.

Os Jesuitas mettidos em barcos subião pelos rios de S. Francisco e Amazonas levando após de si os Selvagens, que encantados pelo som dos instrumentos, e da musica corrião ás margens, e os seguião chorando.

A Historia dos Jesuitas anda enlaçada com a da conquista das duas Indias, e da civilização dos dous Mundos. Elles forão os educadores dos Reis e dos Povos. Que homens illustres não saírão do seio desta sociedade! Que Mathematicos, que Oradores, que Poetas, que Historiadores não illustrárão.

(a) *Chron.* L. VI. c. 6.

os Claustros, e luzírão como planetas de virtude e saber nos lugares mais eminentes da Igreja!

O seu mesmo Instituto promovia o progresso das sciencias. « Acabados seus estudos, diz o A. do *Genio do Christianismo (a)*, se tinhão os dotes, que se requerem na sociedade, se tinhão um genio elegante, que agrada ao mundo, erão logo remettidos á Capital, introduzião-se na Côrte, e no palacio dos Grandes. Erão amigos da solidão? ficavão nas Bibliothecas, e no centro dos Claustros. Tinhão o dom da eloquencia? dava-se-lhes o Pulpito. Se tinhão um entendimento claro, exacto e paciente, offereciãolhes as Cadeiras dos Collegios. Se erão ardentes e intrépidos, lá íão morrer aos golpes do ferro Mahometano, ou do selvagem. Em fim se tinhão o talento de governar os homens, a Ordem os collocava á frente de suas casas.

« A Europa sábia, continúa este homem eloquente, sentio uma perda irreparavel com a quéda dos Jesuitas. Depois da sua ruina, nunca mais levantou cabeça a educação da mocidade. Como a sua principal profissão era a das letras, os mancebos, que frequentavão as suas aulas, julgavão-se membros

(a) Part. IV. L. VI. c. 6.

de uma illustre Academia. Elles estabelecião uma especie de patronato entre os discipulos de diversas fortunas, que redundava em proveito das sciencias. Formados estes vinculos na idade, em que costuma abrir-se o coração aos sentimentos generosos, nunca mais se rompião : e deste modo vinha a haver entre o Principe e o homem de letras essas antigas e nobres amizades, que sómente se davão entre os Scipiões e os Lelios. »

Os males, que se attribuem aos Jesuitas não equilibrão por um momento os beneficios, que fizerão á sociedade. Mas a justiça, e a verdade por fim triumphão ; e elles são novamente chamados. O Ceo lance sobre elles a sua benção, e faça que excedão os antigos em sabedoria e virtude *(a)*.

(a) S. Ignacio de Loióla a instancias de ElRei D. João III. remetteo de Roma a Portugal dous Jesuitas, Simaõ Rodrigues e Paulo Camerte, que desembarcárão em Setubal em 1540. Estiverão dous annos sem casa propria; porém em 1542 ElRei lhes cedeo para seu Collegio o sitio, em que pretendia levantar as Escholas da Universidade. *Chron. da Comp.* Em 1759 forão desnaturalizados de Portugal, e remettidos por mar aos Estados do Papa. O Real Collegio das Artes em Coimbra foi annexo á Universidade, e mudou-se para o seu Templo a Sé Episcopal. Antonio Per. *Elog. dos R.* e *Comp. das Epoch.*

CAP. XXX.

O Seminario do Bispo.

Ao pé do Convento de S. José dos Marianos, e proximo do Penedo da Saudade fica o Seminario Episcopal *(a)*. Para elle se entra por um páteo espaçoso, cercado de arvores altissimas, que dão uma sombra deliciosa aos assentos que o rodêão. A fachada do Edificio está repartida em duas ordens de janellas: abre-se no meio a porta principal, que tem uma grade de ferro e bronze, feita por um gosto delicadissimo *(b)*. De cada lado se levanta no meio de sete janellas uma torre majestosa. A grandeza do Edificio, a sumptuosidade, com que foi erigido, a symetria das suas janellas, a ordem e proporção, que reinão em todo elle, enchem de admiração o

(a) O Edificio é quadrado. Tem da parte do sul quatro andares, e dos outros lados tres, exceptuando a frontaria, que tem dous, por estar edificado n'uma ladeira. É soberbo o Edificio, não só pela symetria das suas peças, mas tambem pela sua segurança, e por ser de abobada fabricada de tijolo.

(b) Esta grade veio de Bolonha, e segundo a relação, que me deo por escripto o Reitor, custou 1:416:500 rs.

espectador, e lhe excitão o desejo de saber quem foi o seu Auctor. Logo á sua entrada se admira o Portico da Igreja de marmore finissimo *(a)*, e a poucos passos o retrato do seu fundador com habito e insignias de Prelado *(b)*. Sóbe-se até o ultimo andar por duas escadas de caracol, feitas com tal artificio, que do ultimo dos 118 degráos se vê quem sobe o primeiro, e vai subindo os seguintes *(c)*.

Desejei saber a historia deste sumptuoso Edificio; e para satisfazer a minha curiosidade, fui procurar uma tarde o Reitor do Seminario. Neste vasto Edificio reinavão então o silencio e a solidão; e crer-se-hia facilmente, que ninguem o habitava. Cheguei a um comprido corredor, que á similhança de uma longa rua se abria diante de meus passos; atravessei todo elle, passando por duas Capellas, em que admirei o aceio e a de-

---

(a) O marmore do Portico é da mesma qualidade, que o dos Altares collateraes da Igreja, e custárão 600:000 rs. Sobre a Porta da Igreja está este letreiro: *Pavete ad sanctuarium meum, et custodite sabbata mea; Ego Dominus.* Levit. Cap. XXVI. v. 2.

(b) Obra de Pascale Parente.

(c) Tem quatro escadas interiores, duas de lanços no quarteirão da frente, para o lado do norte; e duas de caracol no quarteirão do lado do sul.

licadeza nos ornatos. Cada uma tem o seu orgão *(a)*. Nas extremidades do corredor ficão duas varandas, que lanção sobre arvoredos. Dalli se descobrem os sitios mais saudosos de Coimbra; dalli avistei o Mondego, a Ponte, e as Quintas da Boa-Vista, das Lagrimas, e das Cannas, assim como os Conventos Reaes de S. Clara e de S. Francisco, ficando-me á direita o Observatorio e a Torre da Universidade. Em fim descobri ao longe os montes e valles, que rodêão a Cidade de Coimbra.

Depois de ter admirado neste quadro as maravilhas da natureza, vim passear pelos corredores, esperando encontrar nelles alguem, que me ensinasse o quarto do Reitor. Finalmente avistei lá no fim do corredor um criado, que foi dar parte a seu amo de que um Estudante o procurava. Mandou-me entrar n'uma sala, e apenas me tinha assentado, quando senti abrir-se a porta, e voltando o rosto, vi dirigir-se para mim com passos vagarosos um Sacerdote venerando, a quem os annos fazião ainda mais respeitavel. Era alta e majestosa a sua estatura, um solidéo lhe cobria

(a) Uma das Capellas é dedicada ao Anjo S. Miguel, e a outra á Annunciação de N. Senhora; talvez por ser o nome do Fundador do Seminario — Miguel da Annunciação.

cobria a corôa, tinha vestida uma lôba, e no peito lhe brilhavão as insignias equestres das Ordens de Christo e Conceição. Depois dos cumprimentos do costume, lhe pedi, que me désse algumas noticias da fundação do Seminario. Disse-me que o Fundador deste sumptuoso Edificio fôra o Bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação. « Este Santo Prelado, continuou elle, desejando que no seu Bispado florecesse a virtude e a sciencia; desejando ter Sacerdotes instruidos nas letras divinas e humanas, que o podessem ajudar na cultura da Vinha do Senhor, publicou na sua Diocese uma Pastoral, em que, animando o zelo e a piedade dos Fieis, lhe pedia que concorressem com esmolas para a fundação de um Seminario, onde fossem educados os meninos pobres sem dispendio de seus pais (a). Ajudou-o muito nesta empreza D. Nicola'o Gilberti, Sacerdote Napolitano, o qual mandou convidar para a sua execução os melhores Arquitectos da Europa. Como taes vierão da Italia João Francisco Jamozi e João Jacome Azzolini.

« Lançárão-se os alicerces do Edificio em

(a) Foi dada a Pastoral ou Provisão em 23 de Maio de 1741, a qual se conserva manuscripta na Bibliotheca do Real Mosteiro de S. Cruz.

22 de Junho de 1748, e continuando a obra sempre debaixo da direcção do zeloso Gilberti, em 28 de Outubro de 1765 estava de todo acabada. Este virtuoso Sacerdote foi eleito pelo Senhor Bispo primeiro Reitor do Seminario (*a*).

« Jamozi porém não teve a satisfacção de ver o remate ao edificio; porque na occasião, em que se punha no Campanario um dos sinos, caío da torre abaixo, ficando sem vida; e o primeiro sinal, que fizerão aquelles pregoeiros da Eternidade, foi pela morte do mais illustre dos seus Arquitectos (*b*). O Senhor D. Miguel, continuou o Reitor do Seminario, teve a gloria de ver acabada em seus dias esta obra estupenda; gloria sem dúvida singular neste Reino, onde os grandes mo-

(*a*) Gilberti era natural da Provincia de Salerno no Reino de Napoles. De Roma veio a Hespanha como Director e companheiro do Nuncio Apostolico; dalli se passou a França, e finalmente a Portugal. O seu intento era promover a instrucção do Clero Portuguez. Dirigio-se a Coimbra, e alli tractou com o seu Bispo sobre a fundação de um Seminario, de que foi primeiro Reitor. Daqui se passou depois, por ordem de ElRei D. José I., a ser Reitor do Collegio dos Nobres em Lisboa.

(*b*) Por esta causa mandou o Bispo dar á viuva de Jamozi 40:000 reis, em quanto fosse viva. Azzolini foi depois para Lisboa trabalhar no Theatro de S. Carlos.

numentos tem quasi sempre ficado incompletos; e para não saírmos de Coimbra, provaremos nosso dito com o Laboratorio de Chymica, com o Jardim Botanico, e com o Observatorio Astronomico, que não passárão do meio.» Depois louvou-me muito a Igreja do Seminario, assim pela sua arquitectura, como pelas suas pinturas e marmores. Despedi-me finalmente daquelle generoso Prelado, e fui admirar a obra, que elle tanto me engrandecêra.

O templo é sumptuoso. O seu recinto é redondo, porém em fórma oitavada. Tem na frente uma Capella, e outra em cada lado. Produzírão em minha alma um effeito assombroso os preciosos e finissimos marmores, de que é fabricado o Altar-mór (*a*). É maravilhoso o quadro, que fica na bôcca do throno, pela viveza e naturalidade das suas pinturas. Nelle se representa a Achada do Menino entre os Doutores. A Virgem chega ao Templo afflicta e com rosto agoniado, como quem olha para todos os lados buscando o seu filho, que perdêra. Um velho venerando, coberto de cans, e com as

(*a*) O marmore veio já polido e prompto de Genova, onde custou seis mil cruzados, e de conducção 300:000 reis.

barbas crescidas, lhe está apontando para elle, que sentado no meio de uma corôa de respeitaveis anciãos, lhes está dizendo taes cousas, que enchem a assemblêa de assombro, e fazem pender todos de seus labiôs (*a*).

Os Altares collateraes, que estão defronte um do outro, são tambem de marmore finissimo, e fabricados com grande primor e artificio. Nelles ambos se nota a mesma arquitectura, a mesma delicadeza, o mesmo gosto em tudo (*b*).

Sobre a nossa cabeça, á maneira de uma profunda voragem, se levanta o zimborio, ornado com pinturas finissimas (*c*). Estão alli os Anjos com uma pompa celeste coroando a Virgem dos Ceos. A esta Acclamação gloriosa preside a Santissima Trindade. Patriarchas e Heroes do Velho e Novo Testa-

(*a*) Mandárão de Roma ao Fundador do Seminario esta pintura com muitas outras, e com varias reliquias, que estão na Capella de S. Miguel.

(*b*) Sobre um dos Altares está a Imagem de S. José, Padroeiro do Seminario, e no outro a da Senhora da Conceiçaõ, que ambas vierão de Italia; e debaixo de cada uma de suas banquetas está um esqueleto formado de ossos de varios Santos: um com o nome de S. Liberato, outro com o de S. Fortunato.

(*c*) São obra do Italiano Pascale Parente. Custárão estas pinturas 600:000 reis.

mento prolongão ainda mais este pomposo cortejo; nelle tambem forão admittidos muitos dos Santos, que habitão a Cidade eterna. Sobre a Porta principal fica o Orgão (*a*), que, como cysne dos Templos, excita no coração com a melodia dos seus sons uma saudade religiosa.

Não passarei em silencio a vida santa e heroica do illustre fundador do Seminario. ElRei D. João V. offereceo-lhe a Mitra de Coimbra, sem que lhe custasse um desejo. Senhor daquella vasta Diocese, empregou todo o seu zelo em conservar a pureza dos costumes, e a santidade da Religião. Vendo o risco, em que andavão as suas ovelhas pelos muitos livros de impiedade, que inundavão Coimbra, em 8 de Novembro de 1768 expedio uma Pastoral, em que prohibia a leitura de taes livros. Entre estes apparecião as obras de Dupin e Febronio (*b*).

. . . . . .

. . . . . .

(*a*) Foi feito pelo Hespanhol João Fontanes de Maqueixa em 1763, e custou seis mil cruzados. A Igreja tem ricos paramentos, que lhe deo o Fundador.

(*b*) Dupin, *de antiqua Ecclesiae disciplina Dissertationes historicae*; e Justino Febronio, *De Statu Ecclesiae, et legitima potestate Romani Pontificis.*

CAP. XXXII.

A Igreja do Collegio de N. Senhora do Carmo (*a*).

Fallando dos monumentos respeitaveis, que ennobrecem a Cidade de Coimbra, não devo passar em silencio aquelle, que foi levantado por um Prelado insigne pelas suas letras e pela sua santidade. Fallo da Igreja do Collegio de N. Senhora do Carmo, erigida á custa do Bispo de Portalegre, D. Fr. Amador Arraiz. « A Cidade de Coimbra, diz este illustre Prelado (*b*), me succedeo em lugar de Patria, onde gastei a flor da minha adolescencia, e idade varonil, e espero de passar os poucos annos, que me restão de vida (pois em muita velhice não podem ser muitos), e passados elles ser sepultado no meio da Capella-mór da Igreja do Collegio de N. Senhora do Carmo, que erigi, e dotei o

(*a*) Este Collegio foi fundado pelo Arcebispo D. Fr. Balthazar Limpo. Quem desejar saber quaes forão os Fundadores dos mais Collegios de Coimbra, veja a *Chorog. Port.* tom. II. cap. 2.

(*b*) *Dialog.* X, 85.

melhor que pude, e puz na perfeição, que ora tem, com a Sacristia, que já está acabada, e crasta nova, que se vai fazendo. »

A leitura desta passagem excitou em minha alma o desejo de admirar aquelle monumento, que fôra levantado por um amigo das letras. O seu Claustro é vistoso; no meio delle está plantada uma formosa laranjeira, que faz gozar na Clausura as delicias do campo. Visitei aquelles corredores, por onde passeára este illustre Prelado, e saudei aquella cella, em que elle « escrevêra o Livro dos Dialogos entre os Religiosos, seus Irmãos, com trato tão humilde, como se fosse o minimo delles (*a*). »

Entrei depois na Igreja. O templo é espaçoso, e de bella estructura. Tem uma só nave e tres Capellas de cada lado. Defronte do Altar-mór fica a sepultura deste Prelado, sem insignias de Bispo (*b*).

Contemplando este Edificio, deixei-me elevar por aquelle sentimento de veneração,

---

(*a*) Fr. Luiz da Apresentaçaõ, *Vida de Fr. Estevão da Purificação*, L. III. cap. 10.

(*b*) Tem este Epitafio: *S. de D F. Amador Arraiz, Bispo de Porta-Alegre, Feitura de ElRei D. Anrique, seu Esmoler Mór. Foi o primeiro Religioso, que professou neste Collegio. Falleceo ao 1 de Agosto de* 1600.

que sempre excita em nossa alma a lembrança de um homem, que foi amigo das sciencias.

Mas é tempo de descançar; e tomar alento para dar principio a novo trabalho.

Hoc opus exegi, date fessae serta carinae:
Contigimus portum, quo mihi cursus erat.

Ovid. *Rem. Am.*

F I M.

CARTA A JULIA.

CARTA A JULIA.

Vade salutatum, subito perarata . . . . . .
Litera, sermonis fida ministra mei.
Vivere me dices: sed sic, ut vivere nolim.

OVID. *Trist.* Lib. III. Eleg. 7.

JUlia, tenho concluido metade da minha tarefa; tenho-te descripto a terra, que possue o teu amante. Nenhuma cousa poupei, em que podesse agradar-te. Imitei, traduzi, e copiei quanto pude achar digno do teu gosto nas obras nacionaes e estrangeiras. Oxalá que a minha possa excitar em tua alma um sentimento de compaixão! Oxalá que possa dar algum allivio á tua saudade, assim como o deo á do teu amante nas compridas noites de inverno, em que foi escripta!

Em quanto os mais se divertião nas conversações e nos jogos; em quanto não se ouvião nas casas visinhas senão os risos e as vozes da mocidade alegre, o teu amante sepultádo na dôr e na solidão só se lembrava de Julia. Todos os seus pensamentos, todas as suas idêas se íão reunir em ti como em ponto central de todos os seus sentimentos (*a*). Julia, ó minha Julia, eu só para ti é que escrevo. Que me importa, que o restó do mundo despreze o meu livro, se elle podér agradarte? Se elle podér arrancar de teu peito um suspiro de ternura? Honras, titulos, grandezas do mundo, tudo, tudo desprézo. Uma só cousa desejo, uma só felicidade conheço, e tu só ma podes dar.

(*a*) *Quare quis tandem me reprehendat, aut quis mihi jure succenseat, si quantum ceteris ad suas res obeundas, quantum ad festos dies ludorum celebrandos, quantum ad alias voluptates, et ad ipsam requiem animi et corporis conceditur temporis, quantum alii tribuunt tempestivis conviviis, quantum denique aleae, quantum pilae; tantum mihi egomet ad haec studia recolenda sumpsero?* Cic. *pro Archia Poët.* VI. 13.

Mas quando, oh! quando chegará esse momento de gloria, em que tenha a ventura de ver-te? Oh! como então serão rapidos os dias da nossa ventura; os dias, em que vivermos juntos! Julia, minha querida Julia, eu vivo n'um deserto, porque vivo longe de ti; sem a minha Julia a natureza inteira é para mim um vasto campo de ruinas, por onde arrasto uma pesada cadêa de ferrea existencia. A solidão e as trevas são o meu elemento. Corro mil vezes no dia esses retiros saudosos, que té descrevi em momentos de amargura. Gemo na Quinta das Lagrimas, chóro na Fonte dos Amores, suspiro no Penedo da Saudade, nesse Capitolio da dôr, que mais que todos os sitios encanta minha alma. Rompendo o silencio da noite e o respeito da solidão, alli chamo, alli brado por ti. Algumas vezes me parece ainda ouvir a tua doce voz: mas são os échos, que atroando continuamente os meus ouvidos, vão repetindo ao longe com sons maviosos *Julia! Julia!* A's vezes como que sinto pas-

sadas, julgo, imagino que chegas, applico o ouvido, escuto, volto o rosto de um e d'outro lado, ah! são os passarinhos, que acordando ás minhas lamentações, escolhem novo pouso entre os ramos das arvores; pois batendo as azinhas, vem profundar o abysmo da minha tristeza com a ternura do seu canto. Duas, tres, e quatro vezes contão os relogios da Cidade as passadas da noite, e eu continúo neste encantamento, neste mysterio da dôr.

Alli me tem preso as nuvens, as montanhas, o rio, os bosques e as saudades da Patria. Julia, ó minha Julia! não ha terra como a nossa. Os campos de Coimbra, que são o paraiso de Portugal, o fóco das luzes, e o arquivo precioso das raridades da natureza e da arte; os campos de Coimbra, não são tão bellos a meus olhos, como as nossas deleitosas campinas. Patria querida, amada terra do meu nascimento, onde tranquillamente passei a minha tenra infancia sob os olhos de uma mãi querida, que foi o mo-

delo das esposas, o raro exemplo de todas as virtudes sociaes e Christãas, o coração mais compassivo e generoso; sob os olhos de um pai igualmente querido, que foi sempre o amigo extremoso de seus filhos, e a quem a morte implacavel veio roubar á ternura e aos carinhos da familia consternada; Patria querida, amada terra do meu nascimento, a tua lembrança é cada vez mais grata e saudosa ao meu coração; a esperança, que ainda conservo, de beijar um dia tuas praias, arrebata minha alma em extases de prazer, e me accende no peito o desejo ardente de te ser algum dia proveitoso.

Sit mcae sedes utinam senectae!
Sit modus lasso maris, et viârum,
Militiaeque!
Hor. *Carm.* L. II. *Od.* 6.

O' minha Julia, ausente de ti e da Patria não tenho um momento de alegria: a minha existencia é bem similhante á do pas-

saro infeliz, que abandonando o ninho paterno, aporta a um paiz remoto e deserto, onde, distante dos seus companheiros e longe da sua amada esposa, passa seus dias na profundidade dos valles, solitario, confuso, sem vontade, sem consolação, e sempre exposto ás injurias do tempo.

Oh! quantas vezes, se podesses observar os meus passos, quantas vezes me não verias procurando os retiros e as solidões! Quantas vezes alli me não verias entregue á mais viva saudade, dirigir ao Ceo meus votos pela tua saude! Quantas vezes com as lagrimas nos olhos, com a voz retalhada por alto chôro, me ouvirias interrompidamente bradando: O' Deos clemente, tu, que dotaste a minha Julia de tantas virtudes celestes, que a déste ao mundo para exemplo da infinita perfeição das tuas obras, e a mim para ser o doce objecto do meu amor; attende, Senhor, attende a minhas supplicas; conserva, prolonga, e se for necessario accrescenta os annos futuros da minha á sua

existencia (*a*); ah! e se for possivel, dá a immortalidade á minha Julia; e se a morte cruel ma pertende roubar, ó Senhor, permitte, que o monstro crave em meu peito seu punhal funesto mil vezes antes, que desfeche o golpe fatal sobre o fio delicado da sua existencia.

Fica certa, ó minha doce Julia, fica certa, que o ponto, que ha de terminar os meus dias, ha de ser o momento infausto, em que teus olhos derem ao mundo o ultimo adeos. Ah! e que ficaria eu fazendo cá na terra sem a parte mais sublime de minha alma (*b*)? Que ficaria eu fazendo cá na terra solitario, desgostoso de mim, vivo tendo já perdido a metade mais preciosa

---

(*a*) *Pars animae victurae meae, cui linquere possim*
Oh utinam, quos dura mihi rapit Atropos, annos!
De nostris annis tibi Jupiter augeat annos!

(*b*) *Ah! te meae si partem animae rapit*
Maturior vis, quid moror, altera?

Hor. *Carm.* Liv. II. Od. 17.

de mim mesmo (*a*)? Não, minha Julia, eu não te hei de sobreviver; um mesmo dia ha de pôr termo a nossa existencia. Hei de seguir teus passos; hei de ir comtigo entrar no caminho da eternidade: inseparavel socio te hei de acompanhar nesta ultima viagem.

O' minha Julia, não se passa um momento, em que me não lembre de ti: em toda a parte te busco, mas em nenhuma te encontro, em nenhuma te acho! Rompe o sol nos horisontes, traz o dia aos mortaes; mas não me traz nunca a esperança de vêrte. Põe-se outrá vez, deixa a terra envolta n'um manto de trevas; e sem eu ter visto o sol dos meus dias!

(*a*) ..... *Ille dies utramque*
Ducet ruinam, non ego perfidum
Dixi sacramentum, ibimus, ibimus,
Utcumque praecedes, supremum
Carpere iter comites parati.

Hor. *lugar cit.*

Eis aqui, ó Julia, como, ausente de ti, passo a vida n'uma noite eterna de dôres... Mas é tempo de repouso, um silencio universal reina sobre a terra, e todos os viventes gozão das delicias do somno, desse esquecimento da vida, que põe termo aos prazeres e aos trabalhos do dia. Julia, adeos, que a solidão e as trevas estão chamando por mim.

INDEX.

	Pag.
CARTA A JULIA servindo de introducção	2
Cap. I. Fundação de Coimbra	9
Cap. II. Vista de Coimbra	20
Cap. III. Genio de Coimbra.	24
Cap. IV. A Quinta das Lagrimas	30
Cap. V. A Fonte dos Amores	38
Cap. VI. As Ruinas do Mosteiro de Santa Clara	47
Cap. VII. O novo Mosteiro de Santa Clara	57
Cap. VIII. S. Francisco da Ponte	61
Cap. IX. A Ponte	72
Cap. X. O Mondego	77
Cap. XI. O Convento de S. Domingos.	82

Cap. XII. Fundação do Mosteiro de . Pag.
S. Cruz 93
Cap. XIII. Reedificação do Mosteiro 101
Cap. XIV. Trasladação das Reliquias Reaes 108
Cap. XV. Sacristia e outros lugares notaveis 110
Cap. XVI. O Santuario 112
A Quinta de S. Cruz 115
Cap. XVIII. O Tumulo do Inglez ... 121
Cap. XIX. O Mosteiro de S. Anna .. 125
Cap. XX. A Sé Velha 127
Cap. XXI. O Bosque dos Jesuitas .. 138
Cap. XXII. O Castello 140
Cap. XXIII. O Penedo da Saudade .. 142
Cap. XXIV. S. Antonio dos Olivaes 146
Cap. XXV. Santa Comba 157
Cap. XXVI. O Palacio do Infante D. João 162
Cap. XXVII. A Igreja do Salvador 163
Cap. XXVIII. O Aqueducto de S. Sebastião 166

Cap. XXIX. Chêa do Mondego em 1831 ..... Pag. 169

Cap. XXX. A Sé Nova, e os Jesuitas 172

Cap. XXXI. O Seminario do Bispo .. 178

Cap. XXXII. A Igreja do Collegio de N. Senhora do Carmo 186

CARTA A JULIA 191